



DESDE 2019

Crédito a empreendedores do estado alcança R\$ 171 milhões

Nesse período, mais de 21 mil pessoas foram atendidas pelo programa, que impulsiona a economia local. **Página 4**

Foto: Divulgação/PCPB



Operação Recupera estimula denúncias de roubo de celulares na PB

Número de ocorrências que passaram a incluir a identificação dos aparelhos vem crescendo desde o início da força-tarefa, que está prestes a completar um ano. Trabalho de investigação da polícia consiste em localizar os responsáveis pelos crimes e os receptadores, além de devolver os celulares aos seus proprietários.

Página 7

Debate climático amplia vozes de jovens lideranças nascidas no estado

Mikaelle Farias e Maria Isabel Liberato representaram a Paraíba na COP30 e levaram experiências locais para o nível global.

Página 20

Documentário mostra paraibanos nos bastidores das Paralimpíadas

Produção, disponível no Globoplay, retrata o futebol de cegos, com participação de Fábio Vasconcelos e Matheus Costa.

Página 21

Produção paraibana de ovos cresce 243% nos últimos 20 anos

Resultado é maior que o crescimento médio brasileiro (101%). Só em 2024, foram mais de 74,7 mil dúzias do produto no estado.

Página 17

Foto: Leonardo Ariel



Woody Allen chega aos 90 anos produzindo filmes em meio ao “cancelamento”

Diretor estadunidense segue rodando longas-metragens fora dos Estados Unidos, onde enfrenta resistência por antigas denúncias de abuso. Seu próximo trabalho será gravado na Espanha.

Página 9

■ “Sonhávamos que fosse a preservação do natural, homem e natureza respeitados pelo progresso, que consolidasse João Pessoa como destino. E não só pela ambição do lucro”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

**Correio
das Artes**

Fest Aruanda celebra produções e ganha as ruas de João Pessoa

Suplemento traz, nesta edição de novembro, reportagem especial sobre o festival de cinema e uma entrevista exclusiva com Antonio Arruda, roteirista da série “Cidade Invisível”, exibida pela Netflix.



**NOVEMBRO
AZUL**

Mês de cuidado e conscientização sobre a saúde do homem

EMP

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

Editorial

INSS: hora de mudar

O recente “Escândalo do INSS”, certamente, deixou céticos milhares de pretendentes à aposentadoria ou pensão, no que diz respeito à aprovação de seus pedidos. Afinal, o esquema fraudulento, que, segundo a Polícia Federal (PF), le-sou mais de um milhão de beneficiários em todo o país, com descontos indevi-dos, numa cifra que supera a casa dos R\$ 6 bilhões, fez cair a credibilidade quan-to à eficácia do INSS.

A natureza da fraude não pode ser esquecida pela sociedade brasileira, sob pena de repetição do enredo criminoso, que se desdobrou por meio de descontos ilegais em aposentadorias e pensões de milhões de beneficiários, como foi ressal-tado. Os artifícios para surrupiar dinheiro tão sofrido eram articulados por as-sociações e sindicatos, com direito a falsificação de assinaturas e uso indevido de dados pessoais.

Descoberta a falcatrua, a Polícia Federal e a Controladoria-Geral da União (CGU) entraram em campo e iniciaram uma série de operações, com vistas a de-sarticular a estrutura criminosa, prender e levar os responsáveis às barras da Justiça. O “Escândalo do INSS” teve repercussão no Brasil e no exterior, inclusi-ve pelo envolvimento de altos dirigentes da instituição, a exemplo do então pre-sidente, Alessandro Stefanutto.

A boa notícia veio, enfim, na semana passada, com o anúncio da criação, pelo INSS, de um comitê estratégico cuja missão, de acordo com a Agência Brasil, “é reduzir uma fila de 2,8 milhões de pedidos de benefícios, como aposentadoria, pensão e salário-maternidade”. Com isso, o Governo Federal espera “monitorar, avaliar e propor soluções para o aumento de 23% no volume de novos pedidos recebidos pela autarquia”.

Ainda de acordo com a Agência Brasil, o INSS garantiu que, “apesar do cres-cimento no número de pedidos da fila, o tempo médio para a concessão de bene-fícios” — que é de 35 dias — “tem apresentado queda”. Haveria mais de 920 mil processos sob a responsabilidade da instituição, e o novo comitê tenciona procu-rar “soluções e melhorias” para os quase dois milhões de “pedidos que apresen-tam pendências externas”.

O importante é que, ao fim e ao cabo, os responsáveis pelas fraudes paguem pelos crimes que cometeram; os aposentados e pensionistas lesados tenham seu dinheiro de volta, o INSS reabilite-se do escândalo e crie medidas autoproteto-ras de real eficácia contra engodos e as solicitações de benefícios sejam respon-didas no menor espaço de tempo. Quem tanto trabalhou merece, no mínimo, es-sas reparações.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Dom Hélder: o mensageiro da esperança

Em 15 de agosto de 1968, uma multidão tão grande compareceu ao Theatro San-ta Roza, em João Pessoa, para ouvir dom Hélder Câmara, arcebispo de Olinda e Re-cife, que o evento precisou ser transferi-do para a Praça Pedro Américo. Em um palanque improvisado, dom José Maria Pires abriu a solenidade de instalação do Instituto de Formação para o Desenvolvi-mento, seguido pelo economista Ronald de Queiroz, que apresentou dom Hélder como um destacado humanista latino-a-mericano.

Dom Hélder iniciou sua conferência afirmando que o povo brasileiro e lati-no-americano vivia marginalizado por estruturas injustas que precisavam ser transformadas. Explicou por que a Igreja discutia temas sociais, reconhecendo sua dívida histórica com os oprimidos. Defen-deu que a violência já existia na sociedade, mas rejeitou a ideia de uma luta armada, afirmando que seria esmagada por forças imperialistas e transformaria o Brasil em um “grande Vietnã”. Apresentou então o Movimento de Pressão Moral Libertado-ra, baseado nos direitos humanos: fim da servidão, direito à vida e segurança, e di-reito ao trabalho digno. Chamou atenção para os problemas do Nordeste e para a responsabilidade social dos estudantes, lembrando que a tradição universitária sempre esteve ligada às grandes causas nacionais.

Ao final, estudantes relataram o clima de medo causado pela repressão policial e pela prisão de colegas. Diante da for-te presença do Dops, dom Hélder encer-rou convocando todos a retornar pacifica-mente às suas casas. A multidão atendeu ao seu apelo e dispersou-se sem inciden-tes, marcando a noite como um momen-to histórico. Estive presente nesse aconte-cimento inesquecível.

Dom Hélder se destacou durante a di-tadura militar como defensor dos pobres, dos direitos humanos e da justiça social. Era um pregador da não violência e, por isso, foi indicado várias vezes para o Prê-mio Nobel da Paz. No entanto, por ele ter sido um dos mais corajosos denunciado-res de violações dos direitos humanos,

torturas e prisões políticas, os ditadores brasileiros exerceram influência no senti-do de que seu nome não fosse aceito para receber tal honraria.

Foi uma figura importante na corrente de pensamento da Igreja Católica, surgida na América Latina nos anos 1960, que vi-ria a se chamar a Teologia da Libertação, que defendia a libertação das pessoas das condições econômicas e sociais injustas, fazendo com que a Igreja fizesse “opção preferencial pelos pobres”. Sua voz ultra-passou fronteiras.

Em 2017, foi declarado Patrono Brasi-leiro dos Direitos Humanos e, em 2025, teve seu nome inscrito no Livro dos He-róis e Heroínas da Pátria. Sua mensagem de compromisso cristão com os pobres, trabalhando por justiça e direitos huma-nos — num tempo de opressão —, perma-nece atual em contextos de desigualdade, violência ou exclusão social. Tornou-se a figura central do catolicismo progressis-ta brasileiro, fazendo com que suas ideias tivessem um enorme impacto político numa época em que o país vivia sob um regime de opressão, o que lhe rendeu a pe-cha de “comunista” por parte dos setores conservadores. Desempenhou papel cru-cial na organização da Igreja Católica bra-sileira, especialmente na resistência de-mocrática durante a ditadura.

“

Era um pregador da não violência e, por isso, foi indicado várias vezes para o Prêmio Nobel da Paz

Opinião

Foto Legenda



Temporada das flores

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

O salto de desenvolvimento

Em sua coluna da última terça-feira, Glauco Moraes pede a compreensão do pessoense para as mudanças que o “salto de desenvolvimen-to” vem impondo, nos últimos vinte anos, so-bre a paisagem física e o nosso comportamento.

E, sendo moço e de boa saúde, escreve com justificável otimismo: “É preciso se acostumar com a nova João Pessoa, suas exigências e necessidades. (...) A cidade que antes surpreen-dia quem chegava, agora surpreende também quem vive nela, e esse é apenas o começo”.

Há 47 anos, escrevendo no jornal O Norte, eu me envaidecia de confessar: “O que me dá nervura e espírito pessoenses é o ar de família, esse jeito de intimidade doméstica, de rostos familiares, tão domésticos e familiares que um *band-aid* no rosto suscita indagações”. Era as-sim, e pensávamos que fosse para a vida toda.

Quem vinha de fora, como Alceu Amoro-so Lima, não via diferente. Moacyr Werneck de Castro, feito no Rio, na Europa, no mundo que já havia chegado onde para nós começa a chegar hoje, massageava meu ego: “Deixamos com saudade João Pessoa, que o cronista Gon-zaga Rodrigues me ajudou a entender melhor”. Supúnhamos que o bucolismo paisagístico, o ar da nossa gente haveria de se contrapor ao futuro irrespirável das matrizes do Sudeste.

Celso Furtado, menino da Avenida General Osório, vez em quando era flagrado de mãos para trás, numa folga de sua andança univer-sal, a respirar o incenso ainda remanescente, se não nas nossas igrejas, nas narinas dos an-tigos meninos.

Sonhávamos que fosse a preservação do natural, homem e natureza respeitados pelo progresso, que consolidasse João Pessoa como destino. Não foi por outra que o pessoense con-seguiu tutela constitucional para um gabarito de construção ditado pela beleza de nossa orla. E não só pela ambição do lucro.

Não tínhamos hospedagem para o turismo. Terminava o governo de Agripino e já no fim, na entrega ao sucessor, pude abrir manchete no jornal O Norte: “PODE VIR QUE TEM HO-TEL”. O tom da manchete diz tudo. O mandão dos Diários Associados, João Calmon, sai eu-fórico da festa de inauguração para felicitar o diretor do jornal pela felicidade do apelo. Seis anos antes, havia me posto para fora por ter so-brado na publicação de uma fala de Chateau-briand no Senado. Aperta-me a mão, reconhe-

“

Sonhávamos que fosse a preservação do natural, homem e natureza respeitados pelo progresso, que consolidasse João Pessoa como destino

ce-me e, sem muito jeito, lembra “as voltas que o mundo dá”. E como dá!


Mas não basta concordar que a cidade mu-dou e que precisamos nos acostumar, sugere o colonista vitorioso. Por que vitorioso? Porque há 40 anos, no quarto centenário de João Pes-soa, não conseguimos uma vinheta mínima na televisão nacional alusiva à data. E o que con-seguimos de melhor ou mais durável foi a re-união em livro (“Capítulos de História da Pa-raíba”) dos ensaios comemorativos publicados por O Norte do editor Evandro Nóbrega, ca-bendo a coordenação ao historiador e acadêmi-co José Octávio de Arruda Mello, além de uma inscrição invisível alusiva à data posta na par-te baixa da Avenida Getúlio Vargas.

Mas já começava a se investir com os olhos no turismo, a partir do Hotel Tambaú, joia da arquitetura especializada brasileira. Ainda não era “o salto de desenvolvimento” festejado pela construção civil, num momento em que se pro-cura compensar a mudança de paisagem e de comportamento com um surto de proporções inéditas de preservação e revalorização do mo-numental histórico e cultural mais simbólico e representativo, resultado dos R\$ 138 milhões investidos pelo Governo do Estado na recu-peração dos nossos valores históricos, artísti-cos e culturais.

A repercussão é visível para quem vai, hoje, à Igreja de São Francisco, ao Palácio da Reden-ção, à sede do antigo Tesouro e Assembleia, num esforço em que não só entram o histórico e o sagrado como prédios estaduais abandon-a-dos, a exemplo da sede do Paraiban na Epitácio.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa

DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória

DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda

DIRETORA ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão

DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO

Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga

GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira

GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Foto: Divulgação

Diretor do Insa, Etham Barbosa (D), destaca que a inteligência artificial vai acompanhar processo de monitoramento ambiental

TECNOLOGIA PARA AGRICULTURA

Brasil e China projetam laboratório na Paraíba

Parceria foi consolidada com um memorando entre o Insa e a CAU, em CG

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Um laboratório de pesquisa conjunto entre Brasil e China pretende resolver grandes entraves da agricultura familiar no Semiárido nordestino. O futuro Laboratório Brasil-China de Mecanização e Inteligência Artificial na Agricultura Familiar vai desenvolver e adaptar máquinas de pequeno porte e tecnologias digitais para os pequenos produtores da região.

A iniciativa surge para enfrentar um dado crucial: embora o Semiárido abrigue cerca de 50% da agricultura familiar do Brasil, com cerca de dois milhões de estabelecimentos, apenas de 3% a 5% dessa produção é mecanizada, segundo o diretor do Instituto Nacional do Semiárido (Insa), o biólogo Etham Barbosa. “Nós temos um potencial enorme de aumentar a produtividade, sem, no entanto, degradar mais a Caatinga”, afirma Barbosa. O que o projeto pretende é aposentar a enxada do agricultor, racionalizando o tempo e reduzindo o esforço físico.

O projeto é resultado de um dos 34 acordos bilaterais assinados pelos governos do Brasil e da China. O Insa,

unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), atua como ponto focal do acordo no Brasil. A parceria foi consolidada com um memorando entre o Insa e a Universidade Agrícola da China (CAU), incluindo visitas de comitivas e o simbólico lançamento da pedra fundamental em Campina Grande, no dia 18 deste mês.

A fase atual é de estruturação. Uma portaria do MCTI formalizará uma comissão com diversos entes, incluindo universidades e a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas (Abimaq), para definir os marcos conceitual, regulatório e financeiro do projeto. O recurso para tirar o laboratório do papel deve vir, prioritariamente, do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT). O montante necessário para o início dos trabalhos está estimado em cerca de R\$ 60 milhões, cobrindo infraestrutura, logística e pesquisa. A expectativa é que a comissão esteja formalizada até o fim de dezembro, com o projeto finalizado em mais dois ou três meses.

No Rio Grande do Norte Enquanto o laboratório

é planejado, um projeto-piloto já está em andamento em Apodi (RN), testando máquinas chinesas adaptadas. “Campos que levavam um mês, dois, para serem preparados para plantio, no cabo da enxada, na junta de boi, com alguns desses maquinários, leva de quatro a cinco dias”, relata o diretor do Insa. Entre os equipamentos em teste, está uma colheitadeira de arroz de pequeno porte.

O foco do laboratório será a pesquisa aplicada. O objetivo não é apenas testar, mas validar, certificar e desenvolver máquinas inteligentes adequadas ao solo, clima e relevo do Semiárido. A atuação vai se concretizar em várias frentes, como o desenvolvimento de equipamentos para grãos, oleaginosas, frutas e palma forrageira, além de tecnologias de processamento de produtos agrícolas.

A inteligência artificial (IA) será um outro pilar do projeto. “A inteligência artificial vem para a gente acompanhar um processo de monitoramento ambiental, de solos, de água atmosférica, das próprias máquinas”, detalha Barbosa. A ideia é construir sistemas de *big data* para a produção agrícola familiar, gerando

informações estratégicas sobre o território.

A transferência de tecnologia entre os países vai além da venda de máquinas. “A gente tem que desenvolver a indústria nacional”, ressalta o diretor. O projeto prevê um fluxo de pesquisadores e pós-graduandos entre os países, com disciplinas especializadas em engenharia agrícola. “É possível que a China queira abrir fábricas aqui, e será muito bem-vindo, porque é a empregabilidade que a gente vai dar aos nordestinos”, acrescenta Barbosa.

“

Nós temos um potencial enorme de aumentar a produtividade, sem, no entanto, degradar mais a Caatinga

Etham Barbosa

Equipamentos acessíveis e de fácil manejo

A pergunta sobre como as máquinas chegarão ao agricultor ainda não tem uma resposta definitiva. O laboratório em si é um gerador de conhecimento e tecnologia. Cabe-rá ao Poder Público, posteriormente, definir as políticas de acesso. “Se vai ser maquinário subsidiado, se vai ser através de financiamento a fundo perdido”, pondera Barbosa, citando a possível futura atuação de bancos públicos como o BNDES e o Banco do Nordeste.

Os dados gerados pela

IA, considerados estratégicos para a soberania nacional, também terão uma central de monitoramento. A discussão com a Abimaq inclui a criação de normas para padronização e segurança dessas informações. O projeto tem foco exclusivo na agricultura familiar, setor vital para a segurança alimentar da região. “A agricultura familiar não produz *commodities*, a agricultura familiar produz comida da mesa”, define Barbosa.

O desenho do projeto também considera a necessi-

dade de treinar os agricultores para usar essa nova tecnologia, criando equipamentos acessíveis e de fácil manejo. “Vão ser maquinários inteligentes, simples. Não é nada extremamente tecnológico, mas eles vão ser adaptados não só para o ambiente, mas para as pessoas, e com um olhar especial para as mulheres, que são o grande foco hoje da agricultura no Semiárido”.

“Tudo que você praticamente comeu hoje, ou está na feira de Campina Grande, ou

nas feiras nossas, por volta de 70%, pode ter certeza, veio da agricultura familiar”, complementa. A promessa é que a tecnologia opere em diálogo com o conhecimento tradicional do povo do Semiárido, que há séculos desenvolveu uma forma eficiente de convivência com a terra. “O fim, na verdade, é que a gente traga também esse maquinário para uma justiça social, para um mecanismo em que a gente traga riqueza compartilhada, não concentrada”, conclui o diretor do Insa.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

O alquimista das estantes

Há um lugar, espremido entre a pressa do mundo e a eternidade das palavras, que é um reino à parte. Não é uma loja, é um santuário. O ar cheira a papel envelhecido, cola de lombada e um leve traço de poeira mística. E, no centro desse cosmos em miniatura, habita uma criatura singular, um pouco pirada, completamente fascinante: o livreiro.

Ele não é um vendedor. Vendedores empilham produtos, oferecem promoções, baixam preços. O livreiro é um guardião, um curador, um alquimista de almas. Sua loja não é organizada por gênero ou ordem alfabética, mas por um critério que só ele, em sua sábia loucura, compreende. É um mapa do tesouro onde o “X” não marca o local, mas o estado de espírito necessário para encontrá-lo.

Esse personagem é feito de tiques e manias. Ele ajusta os óculos no meio do nariz com um empurrãozinho nervoso. Percorre as estantes como um felino, alinhando lombadas com um dedo preciso, ressentido com o cliente desastrado que ousa devolver um volume dois centímetros à frente do seu lugar de direito. Ele ouve o ruído da rua, mas escuta o silêncio eloquente dos clássicos. Ele tem um faro para o leitor perdido, aquele que entra com uma vaga pergunta nos olhos: “Quero um livro bom”.

E é aqui que a magia ou a teimosia gloriosa acontece. O cliente pede o *best-seller* da moda, aquele que todo mundo está lendo. O livreiro olha para ele, com um ar entre o paternal e o professoral, e solta um “Hum”. Não é um “sim”, é um som de avaliação, de diagnóstico. Ele vê além da capa bonita e da propaganda agressiva. Vê a alma do leitor, uma alma que ele acredita estar pedindo, na verdade, por outra coisa.

“Esse até vende bem”, ele diz, com um tom que beira a piedade, “mas não é para você. Deixe-me mostrar uma coisa”.

E ele some entre as pilhas, reaparecendo com um volume discreto, talvez com a capa um pouco desbotada, de uma editora obscura. “Aqui”, ele entrega o livro como quem passa um contrabando precioso. “Isso aqui vai te falar mais alto. Confie em mim”.

E é preciso confiar, porque ele não está vendendo; está receitando. Ele é o médico das bibliotecas pessoais, aquele que sabe que o remédio amargo de um Kafka pode curar uma alma intoxicada de trivialidades, ou que o bálsamo suave de um Manoel de Barros pode restaurar a visão de quem só enxerga o concreto. Ele não quer dar ao cliente o que ele quer; quer dar-lhe o que ele precisa. É uma forma de amor, um amor um pouco autoritário, é verdade, mas genuíno.

Sua vida é dedicada ao livro como objeto de culto. Ele conhece o cheiro de uma primeira edição, o peso de um volume de poesia, a textura do papel-bíblia. Mas seu olhar vai muito além das páginas e das capas bonitas. Ele enxerga os mundos que elas contêm. Sabe que cada livro é uma passagem, e ele, o porteiro. Ele não apenas coloca o livro na mão do cliente; coloca um universo. Sussurra uma dica: “Preste atenção no capítulo três. É onde a prosa vira música”. Ou então: “A personagem feminina parece frágil, mas espere até o final. É uma lição de resistência”.

No Dia do Livreiro, não celebramos um comerciante. Celebramos um sacerdote de uma religião sem dogmas, cuja igreja tem estantes em vez de bancos. Celebramos sua loucura sagrada, sua teimosia inspirada, sua recusa em aceitar que um livro é apenas uma mercadoria. Ele é um caçador de tesouros que se recusa a vender bijuteria, mesmo que seja o que o mercado exija.

Ele é a memória viva da literatura. Lembra-se do autor que ninguém mais lembra, do livro que mudou uma vida (talvez a dele mesmo), da frase que ecoa na mente em momentos de solidão. Ele é um contador de histórias que não as escreve, mas as encontra e as entrega, como um mensageiro fiel.

Que esse bicho tão intrigante e pirado, cheio de poesia e de vida entre as páginas, seja sempre protegido. Que sua loja, com seu cheiro inconfundível e seu caos organizado, resista à frieza dos algoritmos. Porque enquanto houver um livreiro com o olhar perdido além das capas, ajustando os óculos com ar de quem desvendou um segredo do universo, haverá esperança. Haverá sempre um lugar para onde podemos ir, não em busca de um produto, mas de uma epifania. E ele estará lá, pronto para nos entregar não o que pedimos, mas o que nem sabíamos que precisávamos.

Fabrício Feitosa

Secretário-executivo do Empreender PB

“De 2019 para cá, foram investidos R\$ 171 milhões”



Foto: Carlos Rodrigo

Em entrevista, gestor falou da importância do programa para a economia paraibana e também dos seus desafios

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

Criado em 2011, o Empreender PB é uma das políticas públicas mais importantes de fornecimento de crédito para os pequenos empreendedores e para as médias empresas do estado. Integrante da equipe do programa desde 2015 e à frente do Empreender PB desde 2019, Fabrício Feitosa exerce o cargo de secretário-executivo do órgão e é o responsável principal por analisar e liberar recursos para uma gama extensa de negócios que acontecem e que querem acontecer nos municípios paraibanos.

Foi na gestão de Fabrício que todos os 223 municípios tiveram pelo menos uma empresa ou um empreendedor contemplado com créditos oriundos do Empreender PB. Em entrevista concedida ao jornal **A União**, o auxiliar de governo falou da importância do programa para as vocações da economia paraibana e também dos seus desafios.

Entrevista

■ Como foi que um dos responsáveis pelo setor de TI do Empreender PB acabou se tornando o secretário do programa?

Sou servidor público há quase 20 anos. Sou de Monteiro e vim para João Pessoa para estudar. Minha formação é em tecnologia da informação (TI). Então, eu era o menino da TI na Secretaria de Educação de João Pessoa, que foi o meu primeiro trabalho no Poder Público. Depois fui convidado para formar o setor de TI que não existia no Empreender PB, em 2015. Nessa função de TI, a gente acaba se envolvendo em todos os processos do programa. Então, tive que aprender do A ao Z do Empreender. Consegui resolver muitas questões do programa, que tinha diversas complexidades. Nisso eu me tornei diretor operacional do programa e em seguida me tornei chefe de gabinete. Até que o governador João Azevêdo assumiu o governo e eu tive a honra de ser convidado para assumir também a gestão do programa, em março de 2019, no primeiro ano ainda da gestão do governador. Estou aqui como secretário até agora.

■ Como você avalia o impacto do Empreender PB, ao longo dos últimos anos, na geração de renda e de empregos na Paraíba?

Eu fico muito feliz que posso testemunhar a evolução do programa ao longo desses anos, que acontece muito em virtude do trabalho que é feito por essa equipe, que está aqui, em grande parte, há pelo menos 12 anos. Essa equipe consegue fazer esse trabalho, de entender as dificuldades, os problemas, as possibilidades e ir buscando soluções. Por essa questão também de eu trazer essa parte da tecnologia, a gente conseguiu aperfeiçoar muitos processos a partir de soluções tecnológicas. Hoje o programa trabalha todo com processos digitais, inclusive para o nosso cliente, que faz toda a inscrição *on-line*. É possível também fazer à distância as capacitações e os planos de negócio. Então, isso conseguiu dar uma eficiência muito grande ao programa, no sentido de conseguir fazer planos de negócio com os empreendedores e tentar se aproximar ao máximo da realidade deles, traduzindo isso em uma boa entrega nas concessões de crédito. Temos muitos testemunhos, ao longo dos tempos, de muita gente que teve a história modificada pela atuação do programa, por conta do acesso ao crédito de forma facilitada. A missão do Empreender é justamente trabalhar nessa camada social. A gente não é um banco, a gente é um programa de acesso ao crédito para a geração de emprego

e renda. Então, a gente já conseguiu interferir na vida de quem, com um investimento de dois, três mil reais, sentiu a diferença.

■ Quantos empreendedores foram beneficiados até hoje pelo programa e qual valor investido desde o início?

Nós já concedemos crédito a 49.500 pessoas em todos os 223 municípios paraibanos. Até o fim do ano, devemos chegar a 50 mil. De 2011 para cá, foram R\$ 326 milhões liberados em crédito para os empreendedores e empreendedoras. Só na gestão do governador João Azevêdo, de 2019 para cá, 21.400 pessoas foram atendidas e foram R\$ 171 milhões investidos. Em 2025, já fizemos concessão de crédito para 3.231 pessoas em negócios em 154 cidades da Paraíba, com investimos da ordem de R\$ 29,2 milhões de janeiro até outubro.

■ Quais foram os principais setores econômicos contemplados?

Vai variar muito. De uns anos para cá, temos tentado entender justamente esses arranjos produtivos de cada região. Por exemplo, em Barra de São Miguel, que é uma das principais cidades atendidas, liberamos crédito para negócios relacionados à costura. Isso porque a cidade faz divisa com Toritama, em Pernambuco, onde tem um circuito têxtil e de venda de roupas importante. Então, praticamente todas as famílias têm um negócio no fundo de casa, uma máquina de costura, esse tipo de empreendimento. Do outro lado do estado, em São Bento, a gente tem uma vocação muito forte lá do pessoal com comércio de redes. Se a gente for para a região, por exemplo, de Cabaceiras, tem os negócios de couro, com atendimento tanto para as cooperativas quanto para os artesãos. Então, cada região vai ter um potencial, que a gente busca, por meio dos atendimentos, compreender.

■ Como é feita a seleção dos beneficiários e quais as modalidades de linhas de crédito?

O Empreender tem 13 linhas de crédito ao total. Tem uma faixa de linhas que é para a pessoa física e outra que é para a pessoa jurídica. A nossa linha principal é justamente a linha do Empreender Pessoa Física, que atende os mais diversos empreendedores informais, desde a pessoa que é vendedora ambulante, que produz bolinho em casa, que tem um fiteiro na porta até a pessoa que ainda está começando e que ainda não tem um comércio formalizado. E, no campo da pessoa jurídica, a nossa linha atende desde um empreendedor individual até empre-

sas de médio porte com crédito de até R\$ 100 mil. Temos ainda outras linhas mais específicas, como o Empreender Artesanato, em que trabalhamos junto com o Programa do Artesanato. Então, a depender desses recortes, a gente vai, a partir da nossa capacidade, atendendo às demandas das cidades.

■ Existe uma política de acompanhamento e capacitação para os empreendedores?

No próprio fluxo de atendimento do programa existe uma capacitação obrigatória que é feita para todo empreendedor pessoa física, que é a capacitação de gestão empresarial básica, que é feita pelo próprio programa. Nós temos uma Subgerência de Capacitação, que faz esse trabalho com todo mundo. Todos passam por esse curso. A gente tem uma parceria muito forte com o Sebrae, que é quem tem mais *expertise* nessa área. Em seguida, é realizado um plano de negócio pela nossa equipe também, que é o que vai determinar o quanto é possível emprestar para cada um. Nesse plano de negócio, também são feitas algumas orientações e, em seguida, após a obtenção do crédito, a gente tem uma Gerência de Pós-Crédito e Cobrança, que vai cuidar tanto da parte do controle dos pagamentos de quem está com suas parcelas em andamento como também do acompanhamento para saber como está o empreendimento.

■ É uma realidade do programa a inadimplência?

A gente não tem como escapar. A inadimplência é uma realidade característica do nosso país. Inclusive temos políticas públicas no âmbito federal que tratam sobre o tema, que auxiliam as pessoas. Hoje a gente trabalha com a inadimplência na casa dos 20%, em função dos créditos mais antigos, que são a parte mais difícil de conseguir recuperar. Recentemente houve uma política do Governo João Azevêdo de colocar à disposição não só dos empreendedores do Empreender, mas de todos os órgãos de governo, um Refis, um refinanciamento lá pela Procuradoria-Geral do Estado, que já são aqueles créditos que estão, de certa forma, judicializados. Os devedores mais antigos tiveram a oportunidade de fazer um Refis, com descontos que chegaram até 95%. Então isso ajudou muito a recuperar crédito. Mas nessa Gerência de Pós-Crédito e Cobrança também tem uma série de rotinas que a gente utiliza para recuperação do crédito, desde o acompanhamento administrativo por ligação telefônica, para em seguida, após a segunda parcela de inadimplência, a inscrição dessas pessoas no SPC, em que são notificadas por carta. Com o esgotamento dessas formas de cobrança, a situação é encaminhada para a Procuradoria para ser inserida na dívida ativa do Estado.

■ O programa tem alguma atenção especial para grupos vulneráveis da sociedade?

Temos linhas de recortes sociais e econômicos também, como a linha Empreender Mulher, para mulheres em situação de vulnerabilidade, que é justamente essa linha que a gente tem em parceria com a Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana. De forma geral, são mulheres atendidas pelo Centro de Referência

de Assistência Social Municipal, que têm esse acompanhamento e que são encaminhadas para a Secretaria da Mulher, onde elas fazem uma roda de diálogos e fazem a avaliação das que têm perfil empreendedor, porque a gente também tem que ter essa preocupação. Não adianta simplesmente colocar um dinheiro na mão da pessoa se a pessoa não tiver aptidão para colocar o negócio em prática. Mas essas mulheres são atendidas de forma prioritária pelo programa. Temos o Empreender Juventudes, para quem tem de 18 a 29 anos de idade. Essas linhas têm critérios mais flexibilizados de prazo, de carência, de taxa de juros. Então, sempre recebemos sugestões e atuamos junto a outras secretarias que trabalham com algumas populações específicas para construirmos linhas de crédito para demandas que chegam a partir desses diálogos. Atualmente a gente tem mais demanda por crédito das mulheres paraibanas. São 58% de mulheres atendidas pelo programa e 42% de homens.

■ Quais regiões do estado recebem mais recursos?

Quando a gente vai estabelecer aqueles critérios que eu te falei de novas inscrições, um deles, por exemplo, é o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Naturalmente a gente sempre vai pender, de certa forma, mais para as pequenas cidades, que oferecem menos oportunidades econômicas. Se você for fazer a proporção de oportunidade de crédito, João Pessoa vai estar praticamente no último lugar, mesmo sendo liberado um valor maior para concessões de empreendedores da capital. Na cidade de Barra de São Miguel, a gente abre 30 vagas por cada abertura de inscrição. Para João Pessoa, são 100 ou 200 no máximo. Então, proporcionalmente, Barra de São Miguel está sendo muito mais atendida do que João Pessoa. Então, dá para ver que as cidades menores são mais beneficiadas.

■ Quais são as metas do Empreender para o futuro?

A gente sempre estipula uma meta anual. Nossa meta para 2025 foi de conseguir liberar R\$ 40 milhões. Falta pouco mais de R\$ 10 milhões ainda para liberar e estamos trabalhando para conseguir. Tínhamos também uma meta de realizar 12 eventos neste ano e já estamos em 26. O último foi o Beach Games. É um evento que é do governo, mas que tem um pedacinho de Empreender lá dentro. É um galpão que é patrocinado pelo programa e que esses empreendedores não pagam nada para estar lá. A gente teve um rodízio de expositores e 70 participaram. Neste ano tivemos presença no Salão do Artesanato, onde estivemos lá para oferecer crédito e para expor quem já obteve crédito e vai vender os produtos. Teve o Empreendedor Junino em Campina Grande, o Festival da Galinha Caipira em Patos. Muitos dos nossos beneficiários estão lá para comercializar. Mas eu acho que a meta para o futuro é a de conseguir chegar de uma forma mais qualificada ainda nas pessoas, porque acredito que, em questão de volume de recursos, já estamos bem, mas a gente precisa qualificar melhor o atendimento, porque a gente ainda percebe que alguns processos que podem melhorar podem diminuir a inadim-

plência, por exemplo. É um desafio gigantesco estar nos 223 municípios como estamos.

■ Há a previsão de novos editais ou linhas de crédito voltadas a setores emergentes, como economia criativa e projetos de tecnologia?

Neste ano a gente deu uma geral nas nossas linhas. Nós tínhamos duas linhas que estavam um pouco defasadas por conta de terem surgido outras políticas públicas que se sobrepueram a elas. Uma delas era uma linha voltada para a cultura, em que percebemos que as leis Aldir Blanc e Paulo Gustavo abraçavam bem a demanda. A gente busca, inclusive, junto à Secretaria de Cultura, remodelar essa linha para esse campo emergente, digamos assim, da economia criativa, que vai abranger mais do que os empreendimentos culturais, mas tudo que gira em torno disso — restaurantes, o próprio artesanato, o que alimenta essa economia de uma forma mais abrangente. Da mesma forma, nós tínhamos uma linha chamada Empreender Inovação Tecnológica, que foi criada para dar crédito a empreendimentos de inovação. Porém, ela também foi sobreposta pelas políticas da própria Secretaria de Ciência e Tecnologia. São políticas de fomentos. A gente ficou de sentar novamente para tentar voltar essa atenção justamente mais para as *startups*. Mas qual é o desafio do programa nesse sentido? As *startups* são bem mais vulneráveis nesse sentido porque são apostas. Uma *startup*, em sua essência, é um projeto que ainda não tem comprovação de rendimento. Então, a gente não tem certeza de que aquilo ali vai gerar um recurso que possa ser devolvido, por isso que existe muita política de fomento, de colocar o recurso sem exigir o retorno nesse setor.

■ Qual mensagem você deixa para quem deseja empreender na Paraíba?

Pode até parecer contraditório, mas o que eu sempre costumo dizer é que quem for em busca do crédito faça isso como sua última providência. Eu acho que quem deseja empreender precisa passar por alguns processos antes de buscar crédito. Isso passa pela capacitação, pelo planejamento, pela realização de um plano de negócio e de entender do mercado que se pretende ingressar. A gente sabe que, no nosso país, empreender acontece muitas vezes por necessidade. Essa realidade é muito mais recorrente do que a ação de empreender por talento ou por habilidade, por exemplo. O Empreender entra, até por ser uma política que tem essa visão mais social, de ter juros subsidiados, bem mais baixos, de ter carências, de ter prazos estendidos, de ter um processo desburocratizado, como uma oportunidade melhor do que as instituições financeiras tradicionais. Às vezes o pessoal chega e diz que não vai conseguir acessar o crédito de Empreender, porque tem uma burocracia e precisa fazer um plano de negócio. Mas, quando a pessoa senta na cadeira para conversar com a nossa equipe, ele vai ver que é uma conversa, às vezes, que parece uma conversa de boteco. O pessoal está conversando ali e vai pescando as informações de acordo com a realidade de cada um. A gente escuta da forma mais humanizada possível, porque a gente entende a característica do nosso público.

EQUIDADE RACIAL

Cotas ampliam acesso à universidade

Ações afirmativas permitiram o ingresso, em 2025, de 8.348 alunos em instituições de Ensino Superior do estado

Samantha Pimentel
samanthaauniao@gmail.com



Isabela Pereira Soares e Vivia de França Mendes são alunas do curso de Direito da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa. Elas ingressaram na instituição por meio da política de cotas para pessoas negras e são um retrato das mudanças impulsionadas pela Lei nº 12.711/2012, que completou 13 anos em agosto. A legislação ampliou o acesso ao Ensino Superior, em nível federal, para populações historicamente vulnerabilizadas, como negros, indígenas e pessoas com deficiência, e a ação é fruto de uma luta histórica de movimentos sociais. Na Paraíba, foram 8.348 alunos aprovados em 2025 e 6.726 em 2024, segundo dados do Ministério da Educação (MEC), os quais demonstram que o ingresso de alunos cotistas vem crescendo e ajudando a mudar o cenário nas universidades públicas do estado e em todo país.

A publicação “O Impacto das Cotas: Duas décadas de ação afirmativa no ensino superior brasileiro”, organizada pelos sociólogos Luiz Augusto Campos e Márcia Lima, aponta que, em 2001, quando ainda não existiam as cotas, estudantes pretos, pardos e indígenas representavam 31,5% dos matriculados nas universidades públicas. Em 2021 — nove anos após a san-

ção da Lei nº 12.711/2012 —, o número chegou a 52,4%, representando um aumento de mais de 20 pontos percentuais (p.p). No mesmo período, a presença de alunos das classes D e E também saltou de 20% para 52%, evidenciando a dimensão econômica da mudança. Comparando o período que vai desde a efetivação da política até este ano, os índices mostram que, em 2012, 40.661 alunos ingressaram em cursos de graduação em virtude das cotas. Já em 2025, o Sistema de Seleção Unificada (Sisu) contabilizou 112.136 cotistas aprovados no Brasil, um aumento de mais de 170%.

Para Isabela, as cotas foram essenciais para acessar o Ensino Superior público e gratuito. “A gente percebe que Direito é um curso ainda muito elitizado, não só quanto aos alunos, mas até mesmo os professores que lecionam aqui. E, se não fosse a educação pública e a política de cotas, eu definitivamente não estaria na universidade pública. Dentro das cotas, como a gente está concorrendo com pessoas que têm uma classe social e um perfil parecido com o nosso, a chance de alcançar uma vaga se torna mais justa”, destaca.

Natural do Rio de Janeiro, com pais nordestinos, ela veio morar na Paraíba quando cursava o 6º ano do Ensino Fundamental e sempre estudou em escola pública. A universitária conta que seus pais não chegaram a concluir nem o Ensino Médio e que, entre sete irmãos, ela é a segunda a cursar o Ensino



Foto: Evandro Pereira

Vivia (E) e Isabela (D) ingressaram no curso de Direito da UFPB graças à política de cotas

Superior. “Pensei em fazer Direito como uma oportunidade de ingressar em outras carreiras em que eu me interesse, como a policial ou na Promotoria de Justiça, através de concurso”, afirma.

Vivia também relata que a política de cotas foi fundamental para o seu ingresso na universidade e até no mercado de trabalho. “Hoje, para estágio em órgãos públicos, eles têm também uma lista para cotistas, e isso democratiza mais o acesso a essas oportunidades. Porque outras pessoas do curso acabam vindo já de famílias de advogados e têm contatos e indicações que nós [cotistas] não temos”, ressalta.

Quanto a sua família, ela relata que seus pais não pos-

suem curso superior. Do lado da família do seu pai, já falecido, de quatro irmãos, só um fez universidade. Da família de sua mãe, ninguém cursou a graduação. “Meus pais incentivaram muito que a gente estudasse, eles investiram nisso. Hoje, eu e minha irmã estamos na graduação, meu irmão está cursando Ensi-

no Médio no IFPB [Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba], e muitos dos meus primos também já ingressaram na universidade”, relata.

Ela comenta, ainda, que percebe uma maior criticidade, entre os alunos cotistas, em relação às questões sociais, e que esses se inte-

Saiba Mais

Na Paraíba, a UFPB recebeu, em 2024, 734 alunos cotistas autodeclarados pretos, pardos ou indígenas. Em 2025, o número foi de 386, 348 a menos que o ano anterior. Quanto aos que finalizaram seus cursos, foram 1.238 concluintes em 2024, em todas as categorias de cotas; em 2025, até o fechamento desta reportagem, o número é de 648. Ao todo, de 2013 a 2025, a UFPB teve 7.046 concluintes cotistas. Já na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), desde 2022, também há a Política de Ação Afirmativa para alguns grupos, por marcadores étnico-raciais e sócio-históricos. Até 2025, os alunos cotistas da instituição somam 1.242 pessoas, sendo 1.102 negras ou quilombolas. Pelo prazo de ingressos desses estudantes, ainda não há dados sobre o índice de concluintes.

■ Número de pretos, pardos e indígenas no Ensino Superior do Brasil chegou a 52,4% em 2021 — um aumento de 20 p.p em nove anos

Política pública funciona como um instrumento de reparação histórica

Segundo a doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Anna Kristyna Barbosa, a política de cotas é um dos mecanismos mais importantes de promoção da igualdade racial e social no país. “Criada com o objetivo de corrigir desigualdades históricas e estruturais, ela busca garantir que grupos historicamente excluídos, como pessoas negras, indígenas e estudantes de escolas públicas, tenham acesso ao Ensino Superior”, explica.

Antes dessa ação, o perfil dos estudantes que ingressavam nas universidades públicas era predominantemente de pessoas brancas e de classe média ou alta. Em sua própria trajetória, Anna Kristyna tem um exemplo disso. “Na minha família por parte de mãe, que é muito grande, eu sou a primeira a entrar na universidade. Era algo que não era acessível a determinados grupos historicamente. Assim, as cotas funcionam como instrumento de reparação histórica, pois elas reconhecem que o racismo



Foto: Arquivo Pessoal

O racismo estrutural e a exclusão não são superados apenas pela igualdade formal dos vestibulares

Anna Kristyna Barbosa

estrutural e a exclusão educacional não podem ser superados apenas pela igualdade formal das provas de vestibulares”, pontua.

A implementação da política de cotas contribuiu para que houves-

se uma maior inserção de pessoas negras no ambiente acadêmico, e isso também impulsionou transformações significativas nas universidades. Como aponta a socióloga, a presença de diferentes trajetórias sociais, culturais e raciais tem ampliado o diálogo e contribuído para diversificar as perspectivas dentro da produção científica intelectual.

“Uma das coisas que as pessoas negras têm questionado dentro da universidade é o epistemicídio, que é esse apagamento, essa invisibilidade de produções de autores e autoras negras. Essa diversidade contribui para ampliar as visões; ou seja, ela desafia paradigmas tradicionais e eurocêntricos que dominaram por muito tempo o meio acadêmico”, aponta. Com isso, temas como racismo, desigualdade cultural afro-brasileira e epistemologias do Sul vão ganhando espaço e enriquecendo debates, o que ajuda a promover uma universidade que seja cada vez mais plural e reflita a realidade do país.

Permanência estudantil ainda é desafio que precisa ser superado

Anna Kristyna ressalva que, apesar das conquistas, ainda é preciso avançar para garantir um ambiente que es-teja, de fato, preparado para acolher essa diversidade. “Em instituições privadas, especialmente no caso do Proni [Programa Universidade para Todos], a questão pode se tornar ainda mais evidente, já que o perfil socioeconômico dos bolsistas difere bastante do corpo discente majoritário. Por isso, a inclusão não deve se limitar ao acesso, mas desenvolver também o acolhimento, o suporte acadêmico e psicológico e o combate às práticas discriminatórias que ainda persistem em alguns ambientes universitários”, defende.

Esse cenário foi vivenciado na pele por Isabela Soares, que rememora já ter sofrido situações de racismo na universidade. “E você não vê muito apoio, por exemplo, para denúncia. É desmotivador conseguir denunciar porque a primeira coisa que falam é: ‘Não vai dar em nada a sua denúncia’; ou: ‘Você vai denunciar e vai ficar queimada por conta disso’. E sobre letramento racial, a gente não vê isso no curso”, lamenta.

Ela sente que o espaço acadêmico no curso de Direito

ainda não está preparado para essa diversidade, e isso se evidencia até mesmo nas colocações dos professores em sala de aula. “Eles comentam certas situações como se todos tivessem as mesmas experiências ou a mesma condição financeira para comprar livros caros”, exemplifica.

A estudante também cita que os cotistas costumam enfrentar outros desafios para permanecer nesses espaços e conquistar o diploma. “Na universidade, há políticas sociais voltadas à permanência dos estudantes, editais, moradia e restaurante universitário, mas isso não abrange todas as pessoas. Muita gente precisa de assistência, e o que tem não é suficiente”, evidencia.

Já Vivia pontua que os próprios horários de aula acabam dificultando para quem precisa trabalhar ou estagiar para se manter no curso. “A nossa aula começa às 7h e termina às 13h. Mas quem vai estagiar às 13h já tem que estar no local do estágio. E se esse local não for flexível? Tive um colega que teve que trancar o curso, porque ele precisava trabalhar e não estava conseguindo conciliar com as aulas”, lembra.

Nesse contexto, o ingres-

ressam mais por projetos de extensão que abordem questões de gênero, étnico-raciais, além de outras que atravessam a sociedade. “De uma forma natural, inclusive, os alunos cotistas acabaram se aproximando mais, sentando juntos, embora, de maneira geral, a turma se dê bem. Acho todo mundo mais sensível aqui às questões que envolvem a justiça social. Apesar disso, eu percebo que eles [os não cotistas] entendem essa desigualdade, mas isso não os afeta de fato, e não sei se teriam esse engajamento em ajudar em mudanças sociais”, observa ela, segundo a qual apenas cinco pessoas de sua turma são negras, em um universo de 40 estudantes.

so na universidade é apenas o primeiro passo, pois há outros desafios para alunos cotistas permanecerem no ambiente acadêmico e concluir uma graduação. “Dificuldades financeiras, falta de representatividade, racismo institucional, ausência de redes de apoio... Por isso, a política de cotas, embora essencial, não é suficiente sozinha”, reforça Anna Kristyna. É preciso investimentos em políticas de permanência estudantil, como bolsas de auxílio-moradia, auxílio-alimentação e auxílio-transporte, creches para as estudantes que são mães e acesso a cuidados em saúde mental.

“As cotas foram e continuam sendo um marco na democratização do Ensino Superior brasileiro. O Brasil é referência mundial no sistema de cotas; elas não apenas ampliaram o acesso, mas transformaram um perfil e mudaram o rosto das universidades brasileiras, tornando-as mais diversas e socialmente comprometidas. No entanto, a luta por equidade vai além do vestibular e exige políticas contínuas de inclusão, permanência e valorização das trajetórias negras no espaço acadêmico”, conclui a socióloga.

HIV/AIDS

Prevenir-se é o melhor caminho

Clementino Fraga inicia, amanhã, campanha do Dezembro Vermelho, que visa conscientizar sobre ISTs

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com

Às vésperas do Dia Mundial de Luta contra a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids), celebrado anualmente em 1º de dezembro, o Programa Conjunto da Organização das Nações Unidas sobre HIV/Aids (Unaids) revelou que a resposta global ao Vírus da Imunodeficiência Humana sofreu seu maior retrocesso em décadas, em decorrência de cortes no financiamento internacional. No entanto, acredita-se que, com a inovação científica, ações comunitárias e compromisso político, é possível prevenir 3,3 milhões de novas infecções de 2025 a 2030. Hoje, 40,8 milhões de pessoas vivem com HIV em todo o mundo.

Nesse sentido, a campanha Dezembro Vermelho, que visa alertar a população sobre a prevenção e o tratamento das infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), com foco especial no HIV/Aids, ganha destaque neste ano. Na Paraíba, o Complexo de Doenças Infectocontagiosas Dr. Clementino Fraga, referência no atendimento a pessoas que convivem com HIV e outras infecções transmissíveis, promoverá uma série de ações durante todo o mês, voltadas para o público em geral e profissionais de saúde. Segundo dados do hospital, até o dia 31 de outubro, foram realizados 8.650 testes rápidos para detecção de HIV e, desses, 8,08% apresentaram resultado positivo — porcentagem correspondente a 699 dos testes. Em 2024, foram feitos 8.131 testes, entre os quais 284 positivaram para o vírus.

De acordo com a infectologista Adriana Cavalcanti, diretora clínica do complexo, o aumento no número de testes positivos deve-se a um conjunto de fatores. “Por um lado, há mais conhecimento sobre o diagnóstico e o tratamento, então mais pessoas procuram fazer o exame. Por outro, ainda existe o peso da descoberta do HIV



Fotos: Leonardo Ariel



Até outubro, complexo hospitalar fez 8.650 testes rápidos para HIV, com 8,08% deles positivos; medicamentos e profilaxia são gratuitos pelo SUS

e muito preconceito. Mas, entre os jovens, o medo de contrair o vírus diminuiu, porque eles sabem que a infecção, embora não tenha cura, pode ser controlada. E, sem esse medo, a exposição acaba sendo maior”, ela disserta.

Neste ano, 503 novos pacientes foram registrados no Clementino Fraga — em sua maioria, pessoas dos 35 aos 49 anos. Com isso, atualmente, são 8.021 pessoas cadastradas no complexo para receber a medicação antirretroviral. Em 2025, 76% desses usuários eram do sexo masculino. Adriana reforça a importância de um diagnóstico precoce, tanto para impedir que o HIV evolua para a doença Aids quanto para garantir que o indivíduo soropositivo possa vi-

ver tranquilamente, com o vírus indetectável e controlado pelo uso contínuo da medicação.

“No começo, os sintomas lembram muito os de uma gripe, só que duram por mais tempo. O ideal é começar o tratamento nesse momento, antes que a infecção se agrave”, ela explica. “No entanto, é possível que, por anos, nenhum sintoma se manifeste. Por isso, é muito importante que, após uma situação de risco, como sexo sem preservativo ou um acidente com objeto cortante que não é seu, a pessoa procure uma unidade de saúde, para dar entrada na Profilaxia Pós-Exposição [PEP] e realizar os devidos exames”.

A PEP é uma medida de urgência que utiliza medicações antirretrovirais para

prevenir uma infecção pelo HIV e deve ser iniciada, no máximo, 72 horas após a exposição. A eficácia depende da adesão rigorosa ao tratamento, o qual não protege contra outras infecções sexualmente transmissíveis.

Além da PEP, existe também a Profilaxia Pré-Exposição (PrEP), utilizada antes de uma possível exposição ao vírus. Adriana ressalta que a camisinha ainda é considerada o método mais eficaz e acessível para se proteger da maioria das ISTs, inclusive do HIV, “mas, para quem tem alergia, ou sabe que tem uma tendência a esquecer, que não se adapta ao uso e tem múltiplos parceiros, buscar fazer uso da PrEP é importante”, diz a médica. No Clementino Fraga, bem como nas demais unidades

do Sistema Único de Saúde (SUS), o acesso à medicação é gratuito, e o paciente pode ser acompanhado por uma equipe multidisciplinar, para garantir a eficácia do tratamento e a qualidade de vida.

Atendimento psicológico

Entre os profissionais que integram o acompanhamento dos inscritos no complexo, estão os psicólogos, que conversam com os pacientes antes da testagem viral, no momento da entrega do resultado e, depois, continuam prestando apoio a quem precisa. O psicólogo Antonio Luiz, envolvido na organização do simpósio do Dezembro Vermelho no Clementino Fraga, conta que, neste ano, os profissionais de saúde sentiram necessidade de, além de conversar sobre inovações, voltar a debates antigos para combater o preconceito que envolve o tema. “Vamos trazer especialistas para falar de ética, sigilo profissional, estratégias de prevenção, avanços no tratamento, vulnerabilidades e subjetividades dos



Há mais conhecimento sobre diagnóstico e tratamento, então mais pessoas fazem o exame

Adriana Cavalcanti

Informação e tratamento são ferramentas para vencer estigma

Quando tinha 23 anos, Sofia (nome fictício) descobriu que tinha contraído o HIV. Ela foi até um hospital com náusea, tosse e dores no corpo, e o médico responsável pelo atendimento pediu que ela fizesse um teste rápido, como parte do pacote de exames. “Eu não esperava, porque até então só tinha tido um parceiro e não me colocava em situações de risco. A gente não namorava e eu sabia que ele via outras pessoas, mas nunca esperei que a situação fosse se desenrolar assim. Fiquei muito perdida quando soube”, conta.

Com a adesão ao tratamento e acompanhamento psicológico, Sofia percebeu, aos poucos, que podia continuar vivendo normalmente. “A carga viral está zerada, indetectável em todo exa-



Doenças que se referem ao sexo ainda são muito circundadas de tabus, mas ninguém contrai o HIV no convívio social

Antonio Luiz

me que faço. Não me sinto mal, apesar de ter demorado um pouco para me adaptar aos remédios. Hoje, com 28 anos, eu me sinto mais tranquila em relação a viver com o vírus, mas nunca contei para a minha família, porque tenho medo da reação deles, que são bem tradicionais”, ela relata.

“Quando estávamos nos conhecendo, também contei para o meu [atual] namorado, que está comigo há quase dois anos. E [contei] a alguns amigos próximos, porque passar por algo assim, tão estigmatizado quanto o HIV, estava sendo muito difícil sozinha. Hoje, vivo bem e feliz de verdade. Mas espero que as pessoas sempre se previnam, que saibam que o ideal é não contrair o vírus. Não tem cura, os remédios são para o resto da vida e o

acompanhamento médico precisa ser constante”, complementa.

Acolhimento

Antonio Luiz acredita que, apesar dos avanços científicos em relação ao tema, não houve uma evolução grande do ponto de vista humano. “Ainda há muito preconceito, que leva essas pessoas a sentir tanto medo e vergonha que, às vezes, elas nem buscam o tratamento, com receio de serem vistas passando pelas portas de um hospital que é referência, justamente, no tratamento de HIV e Aids”, aponta o psicólogo. Ele conta que já testemunhou pacientes buscando tratamento em outro estado, para evitar pessoas conhecidas, ou que desenvolvem formas de esconder o

uso da medicação, como armazenar o remédio em potes de proteína de academia, para não precisar contar às pessoas com quem convive que é soropositivo.

“Não faz sentido isolar essas pessoas. Não tem necessidade. Doenças que se referem ao sexo são, ainda, muito circundadas de tabus, mas ninguém contrai o HIV no convívio social, não é assim”, diz o psicólogo. “Essas pessoas precisam de alguém que aponte luzes que, naquele momento, elas não conseguem ver sozinhas. Você está lidando com gente, que tem sentimentos. Eu acredito que, hoje, esse é um dos serviços mais bonitos da Psicologia: esse momento de escuta, de acolhida, de apontar caminhos”, declara.

Para o profissional, a inclusão da infecção por HIV

na lista de condições crônicas e tratáveis ajudou a espalhar a informação de que pessoas soropositivas “podem viver uma vida longa, casar sem infectar o parceiro, ter filhos”. Já a infectologista Adriana Cavalcanti reitera que o HIV não está restrito a nenhum grupo social, nem pode ser identificado pela aparência das pessoas. “São comportamentos de risco, e qualquer um que adote um deles pode estar se expondo ao vírus. Mas é muito importante lembrar que o HIV é contraído através de relação sexual sem preservativo e contato com o sangue, não por saliva nem por vias aéreas. Um abraço, beijo, viver junto, nada disso transmite HIV. Saber disso já ajuda muito na diminuição do medo e da estigmatização”, conclui.

CELULARES RECUPERADOS

Operação celebra resultados na PB

Especializada em reaver aparelhos roubados ou furtados de seus donos, força-tarefa já fez mais de duas mil devoluções

Samantha Pimentel
samanthaunio@gmail.com

Os celulares são, atualmente, muito mais do que ferramentas para fazer e receber ligações. Eles se transformaram em instrumentos de trabalho e itens essenciais para executar diversas tarefas no dia a dia. Por isso, quando o aparelho é furtado ou roubado, além da perda material, gera-se transtorno na rotina diária da vítima. Nesse cenário, buscando dar respostas efetivas à população e coibir esses crimes, foi lançada, em dezembro de 2024, a Operação Recupera, da Polícia Civil da Paraíba (PCPB). A ação consiste em um amplo trabalho de investigação para identificar autores dessas ocorrências e receptadores de celulares roubados, retomando esses bens e reavendo-os aos seus proprietários. Prestes a completar um ano de atuação, a iniciativa já devolveu mais de dois mil dispositivos em todo o estado.

O trabalho acontece de forma constante, por meio de quatro núcleos espalhados pela Paraíba, atendendo diversas regiões. Eles acompanham os Boletins de Ocorrência (B.O.) relacionados a esse tipo de crime, rastreiam a localização dos aparelhos a par-



Foto: Divulgação/PCPB

Dispositivos eletrônicos são entregues aos seus proprietários em eventos especiais promovidos pela Polícia Civil

tir de seus números de Imei (*International Mobile Equipment Identity*, na sigla em inglês) e entram em contato com quem está de posse de cada item subtraído, intimando essas pessoas a entregá-lo à polícia. Segundo o delegado titular da 1ª Superintendência Regional da Polícia Civil (SRPC), Cristiano Santana, aqueles que efetuam essa devolução voluntária não são processados criminalmente — o que é

considerado uma das razões do êxito da operação. “Se a pessoa vem aqui e devolve o bem, a gente entende que tinha boa-fé quando comprou esse aparelho e ela não responderá por receptação. Mas, se ela dá evasivas, furta-se a comparecer, diz que não está com o bem, não atende mais às ligações da polícia, partimos em busca ativa e, salvo alguma circunstância muito plausível, que justifique ela

não ter trazido o celular, formalizamos um TCO [Termo Circunstanciado de Ocorrência] por receptação”, explica. No âmbito da 1ª SRPC — que abrange João Pessoa e adjacências —, até o momento, foram 1.250 celulares apreendidos e 1.000 já devolvidos por meio da iniciativa; no núcleo polarizado por Campina Grande, os números chegam a 1.024 aparelhos apreendidos e 1.016 devolvidos; a região de Guarabi-

ra soma 430 apreendidos e 120 devolvidos; e no núcleo localizado em Patos, por sua vez, foram 79 celulares apreendidos e 55 devolvidos.

Influência positiva

Ao apontar que o número de denúncias registradas acerca de roubo ou furto de celulares vem crescendo no estado, o titular da 1ª SRPC observa que a Operação Recupera tem exercido influência sobre essa

tendência. “Hoje, de 10 boletins, oito já vêm com a informação do Imei do aparelho. Houve a conscientização da população sobre a importância de incluir esse número e o aumento da credibilidade no trabalho da polícia. Também se pode pensar que cresceu a criminalidade, mas não, porque verificamos o número de procedimentos instaurados nas unidades. O que houve mesmo foi um aumento dos registros de ocorrências”, resalta Cristiano Santana.

Os dados relativos à região de João Pessoa servem de exemplo: de janeiro a outubro de 2024, dos 3.056 Boletins de Ocorrência registrados por roubo ou furto de celular, 1.077 continham o Imei; no mesmo período deste ano, o código de identificação foi incluído em 4.303 dos 7.717 boletins formalizados. O crescimento é superior a 150% nos registros de ocorrência e de mais de 290% na inclusão do Imei.

O delegado continua: “Houve um grande aumento de Boletins de Ocorrência porque começou, justamente, a se acreditar que esses aparelhos seriam recuperados. Antes, esse crime ficava subnotificado; os aparelhos eram roubados e as vítimas não denunciavam, porque achavam que não ia dar em nada”.

Iniciativa busca operadoras para rastreio

Caroline Alves, integrante do Núcleo Recupera da região de João Pessoa, relembra que o setor foi instituído em 17 de dezembro de 2024, em cerimônia com o governador João Azevêdo, quando também houve o primeiro evento de entrega de celulares recuperados pela PCB. “Cada B.O. registrado chega até nós por um sistema integrado e, a partir de cada um deles, vamos atrás dos aparelhos, junto às operadoras”, relata.

Assim, se a vítima informar o Imei do celular, o núcleo oficializa as empresas de telefonia, para que informem se aquele dispositivo está vinculado

a algum número em uso e quais dados de propriedade estão cadastrados junto à operadora — como nome, telefone e endereço. É possível obter essas informações sem o Imei, a partir do número de contato utilizado pela vítima no momento do roubo ou furto, mas o caminho até a localização do item será mais longo.

Com isso, a pessoa em posse do aparelho subtraído é intimada para entregá-lo ao Núcleo Recupera. Apenas como fruto do trabalho da equipe da capital, formada por quatro servidores, já foram promovidos seis eventos de devolução de celulares recuperados e uma nova edi-

ção deve ocorrer no próximo mês. “Juntamos uma determinada quantidade de aparelhos para realizar esses eventos e convocamos as vítimas para receber de volta seu bem”, comenta Caroline, relatando que, até então, só houve cinco casos em que os intimados não compareceram voluntariamente para devolver os itens rastreados à polícia — e foi preciso instaurar procedimentos contra eles.

“Na maioria das vezes, as pessoas não querem ficar com nenhum produto ilícito e comparecem para devolvê-lo. É até um processo educativo, elas dizem que confiaram em quem

vendeu, mas que nunca mais comprarão um celular sem nota fiscal”, conta.

Outra integrante do mesmo núcleo, Caroline Albuquerque, destaca a gratidão das vítimas ao serem contatadas pela PCPB sobre a recuperação de seus dispositivos. “É a parte mais gratificante. As pessoas ficam muito felizes, agradecem pelo nosso trabalho, dizem que já tinham dado o item como perdido, querem vir logo buscá-lo”, destaca. “Já teve gente para quem conseguimos recuperar dois aparelhos. Um foi furtado em janeiro, outro, em fevereiro e, em abril, devolvemos ambos”, recorda Caroline Alves.

Equipes levam dois meses para retomar telefones

Segundo a PCPB, 99% dos celulares recuperados são devolvidos em perfeito estado, sem danos, permitindo que seus legítimos donos voltem a usá-los normalmente. “A Operação Recupera aproxima a polícia das pessoas e ajuda a resgatar nossa credibilidade”, pontua Cristiano Santana. “A devolução de um celular é algo muito pessoal, que afeta diretamente a vida delas. Elas fazem o B.O. acreditando no trabalho policial”, continua.

Em média, com os esforços da iniciativa, um aparelho subtraído é reavido em cerca de dois meses após o registro de seu roubo ou furto. “Tem que ter um tempo de o item ser vendido [para um terceiro], estar em uso e chegar, também, a resposta da operadora”, afirma Caroline Alves.

A partir das apreensões e dos relatos de quem devolve os celulares, vem sendo feito um mapeamento dos locais com a maior recorrência de venda de dispositivos roubados ou furtados. Uma nova etapa da força-tarefa será investigar esses espaços e vendedores.

Conforme Caroline Albuquerque, não há regiões específicas da capital que se destaquem quanto à ocorrência desses crimes. Porém, em épocas de festividades, como o Carnaval, os casos tendem a aumentar, pois os criminosos aproveitam-se da aglomeração e da distração da população.



Foto: Evandro Pereira

A operação aproxima a polícia das pessoas e ajuda a resgatar nossa credibilidade. Elas fazem o B.O. acreditando no trabalho policial

Cristiano Santana



Foto: Divulgação/PCPB

Lançado pelo governador do estado, projeto tem quatro núcleos de agentes



Foto: Evandro Pereira

COMUNICADO DE FALECIMENTO DE PESSOA NÃO IDENTIFICADA

O Instituto de Polícia Científica do Estado da Paraíba, comunica que encontra-se nas dependências do Núcleo de Medicina e Odontologia Legal da cidade de João Pessoa PB, NUMOL-JP, um corpo de identidade ignorada, não reclamada, sexo masculino, Cor parda, cabelos pretos, crespos e curtos; estatura aproximada de 170 cm, constituição física regular, com idade aproximada de 55 anos, sem sinais particulares, em situação de rua, Número de Identificação Cadavérica, NIC, 2025/7626, falecido em 11/04/2025 no Hospital de Emergência e Trauma Senador Rui Carneiro, João Pessoa PB.

Informações adicionais estão disponíveis no NUMOL, sito à Rua Antônio Teotônio S/N. Bairro do Cristo Redentor da cidade de João Pessoa PB.

Dr. Flávio Rodrigo Araújo Febres
Perito Oficial Médico-legal Classe Especial Chefe do UMOL-JP

RAÍZES DO BREJO

Belém projeta quatro dias de festa

Cidade, que recebe o circuito itinerante de 11 a 14 de dezembro, promete atrações culturais, culinárias e ecológicas

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

O município de Belém, que liga a Paraíba ao estado do Rio Grande do Norte, vai sediar, no período de 11 a 14 de dezembro, a etapa local da Rota Cultural Raízes do Brejo deste ano. Chegando a mais uma cidade da região, o festival itinerante promoverá uma agenda que se destaca pelas atrações culturais e pelo turismo ecológico. “A expectativa é de recebermos o público das cidades circunvizinhas. Temos o privilégio de estarmos localizados a 30 km da divisa da Paraíba com o Rio Grande do Norte”, explicou a secretária de Cultura de Belém, Márcia Regina Soares. Como apontou a representante da Prefeitura Municipal, a valorização dos artistas belenenses — como artesãos, músicos e cordelis-



Fotos: Divulgação/Prefeitura de Belém

Localizado a 30 km da divisa da Paraíba com o Rio Grande do Norte, município de cerca de 16 mil habitantes ostenta vocações artísticas e gastronômicas

Visitas

Entre as atividades da programação, estão visitas a uma fábrica de pães e biscoitos e a um engenho de cachaça artesanal, além de shows diversos

tas — é a grande distinção do evento, que vai enfocar também a culinária local, além de dar visibilidade a toda cadeia produtiva da cultura e do turismo regional. “Estamos nos preparativos da programação, para que possamos receber os turistas e os contrrâneos e celebrarmos a gastronomia, a fé, a arte e a cultura”, complementou

Márcia. Entre os destaques da agenda, estão visitas à Indústria Alimentícia Três de Maio, conhecida por seus famosos biscoitos, e ao engenho da cachaça artesanal D’dil. Em sua sétima edição, a Rota Cultural Raízes do Brejo é uma iniciativa do Fórum Regional de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano (FRTSB-PB), realizado com

apoio do Governo do Estado e das prefeituras dos 10 municípios participantes. Aberto no dia 17 de outubro, em Lagoa de Dentro, o circuito já passou por Alagoinha, Serra da Raiz, Dona Inês e Juarez Távora. Após Guarabira, que recebe a agenda neste fim de semana, será a vez de Pírpirtuba (de 5 a 7 de dezembro), seguida por Belém,

Duas Estradas (19 a 21 de dezembro) e, finalmente, Pilõesinhos, que encerra a programação com atividades de 26 a 28 de dezembro. Para Josenildo Fernandes, presidente do FRTSB-PB, a intenção da iniciativa é dar visibilidade, especialmente, aos pequenos municípios da região, que podem divulgar suas tradições, vivências e

pontos turísticos, encantando visitantes de outras localidades. Sobre isso, a secretária de Cultura de Belém reforçou que o desenvolvimento da interiorização do turismo e o fortalecimento da cultura, proporcionando o senso de pertencimento da população, também são benefícios que o festival gera para as cidades-sede.

Agenda inclui musical e caminhada ecológica

A abertura oficial do Raízes do Brejo em Belém está prevista para as 19h de 12 de dezembro (sexta-feira), na Praça 6 de Setembro, com uma apresentação da banda marcial Raul Barbosa. Na ocasião, os moradores e turistas ainda poderão presenciar um concerto da saxofonista Giovanna Rocha, com seu projeto Sax Celebration. O musical “Saudade da Porta de Casa” é outra atração da abertura. “O espetáculo conta a história do município de Belém, quando era um povoado e tinha o nome de ‘Gengibre’, erva ardente cultivada pelos indígenas potiguaras que habitavam a Serra da Copaoba”, detalhou a secretária Márcia Regina. Para encerrar a primeira noite do evento, haverá shows com os cantores Ramon Bernardo e Paula Dayana. Mas, apesar de a solenidade de lançamento acontecer no próximo dia 12, as atividades ligadas ao circuito cultural começam em 11 de dezembro. Às 8h desse dia, ocorrerá uma visita à Indústria Três de Maio. A fábrica, que nasceu como uma pequena panificadora, foi inaugurada em 1953 e, hoje, projeta-se nacionalmente na produção de produtos como pães e biscoitos. Ao longo do dia, estão programadas ações na Biblioteca Municipal Professora Maria Lira, com a exposição de artes visuais do artista belenense

Porpino Filho e a exibição de um curta-metragem. O principal atrativo da agenda de 13 de dezembro (sábado) é uma caminhada ecológica pela trilha de escrituras rupestres que fica na Zona Rural de Belém. Lá, é possível observar gravuras ancestrais em formas de mãos e representações geométricas. O município abriga, a propósito, quatro sítios arqueológicos, com vestígios de três mil a nove mil anos. Após o passeio, será a vez de a Praça 6 de Setembro tornar-se palco de um sarau cultural e de um aulão de zumba, além dos shows de Gabriel Alves e da dupla Renan e Júlia. Já o último dia do Raízes do Brejo em Belém vai ser marcado pela visita ao Engenho Retiro, onde é feita a cachaça D’dil. O forró de Patrícia Martins e do dueto Vânia e Marcelino animará os participantes do passeio.

Localidade abriga quatro sítios arqueológicos, onde estão preservadas gravuras rupestres de três mil a nove mil anos

Tradição religiosa reflete origens históricas

A região onde hoje se encontra Belém foi habitada inicialmente por indígenas potiguaras, que vivenciaram, na Serra da Copaoba, inúmeras disputas de terras contra tabajaras e colonizadores. Conforme indicado pela secretária de Cultura do município, o povoado construído em forma de cruz que se originou no local foi nomeado inicialmente de “Gengibre”, possivelmente pela abundância do seu cultivo pelos indígenas. De acordo com a professora de História Djanira Meneses, no início do século 20, os frades capuchinhos frei Herculano e frei Martinho, convidados para pregar Santas Missões na região, sugeriram uma mudança de nome para a localidade, ao se deparar com uma população marcada por confrontos constantes. “Era uma cidade onde havia muita briga. Mas, quando eles vieram para fundar uma capelinha, a de Nossa Senhora da Conceição, nomearam o lugar de ‘Belém’, com o intuito de apaziguar os conflitos”. Assim, o título local passou da raiz forte e ardente para Belém (“casa do pão”), termo associado à cidade natal de Jesus Cristo e a uma ideia de paz e mansidão. Conta-se também que todas as armas en-

contradas na área foram enterradas sob a nova capela. Ainda segundo a professora, a intervenção religiosa surtiu efeito e a região ficou mais pacata, sendo, até hoje, caracterizada como um lugar de bastante fé. Até meados do século passado, Belém era apenas um distrito da cidade de Caiçara, sem maior expressão, contando apenas com quatro ruas, que se cruzavam entre si. Eram elas: a Rua do Sossogo, a Rua Para-guai, a Rua Gameleira e a Rua da Empresa. Em 1957, finalmente, foi efetivada a emancipação política do dis-

trito de Belém de Caiçara, que se tornou município. Conforme o Censo Demográfico de 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade abriga uma população de cerca de 16 mil habitantes.

Paradas de sucesso

Entre os pontos turísticos mais populares de Belém, desponta a Pedra do Cordeiro, formação rochosa de aproximadamente 240 m de altura que oferece, especialmente aos adeptos do turismo de aventura, espaço para a prática de rapel e trilhas ecológicas

por belas paisagens, com vistas deslumbrantes de todo o município. Ao longo do percurso, também é possível contemplar pinturas rupestres preservadas em superfícies de pedra. Símbolo máximo da religiosidade belenense, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição é considerada o marco zero da cidade. A edificação foi erguida em 1934 e possui uma arquitetura neoclássica. Relatos apontam que a comunidade de moradores e de fiéis locais desejava tanto que o templo fosse levantado que muitos deles contribuíram diretamente com as obras, mobilizando-se em um mutirão para carregar tijolos e materiais de construção. Outra parada de sucesso entre os visitantes de Belém é o já citado Engenho Retiro, onde é fabricada a Cachaça D’dil. No estabelecimento, é possível conferir os bastidores do processo artesanal e 100% natural de produção da bebida, elaborada sem aditivos químicos desde 1920 e comercializada, inclusive, para além das fronteiras paraibanas. Por meio de visitas guiadas no espaço, os turistas podem acompanhar a etapa crucial da moagem até a degustação do produto final.



A Igreja de Nossa Senhora da Conceição é considerada o marco zero da cidade

CINEMA

Filme à vista, aos 90 anos

Ainda cancelado nos EUA, mesmo inocentado por duas investigações, Woody Allen chega a nove décadas amanhã com nova produção para começar na Espanha



Woody Allen, no set de "Golpe de Sorte em Paris", seu 50º e até então último filme

Foto: Divulgação/Oz Play

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

Um dos grandes diretores americanos de todos os tempos, Woody Allen completa 90 anos amanhã em atividade: no fim de outubro, foi anunciado que a cidade de Madri vai financiar o próximo filme do cineasta. Será seu 51º longa, depois do elogiado *Golpe de Sorte em Paris* (2023). A vida de Allen como homem de cinema tem sido na Europa, onde predominantemente roda seus filmes desde 2005.

O nova-iorquino Allan Stewart Konigsberg virou um ícone da comédia inteligente, cheio de referências intelectuais, em uma carreira que, no cinema, completou

60 anos em 2025. Ele já era comediante de *stand-up* quando escreveu seu primeiro roteiro em *O que É que Há, Gatinha?* (1965), em que também apareceu como ator. As mudanças na filmagem o levaram depois a decidir ele mesmo dirigir os próprios roteiros, o que norteou sua carreira daí para a frente.

Um *Assaltante Bem Trapalhão* (1969) foi seu primeiro filme como diretor e roteirista e abriu uma primeira fase em sua carreira, com comédias diretas, que foi até *A Última Noite de Boris Grushenko* (1975). *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa* (1977) abriu a nova fase, de um humor cheio de referências intelectuais, em grande estilo: ganhou os Oscars de Melhor Filme, Direção, Atriz (para Diane Kea-

ton) e Roteiro Original. Allen não estava na cerimônia (e nem em nenhuma outra como indicado): disse que era a noite de tocar com sua banda de *jazz*.

Foi o começo da sedimentação do *status* de Allen como artista do cinema, embora ele diga que nunca esteve à altura de seus heróis, como o sueco Ingmar Bergman. Allen ganhou outros dois Oscars como roteirista (com *Hannah e Suas Irmãs*, 1986, e *Meia-Noite em Paris*, 2011) e soma, no total, 16 indicações a Roteiro, sete a Direção e uma a Ator.

A partir de 1982, Woody Allen começou a namorar a atriz Mia Farrow, que virou sua estrela em 12 longas até 1992. Foi o auge do prestígio de Allen, com grandes

atores trabalhando com ele pelo piso do cachê do sindicato dos atores. Foi quando houve a ruidosa separação do casal. Farrow descobriu que Allen tinha um caso com a filha adotiva dela com André Previn, Soon-Yi. Ele tinha 57 anos; ela, 21.

A isso seguiu-se a denúncia de que Allen teria abusado sexualmente da filha adotiva dele e Mia, Dylan. Dois órgãos especializados em abuso infantil realizaram investigações na época e inocentaram o diretor, que nem foi a julgamento. O assunto ressurgiu com força com novas declarações de Dylan, em 2014, e na esteira do movimento MeToo em 2017. Desde então, mesmo inocentado, Allen foi cancelado nos EUA, onde

passou a ter dificuldade até para lançar livros (ainda assim, lançou em setembro seu primeiro romance, *What's with Baum?*).

Mas ele já estava filmando na Europa desde 2005, com *Match Point*, rodado em Londres. Allen filmou na Inglaterra, Itália, França e Espanha (o de Madri será o terceiro).

Com Allen alheio à internet, as notícias são de que ele não se interessa muito sobre o que diz a opinião pública. É casado até hoje com Soon-Yi Previn, com quem adotou duas garotas (Bechet, atualmente com 26 anos, e Manzie, 25). Confirma a seguir uma lista possível de 10 melhores filmes do diretor, comentados por ele (do livro *Conversas com Woody Allen*, de Eric Lax).

Os dez melhores filmes, comentado pelo diretor



A ÚLTIMA NOITE DE BORIS GRUSHENKO (1975)

Ainda na fase de pura comédia, Allen parodia "Guerra e Paz". "Eu pensei comigo mesmo: não quero fazer comédias de piadas a vida inteira. Quero começar a fazer filmes mais interessantes, começar fazendo filmes mais bonitos e bem montados".



NOIVO NEURÓTICO, NOIVA NERVOSA (1977)

Allen intelectualiza sua comédia. Ganhou o Oscar de Filme, Direção, Atriz e Roteiro Original. "Foi um filme muito adorado. Quer dizer, é bom, mas já fiz filmes melhores que esse, embora ele possa ter um calor, uma emoção a que as pessoas responderam".



MANHATTAN (1979)

Allen filma em preto e branco essa comédia romântica. "Eu não gostei de *Manhattan* quando o montei. Ofereci até fazer um filme de graça para a United Artists se eles engavetassem e desistissem do lançamento. Quando o filme fez todo esse sucesso, fiquei estupefato, é claro".



ZELIG (1983)

Rigoroso falso documentário. "Foi bem espinhoso encontrar jeitos que fossem completamente válidos de usar o documentário — a câmera naturalmente precisaria estar lá. Foi uma pressão imensa para mim. Nunca cedi à tentação de fazer nada que não pudesse estar num documentário".



A ROSA PÚRPURA DO CAIRO (1985)

Na Grande Depressão, a protagonista vira a paixão de um personagem de filme, que sai da tela. "A Cecília precisava decidir e escolher a vida real, o que era um passo à frente para ela. Infelizmente nós temos que escolher a realidade".



HANNAH E SUAS IRMÃS (1986)

Grande comédia dramática. Oscars de Ator Coadjuvante, Atriz Coadjuvante e Roteiro Original. "A Hannah era uma personagem que nem a Mia nem eu entendemos no início, e no final também não. Jamais concluímos se a Hannah era realmente uma pessoa boa".



A ERA DO RÁDIO (1987)

Allen se inspira nos dias de sua infância, com uma família barulhenta ouvindo os grandes astros do rádio. "Uma coisa puramente prazerosa, autoindulgente. Eu queria fazer um filme inteiro de cenas baseadas nas lembranças das músicas da minha infância".



TIROS NA BROADWAY (1994)

Um dramaturgo envolve-se com um gangster. Oscar de Atriz Coadjuvante. "Fez muito sucesso por causa de algumas coisas. Uma, a fotografia do Carlo Di Palma era muito bonita. E era um grande elenco. A Dianne Wiest foi brilhante como sempre".



MATCH POINT (2005)

Primeiro filme de Woody Allen na Europa, um drama passionai e criminal de grande sucesso para o diretor. "Eu não estava limitado à comédia. Podia fazer o filme que estivesse a fim. Escrevi, acho, um bom roteiro. Que consegui realizar a contento. Tinha todos os recursos".



MEIA-NOITE EM PARIS (2011)

Escritor volta no tempo à efervescente Paris dos anos 1920. "Eu sabia que conhecia Gertrude Stein, e não sou a pessoa mais culta do mundo. Mas, se uma quantidade ínfima de pessoas se interessasse pela Paris dos anos 1920, para mim também estaria ótimo".

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

No fim, todo mundo vira adubo

“Lembre-se que vai morrer!” pode ser o argumento decisivo para aproveitarmos melhor a vida. Aquele tempo que deixa os momentos mais saborosos, por não nos permitir esquecer que somos únicos e limitados pela nossa finitude. Viver, assim, seria mais um imperativo que uma condição. O poeta e matemático iraniano Omar Khayyâm dizia há mais de mil anos, com invejável sabedoria: “O mundo gira, distraído dos cálculos dos sábios. Renuncia à vaidade de contar os astros e lembra-te: vais morrer, não sonharás mais, e os vermes da terra cuidarão da tua carcaça”. É de se esperar, no entanto, que nem todo mundo seja capaz de lidar bem com essa ideia. Há quem se sinta angustiado e entre em pânico só de imaginar a própria morte. Você acharia legal a possibilidade de um dia virar alimento de vermes, bactérias e adubo de plantas?

Em 1993, Garotos Podres, a banda lendária de punk rock paulista, lançou o álbum *Canções para Ninar*, que trazia clássicos como “Fuzilados da C.S.N”, “Oi! Tudo bem?” e “Rock de subúrbio”. Fui apresentado ao álbum de maneira acidental. Ato contínuo:

meu amigo Eugênio emprestou-me uma fita K7 dizendo que se tratava de uma gravação dos Raimundos. Antes de encarar mais um dia entediante na escola, coloquei a fita para tocar e acabei surpreendido com as músicas da banda.

A faixa “Verme” é uma mistura bem humorada de imagens grotescas com niilismo e ironia punk. Ela narra a refeição de um verme que se alimenta de um corpo em decomposição. Os primeiros versos da canção dizem: “Eu sou o verme / Que vai te comer / No seu caixão / Espero que sua carne / Seja bem macia / Pra mim não ter / Nenhuma azia”. Passado esse momento de indecisão sobre a qualidade do cadáver, o verme revela quão prazeroso é a experiência de tomar o seu sangue e comer a sua carne: “O seu sangue é tão gostoso / Vou chupar ele todinho / Vai ficar mais saboroso / Se eu tomar de canudinho!”. E, no auge dessa voracidade, arremata: “Nesta escuridão / No meio dos destroços / Vou comer sua carne / Vou roer seus ossos!”.

É de se esperar que tais imagens não pareçam agradáveis, seja por tratar de maneira crua e direta de um

tema fundamental e desconcertante como a morte; seja porque, numa menção direta a Zygmunt Bauman e Norbert Elias, a sensibilidade higiênica da civilização moderna criou medos e fobias de vermes e bactérias. Certos mecanismos sociopsicológicos ativam reações de asco e medo quando entramos em contato ou imaginamos essas criaturas.

De qualquer forma, morrer é a maior de nossas certezas e a mais difícil de aceitar. A tendência natural é que nosso corpo envelheça, que a fraqueza nos abata e que alguma doença acabe de pôr fim em tudo. Além disso, existem também questões ligadas ao acaso e a circunstâncias históricas ou decisões individuais mal tomadas. Você pode ir ao outro lado da rua comprar pão e ser atropelado por um carro!

O importante é que a certeza de nossa finitude não nos deixem paralisados e incapazes de extrair o que há de melhor na vida. Se considerarmos que viver é mais um imperativo que uma condição, devemos agir de modo a garantir níveis mais elevados de felicidade. *Carpe diem! Memento Mori!*

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Mal-estar da descivilização

Em sua obra clássica *O Processo Civilizador* (1939), o sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990) argumenta que as sociedades ocidentais passaram, ao longo de séculos, por transformações graduais que envolveram uma crescente regulação dos impulsos, um refinamento das maneiras e a monopolização da violência — seja individual ou institucional — pelo Estado. Contudo, Elias evidencia que tal processo não é linear nem contínuo; ao contrário, é historicamente contingente, podendo apresentar avanços e regressões. Assim como há tendências civilizadoras, existem também processos descivilizadores, caracterizados pela reemergência da brutalidade e pela supressão institucional dos mecanismos que regulam o comportamento humano.

Segundo Elias (1994), o processo civilizador é frágil e depende de estruturas sociais historicamente constituídas. A instabilidade das emoções, a subjetividade das interações e o aparente autocontrole — construções sociais que podem ser dissolvidas quando determinadas condições históricas são alteradas — tornam-se terreno fértil para o surgimento de processos descivilizadores. Tais fenômenos evidenciam a complexidade das formações sociais e a presença constante de tensões internas. Ao refletir sobre essas dinâmicas, Elias enfatiza que “não há progresso automático na história humana” (1994, p. 26). Em outras palavras, a civilização é sempre um equilíbrio precário e instável.

No livro *Os Alemães* (1989), Elias analisa como a combinação entre frustrações coletivas, concentração de poder, nacionalismo exacerbado e colapso das instituições democráticas possibilitou que comportamentos violentos fossem novamente autorizados socialmente. Para o autor, o regime nazista representou “Uma queda no nível de controle dos impulsos e um colapso das instituições que sustentavam a regulação da violência” (1989, p. 112). Aquilo que antes era moralmente intolerável — perseguições, torturas, assassinatos — tornou-se legitimado, incentivado e exaltado como ideologia de ódio, muitas vezes reforçada por discursos religiosos. Essa análise de-

monstra que os processos descivilizadores não decorrem de uma súbita disposição violenta dos indivíduos, mas de transformações sociais, políticas e econômicas que alteram os padrões de controle, permitindo que impulsos reprimidos sejam novamente mobilizados. Como ressalta Elias, “As estruturas sociais que favorecem o controle dos impulsos podem desintegrar-se; quando isso ocorre, o comportamento humano muda de forma correspondente” (1994, p. 36). Nesse sentido, a idealização ou naturalização da violência cotidiana — conforme mencionado no argumento proposto — constitui um elemento crucial para compreender os processos descivilizadores. Quando a violência é incorporada ao cotidiano de forma acrítica, seja por discursos meritocráticos, práticas policiais abusivas, desigualdades estruturais ou políticas de extermínio simbólico de determinados grupos, ela passa a ser percebida como normalidade. Essa naturalização invisibiliza as estruturas ideológicas e políticas que dela se beneficiam, ao mesmo tempo em que dificulta sua contestação ética e social.

Diversos autores dialogam com essa abordagem. Influenciado por Elias, o filósofo e sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017) sustenta, em *Modernidade e Holocausto* (1989), que os sistemas burocráticos e tecnológicos modernos possibilitam a prática de violências extremas de modo racionalizado e despersonalizado. Para Bauman, “O horror não é um resíduo pré-moderno, mas um produto da própria modernidade” (1989, p. 12). Tal afirmação reforça a

tese eliasiana de que a civilização carrega potenciais destrutivos, capazes de emergir quando certas condições históricas são ativadas. Paralelamente, Michel Foucault (1926-1984) contribui ao debate ao demonstrar que a violência moderna frequentemente se manifesta por meio de “mecanismos de poder que atravessam o corpo social” (Foucault, 1979, p. 27). Essa leitura complementa Elias ao indicar que a violência pode operar silenciosamente nas estruturas econômicas e nas desigualdades sociais.

A naturalização da violência cotidiana obscurece as estruturas de poder que a sustentam e impede que a sociedade reconheça a fragilidade histórica do processo civilizador. Para Elias, acreditar que a civilização é permanente cria uma falsa segurança e enfraquece a vigilância necessária para manter instituições que contêm a violência. Assim, compreender os processos descivilizadores exige analisar como fatores atuais — como autoritarismos e discursos de ódio — fragilizam esses mecanismos. Elias lembra que a civilização é sempre uma construção instável e nunca uma conquista definitiva.

Sinta-se convidado à audição do 545º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 30, das 22h à 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo, em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei algumas obras do compositor e regente alemão Wilhelm Richard Wagner (1813-1883) que contribuíram para o processo civilizatório de seu país.

Kubitschek
Pinheiro
kubipinheiro@yahoo.com.br

O amor da vida

Da obra de Walter Hugo Mãe, o filme *O Filho de Mil Homens*, dirigido por Daniel Rezende, (um longa brasileiro), parece uma saga, extrema necessidade de se alongar numa história enfatizada e mais explicavelmente bela, sobre um pescador solitário que carrega na rede de pescar a culpa por não ter conseguido ser pai. Cedo ou tarde, o amor chega e purifica.

Bom, primeiro para ser pai é preciso juntar tijolo com tijolo, além da coragem e amor, que sem amor, não tem como ser pai. Fui vendo o filme e entendendo a necessidade do personagem Crisóstomo (representado por Rodrigo Santoro), de querer ter sido pai, ter um filho, não para sentar com ele no sofá, mas para amar, educar, torná-lo gente como fazem bons companheiros, não como os pais da canção do Belchior.

Ser pai não é diferente de ser mãe, mas a mãe aparece oculta no filme, guardada no passado por alguma intensão do autor ao mostrar a solidão de um homem que não conseguiu de ser pai, virar pai e mãe de uma só vez. Sim, o autor português Walter Hugo Mãe dá um jeito e realiza o desejo do pescador, nos gritos, no gozo, numa atenção fora do comum.

Na procura de um filho sem pai, já que ele mesmo é um pai sem filho, Crisóstomo deixa uns bilhetes espalhados pelo vilarejo e esbarra com Camilo (Miguel Martines), um garoto órfão de 12 anos e é como se fosse mágico e, logo eles iniciam uma história singular, recompensadora, de um dia formar uma família, nada convencional.

O Filho de Mil Homens traz outros personagens tirados da vida da gente, nesses ângulos fincados ao sol, com as controvérsias e contradições de cada um, numa injunção de fazer a coisa acontecer e parece que caminhamos com Esaú e Jacó de Machado de Assis, uma história simples, acontecida e por acontecer, os gêmeos que lutam pelo amor da jovem Flora Batista.

Crisóstomo e Camilo vivem num povoado de frente para o mar. E outra história dentro – o autor coloca um jovem incompreendido chamado Antonino (Johnny Massaro) e uma mulher fugindo da própria dor chamada Isaura (Rebeca Jamir) que se casam e são indiferentes um a outro, que se cruzam para esbarar no caminho de Crisóstomo e Camilo.

A displicência e a suavidade tornam-se assim uma paixão silenciosa atravessando tudo que não é fiel a uma antiguidade, amorosidade, nessa história de ser pai, uma história que não é inventada, uma prece que aumenta a beleza do filme. A chegada do casal na vida de Crisostomo e Camilo, mexe com raízes, talos e frutos que brotam do amor. O amor da vida

Para acomodar todos num encontro que chamamos de família, ‘O Filho de Mil Homens’ fura o telhado da casa, que ampara a família, pois estamos sempre com nós mesmos, onde amamos e sofremos quando somos pai e mãe,

Mil vidas vem à tona, nas lentas e belas passagens. Os começos e os fins valem para muita coisa, se antes o personagem busca um filho, o filho também buscava um pai.

É lindo o filme mas é preciso calma, ser visto com calma, como disse o ator Rodrigo Santoro, porque a história possui uma linguagem conhecida e desconhecida, ao mesmo tempo.

Um coração e outro e nenhum deles pesa mais que o outro e todos festejam silenciosamente – o buziros falam por si no ouvido de pai e filho.

Kapetadas

- 1 – Mas me fale de você, o que você acha de mim?
- 2 – O mais doido de isso tudo é que o amor resolveria o problema do mundo. Será?



“O Filho de Mil Homens”, com Rodrigo Santoro, está na Netflix

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Feira de Arte e Cultura, uma das instâncias da APC

A proposta de programação cultural apresentada pelo vereador da Casa, João Alves, contemplando os segmentos de artes, como teatro, cinema e feiras artesanais, além de apresentações de artistas locais, foi recentemente aprovada na Câmara Municipal de Santa Rita. O dispositivo legal de número 2.320/2025 dispõe sobre a criação de uma Feira de Arte e Cultura a ser realizada sempre na última sexta-feira de cada mês, na Praça João Pessoa, no Centro da cidade.

Numa perspectiva de interiorização e apoio às atividades culturais do estado, como vem acontecendo, a Academia Paraibana de Cinema, tendo no comando o prof. João de Lima, interessou-se pelo projeto santarritense. Mais ainda, por ser a terra de um de seus eméritos paraibanos, seu Severino do Cinema, patrono da cadeira 5 da nossa instituição.

Entendimentos entre a Câmara Municipal de Santa Rita, por meio de seu representante no projeto, vereador João Alves, e a Academia de Cinema estão existindo, para ser introduzida na programação da Feira de Arte e Cultura uma mostra de cinema paraibano. Sobretudo, com produções que digam respeito àquele município.

Conhecida desde seus primórdios como sendo “a rainha dos canaviais”, Santa Rita sempre foi uma cidade a liderar movimentos culturais no estado. No que se refere ao cinema, mais ain-

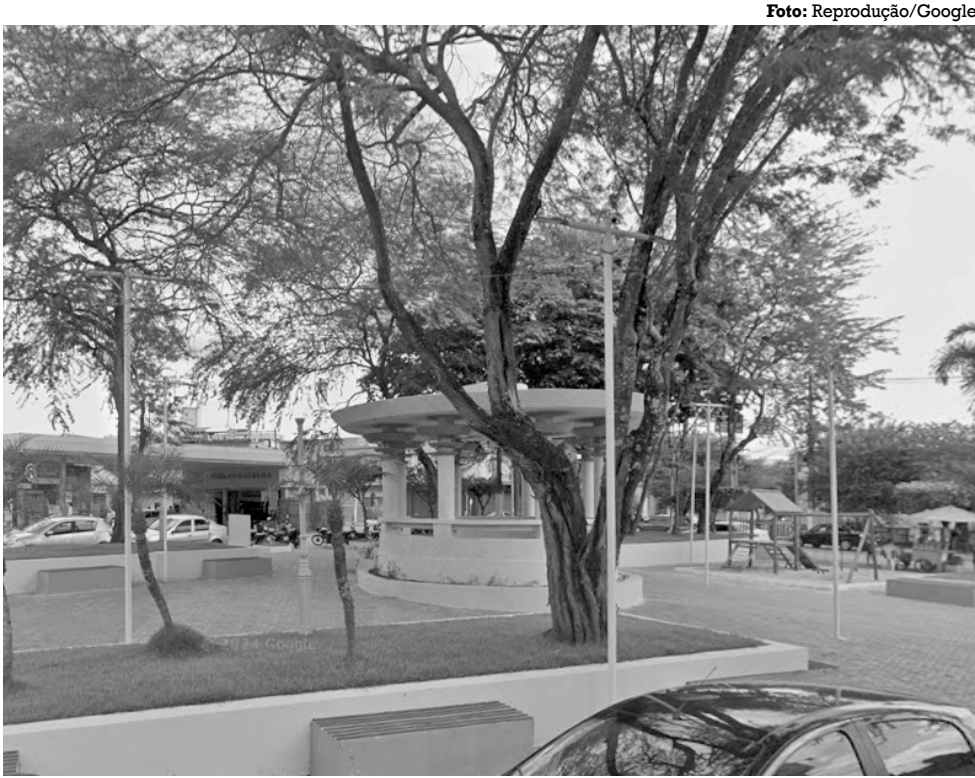


Foto: Reprodução/Google

A Praça João Pessoa, no Centro de Santa Rita, deve receber uma mostra de cinema paraibano

da. Desde aqueles tempos do chamado “cinema mudo”, e isso já se vão mais de um século.

Depois, com o advento do som no cinema, já no início do século 20, meu saudoso pai Severino Alexandre liderou uma das redes de projeção de filmes na cidade e distritos vizinhos. Sua participação com as três salas de cinema foi muito importante para a cultura e a economia locais. Primeiro veio o Cine Santa Cruz, ainda no início dos anos 1940, seguido de mais dois, o São

João e o Cinerama. Todas as salas foram construídas sob orientação e dentro dos padrões de modernidade que os novos tempos exigiam.

A saga pioneira de meu pai, como não poderia deixar de ser, hoje vem sendo penhorada em nome da praça da cidade de Santa Rita, na literatura e em documentários então realizados. Toda uma vida a fazer parte dos anais de sua Academia Paraibana de Cinema (APC). Para mais Coisas de Cinema, acesse: www.alexantos.com.br



APC no Festival de Cinema Francês

A convite da diretoria do Festival do Cinema Francês do Brasil, a Academia Paraibana de Cinema participou de sua abertura solene, na noite da quarta-feira passada. O evento aconteceu no MAG Shopping, aqui em João Pessoa, e contou com um considerável público.

Representada pelo seu presidente, prof. João de Lima Gomes, a APC vem cumprindo uma série de agendas relacionada a eventos cinematográficos, em João Pessoa e no interior do estado.

DIA DO LIVREIRO

Profissionais comentam missão nas livrarias

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Qual seria, na prática, a diferença entre o livreiro e os demais profissionais que atuam no segmento da venda e da compra de produtos editoriais? Segundo os próprios, eles são mais do que vendedores. Trabalham indicando obras, analisando o mercado e cultivando públicos consumidores que seguem fiéis por décadas a fio. No Dia Nacional do Livreiro e da Livraria, a reportagem conversou com três paraibanos que acumulam farta experiência na área.

Ronaldo Andrade tem mais de quatro décadas de experiência como livreiro, parte delas dedicada ao sebo O Cata-Li-



Foto: Arquivo pessoal

Eduardo Augusto é, há dois anos, gerente da Livraria A União

vros, em Campina Grande. Testemunhou a queda da censura e a liberação de obras socialistas e marxistas, antes proibidas. “O mercado hoje é diferenciado, em que se tem várias opções para adquirir os livros, mas a linha de frente, ali, direto com o cliente, isso ainda prevalece de uma forma muito forte”, assevera.

Se a internet e o comércio online inibem, em alguma medida, as vendas presenciais de livros, as redes sociais, ressalta Ronaldo, são ferramentas importantes para a promoção da literatura. Mas o contato físico tem um diferencial. “Tenho vários clientes que são praticamente ‘fundadores’ do sebo comigo, como o professor Zé Mário da Silva, que desde garotinho nos frequenta, e o deputado e ex-prefeito de Campina, Félix Araújo”, elenca.

Seguindo os passos do pai, Heriberto Coelho, o pessoense Vladimir Carvalho atua há 20 anos como livreiro de O Sebo Cultural, um dos maiores da capital, administrando um acervo que conta com mais de 300 mil itens, entre livros, discos e CDs. “Eu fui criado lá dentro, desde a época em que o Sebo era na rua General Osório, em João Pessoa. Tenho muitas lembranças legais, de estar sempre no meio dos gibis, dos quadrinhos”, rememora.

Dentre as lições mais importantes apreendidas junto a Heriberto, Vladimir recorda a frase “todo livro tem seu dono”. Não importando se a obra está há um ou a há 15 anos, ela sempre terá um valor para alguém, em específico, ou para a sociedade, como um todo. “Teve uma época que se disse que os livros físicos iam acabar, mas a gente percebe que está longe disso. Todo mundo quer ter sua biblioteca – desde os jovens até os mais velhos”.

Eduardo Augusto, também pessoense, assumiu a gerência da Livraria A União Poeta Juca Pontes, há dois anos.



Foto: Arquivo pessoal

Vladimir Carvalho é livreiro de O Sebo Cultural

Ele sustenta que antes de ser um conhecedor da literatura, o livreiro precisa ser um amante dos livros. “A informação ajuda na hora da venda, porque você sabe o que o cliente quer. Mas não pode ter aquela coisa academicista, sabe? Eu já atendi muitos clientes que não sabia o que queria, dizia só assim: ‘Vi um livro na TV com a capa azul’. Então, você tem que ter muito *feeling* na hora”, declara.

Prospectando o seu próprio futuro, Eduardo sentencia que o livreiro é a uma profissão em extinção, que deverá ser substituída pela inteligência artificial e por outras ferramentas que suplantam, economicamente, o humano. “Às vezes você quer indicar um *Moby Dick* para um cliente e a pessoa não quer, não tem tempo. A leitura, atualmente, é muito fugaz. Os livreiros que eu vejo por aí, vão desaparecer. Mas espero que eu ainda demore muito”, finaliza.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Ensaaios e ensaístas

Gosto de ler ensaios literários. Constituem um gênero da minha preferência e intimidade. Diria mesmo que há ensaios que valem tanto quanto a obra de criação pura a que se referem, considerando-se, especialmente, a virtualidade do estilo e a beleza estética das palavras na composição da ideia ou do pensamento.

Gênero livre, aberto, digressivo, revela o poder meditativo do ensaísta, a lógica singular de seus argumentos, a agudeza do olhar exegetico, conduzindo o leitor, no mais das vezes, e por força de uma concepção original, para certos aspectos imperceptíveis da forma e do conteúdo das obras analisadas.

Insisto: há ensaios tão grandes quanto o poema, o romance ou o conto sobre os quais o ensaísta se debruça, na aventura particular e única de sua leitura. Estes, em sendo exemplos de mentalização reflexiva, não deixam de se configurar como modelos de criação. São paradigmas literários, sem que sejam, especificamente, obras de ficção ou de poesia.

Alguns ensaístas me são caros. Vou me restringir apenas à tradição em âmbito literário brasileiro, para citar alguns nomes com os quais tenho convivido na minha já longa história de leitor. História de muitos passos, percalços, surpresas, frustrações, alegrias, felicidade!

Leio e releio, com prazer, gente antiga, porém, do melhor quilate. Gente que se esmerou na prática de outros gêneros, como a ficção, por exemplo, mas que não descurou do exercício analítico acerca de seus pares e das suas circunstâncias.

Machado de Assis sempre me pareceu fundamental como ensaísta. Alguns textos de sua lavra não podem ser omitidos, quando se discute certas particularidades da literatura brasileira. O seu “Instinto de nacionalidade” é peça indispensável ao debate crítico das nossas letras, assim como o são, já em outra chave, sua análise crítica de *O Primo Basílio*, romance de Eça de Queirós, e o ensaio acerca da “nova geração”.

José Veríssimo possui momentos de intensa lucidez, sobretudo, porque, diferente de um Sílvio Romero, que via o fenômeno literário por um viés culturalista, sempre procurou o elemento estético enquanto via decisiva para a interpretação e o juízo crítico. Sua escrita não era das melhores, porém, sua intuição analítica quase não errava ao apreciar este ou aquele autor.

Tristão de Athayde foi o crítico do modernismo. Ao lado de Mário de Andrade e de Agripino Grieco formou a triade dos ensaístas mais atuantes nas três primeiras décadas do século 20. Cada um, a seu modo e a seu estilo, entabulou constante e fértil diálogo com seus pares, sempre atentos à literatura contemporânea e fazendo do ensaio crítico um vetor essencial na dinâmica da vida literária.

Um Brito Broca, no rastreamento pitoresco dos bastidores da história literária; um Augusto Meyer, na refinada leitura que faz, entre a exegese e a teoria; um Álvaro Lins, agudo, polêmico, de ampla e variada cultura; um Sérgio Milliet, na volumosa obra diarística, e um Antonio Candido, na travessia entre sociologia e crítica literária, compõem um mosaico que me parece definitivo na ordem do ensaio brasileiro, principalmente daquele ensaio que se disseminou pelas páginas dos periódicos e dos suplementos literários, quando havia suplementos literários!

Se juntar a estes os nomes daqueles já vinculados, de uma forma ou de outra, à formação acadêmica, a um traço mais especializado, terei um leque mais amplo e mais matizado no campo do ensaio literário. Não são poucos os que ocupam lugar na minha biblioteca. Deles estou me socorrendo, aqui e ali, para rever obras e autores já lidos, numa nova perspectiva e em outra direção.

Segue uma lista aleatória e, decerto, lacunosa, a título apenas de ilustração: Roberto Alvim Correa, José Guilherme Merquior, Luís Costa Lima, Davi Arrigucci Jr., Antônio Carlos Sechin, Ivan Junqueira, Antônio Carlos Villaça, Ledo Ivo, César Leal, Fausto Cunha, Benedito Nunes, Gilberto Mendonça Teles, Franklin de Oliveira, Affonso Romano de Sant’Anna, Nelly Novaes Coelho, Lúcia Helena, Tânia Carvalhal, Regina Zilbermann, Alexei Bueno, Mário Hélio, Carlos Newton Jr. e André Sefrin.

MÚSICA

Tuyo leva indie pop à Vila do Porto

Trio paranaense revisita carreira no encerramento de sua turnê pelo Nordeste; apresentação de hoje é às 18h

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Lilian Soares (Lio), vocalista da banda Tuyo, ficou surpresa com o grande número do público, em plena terça-feira (25), para ver o show de seu trio em Salvador. “A gente não esperava. Uma banda independente, com tantas coisas acontecendo na cidade. Isso nos deixou confiantes, com certeza”, diz ela. Encerrando a *tour* pelo Nordeste, o grupo curitibano apresenta seu

indie pop
hoje, às
18h,

na Vila do Porto, Varadouro – ingressos antecipados no Sympla custam R\$ 100 (inteira), R\$ 50 (meia) e R\$ 55 (social), acrescidos de taxas da plataforma.

O fato de João Pessoa ter sido a última cidade da *trip* sonora foi providencial. “É uma das cidades mais apaixonantes; difícil de voltar pra casa depois”, atesta Lio, que já esteve na capital em 2023, acompanhada por Layane Soares (voz, violão e guitarra) e Jean Machado (voz, violão, contrabaixo e *synths*).

A turnê revisita o cançãoeiro da Tuyo desta década – tem coisas do álbum *Paisagem* (2024) e do denso *Chegamos Sozinhos em Casa* (2021),

este último posto no mundo em meio à pandemia e, ainda assim, logrando indicação ao Grammy Latino de melhor álbum de pop contemporâneo em língua portuguesa àquele ano.

Lio sente que o grupo deixou de ser uma promessa quando passou a entender a “sustentabilidade” da proposta, desvinculada da noção de sucesso. “Pra fazer um disco a gente só precisa ter vontade, hoje”, ela considera. “Antes, precisávamos ter mil amigos escusos, mil alianças, dinheiro em-

prestado,
d i v i -

das, 15 empregos. Sinto que hoje, se a gente deseja colocar um fonograma no mundo, a gente consegue”.

Acerca do estilo peculiar da Tuyo, a cantora, que participou com Layane do *The Voice Brasil* em 2016, gosta de pensar que faz uma mescla entre música eletrônica e MPB. Para quem ainda não conhece o som do grupo, é um bom resumo para dar o *play* e entender o que está acontecendo. “A gente tem um cuidado muito grande com voz, algo que tem ficado cada vez mais raro no mundo da música. Que o canto seja o mais importante”.

Prestes a completar 10 anos de estrada (em fevereiro de 2026), a banda vem comunicando de um estado de espírito celebrativo.

“A gente não para de com- por, tá sempre escrevendo, mas o espírito agora é de ‘tá- pinha nas costas, sabe?’, confessa, creditando ao tempo o papel preponderante de interferência e amadurecimento do conjunto da obra. “O direito ao tempo alterou pra caramba o nosso som”, sentenciava enquanto lembra que *Chegamos Sozinhos em Casa* foi a virada de chave para a emancipação dos músicos frente aos mil trabalhos que tanto lhes roubavam o precioso tempo.

O desejo de “curar” ou de tornar, se não a alma, pelo menos os ouvidos mais sensíveis às dores da existência, dá o tom da pegada filosófica às letras de

Tuyo. “Sinto que a dor, o sofrimento, é um objeto muito antigo de análise na música. Torço pra que isso nunca acabe e a gente nunca deixe de fazer análise sobre o envelhecimento, a morte iminente, o que é eterno e o que não é, o perecível, o pensamento. Faz parte da música brasileira. Quando você pensa em Milton, Caetano, Bethânia, quem ultrapassa o tempo é quem fala sobre ele no geral”, canta Lio.

ONDE:

■ VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro, João Pessoa).

Os três integrantes estão
prestes a completar 10
anos na banda

Foto: Walter Firmo/Divulgação

Em Cartaz

Cinema

Programação de 27 de novembro a 3 de dezembro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Guarabira e Patos.

ESTREIAS

BUGONIA (*Bugonia*). Irlanda/Reino Unido/Canadá/Coreia do Sul/EUA, 2025. Dir.: Yorgos Lanthimos. Elenco: Emma Stone, Jesse Plemons, Alicia Silverstone. Policial/comédia. Dois homens sequestram uma empresária achando que ela é uma alienígena invasora. 1h58. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 13h, 18h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: leg.: 18h15.

MÃE FORA DA CAIXA. Brasil, 2025. Dir.: Manuh Fontes. Elenco: Miá Mello, Danton Mello, Malu Vallo. Drama/comédia. Mulher bem-sucedida tem toda sua vida sob controle até ter sua primeira filha. 1h33. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 13h, 15h15, 17h30, 19h40, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 12h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 12h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 19h30.

MORRA, AMOR (*Die, My Love*). Reino Unido/Canadá/EUA, 2025. Dir.: Lynne Ramsay. Elenco: Jennifer Lawrence, Robert Pattinson, Sissy Spacek, Nick Nolte. Drama. Em área rural isolada, mulher luta contra a psicose enquanto lida com o casamento e a maternidade. 1h59. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 15h30, 20h30.

ZOOTÓPIA 2 (*Zootopia 2*). EUA, 2025. Dir.: Jared Bush e Byron Howard. Vozes na dublagem brasileira: Monica Iozzi, Rodrigo Lombardi, Danton Mello. Comédia/aventura/animação. Coelho e raposa policiais investigam o misterioso desaparecimento de uma cobra em Zootopia. 1h48. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 14h, 16h20, 18h45. CENTERPLEX MAG 4: dub.: 15h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 13h50, 16h20, 18h50, 21h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 2D: 13h, 15h30, 18h; 3D: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 14h30, 17h, 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: qui. a ter.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): dub.: 13h30, 16h, 18h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h30, 17h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h30, 16h, 18h30, 21h. CINESERCLA TÁMBIÁ 3: dub.: 15h30. CINESERCLA TÁMBIÁ 5: dub.: 3D: 15h30; 2D: 17h30, 19h30. CINESERCLA TÁMBIÁ 6:

dub.: 14h30, 16h30, 18h30, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 3D: 15h30; 2D: 17h30, 19h30. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 14h30, 16h30, 18h30, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 3D: 14h45, 16h50, 19h; 2D: 21h05. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 18h40. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: dom.: 3D: 15h25, 17h40; 2D: 20h; seg. a qua.: 3D: 15h25, 17h40; 2D: 19h55. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 2D: 14h, 18h30; 3D: 16h10; seg. a qua.: 2D: 15h, 19h20; 3D: 17h10.

ESPECIAL

FESTIVAL DE CINEMA FRANCÊS DO BRASIL. Domingo: 14h – *A Cabra*; 16h – *O Apego*; 18h10 – *Fora de Controle*; 20h25 – *O Estrangeiro*. Segunda: 14h – *Uma Jornada de Bicicleta*; 15h55 – *O Segredo da Chef*; 18h – *Operação Maldoror*; 21h – *Sonho, Logo Existo*. Terça: 14h – *Eu, que Te Amei*; 16h25 – *Sonho, Logo Existo*; 18h20 – *Jovens Mães*; 20h30 – *Fanon*. Quarta: 14h – *Fora de Controle*; 16h15 – *Mãos à Obra*; 18h10 – *O Estrangeiro*; 20h35 – *La Pampa*.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.

MONSTA X – CONNECT X (*Monsta X – Connect X*). Coreia do Sul, 2025. Dir.: Margo Yeji Lee e Yoon-Dong Oh. Documentário/show. Registro dos dez anos do grupo Monsta X. 1h58. Classificação não informada.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: qua.: 19h.

A NATUREZA DAS COISAS INVISÍVEIS. Brasil, 2025. Dir.: Rafaela Camelo. Elenco: Laura Brandão, Serena, Camila Márdila. Drama. Duas meninas formam em um hospital uma amizade que as ajudam a lidar com perdas. 1h30. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: ter.: 19h.

CONTINUAÇÃO

O AGENTE SECRETO. Brasil/França/Países Baixos/Alemanha, 2025. Dir.: Kléber Mendonça Filho. Elenco: Wagner Moura, Tânia Maria, Carlos Francisco, Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Alice Carvalho, Udo Kier, Thomás Aquino, Buda Lira, Jodilsson Cunha, Suzy Lopes, Cely Farias. Drama. Em 1977, durante a ditadura militar, homem chega a Recife se escondendo de perseguidores. Prêmios de melhor direção e ator em Cannes. 2h38. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: 17h30, 20h45. CINE BANGÜÊ: dom., 30/11: 16h30, 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: qui. a seg. e qua.: 13h, 16h30, 20h; ter.: 13h, 16h30. CINESERCLA TÁMBIÁ 1: 17h20.

JUJUTSU KAISEN – EXECUÇÃO (*Geki-jō-ban Jujutsu Kaisen Shibuya Jihen Toku-*

betsu Henshū-ban × Shimetsu Kaiyū Senkō Jōei). Japão, 2025. Dir.: Shouta Goshozono. Animação/aventura. Aprendiz de feiticeiro enfrenta um véu que aprisiona pessoas. 1h30. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 17h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: leg.: 14h20.

PREDADOR – TERRAS SELVAGENS (*Predator – Badlands*). EUA, 2025. Dir.: Dan Trachtenberg. Elenco: Elle Fanning, Dimitrius Schuster-Koloamatangi, Reuben de Jong. Ficção científica/aventura. Predador rejeitado pelo clã se alia a uma ciborgue para enfrentar um inimigo. 1h47. 16 anos.

João Pessoa: CINESERCLA TÁMBIÁ 1: dub.: 15h15, 20h20.

O SOBREVIVENTE (*The Running Man*). Reino Unido/EUA, 2025. Dir.: Edgar Wright. Elenco: Glen Powell, Emilia Jones, Josh Brolin, Colman Domingo, William H. Macy, Michael Cera. Ficção científica/aventura. Homem participa de game show onde os participantes são caçados e mortos. 2h13. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: 21h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 21h45. CINESERCLA TÁMBIÁ 2: dub.: 18h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 20h20. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 20h30. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 17h50. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 20h40; seg. a qua.: 21h15.

3 OBÁS DE XANGÔ. Brasil, 2025. Dir.: Sérgio Machado. Documentário. A amizade entre Jorge Amado, Dorival Caymmi e Carybé, que moldou a identidade baiana. 1h17. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom., 30/11: 15h.

TRUQUE DE MESTRE – O 3º ATO (*Now You See Me – Now You Don't*). EUA, 2025. Dir.: Ruben Fleischer. Elenco: Jesse Eisenberg, Woody Harrelson, Isla Fisher, Dave Franco, Rosamund Pike, Morgan Freeman. Policial. Ilusionistas aposentados se unem a novos talentos para enfrentar criminosos. 1h52. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 13h30, 16h, 18h30, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: 16h10, 21h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 15h, 17h30, 20h. CINESERCLA TÁMBIÁ 2: dub.: 16h05, 20h45. CINESERCLA TÁMBIÁ 3: dub.: 18h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h05, 20h45. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h10. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 15h40, 18h20. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 15h55, 20h55. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 16h50, 19h10, 21h30. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 20h15.

WICKED – PARTE 2 (*Wicked – For Good*).

EUA, 2025. Dir.: Jon M. Chu. Elenco: Cynthia Erivo, Ariana Grande, Jeff Goldblum, Michelle Yeoh. Musical/drama. A Bruxa Má do Oeste e a Bruxa Boa do Norte testam sua amizade diante das tensões do mundo de Oz. 2h18. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 14h15. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 14h, 17h10, 20h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: dom. a ter.: 13h10, 18h40; qua.: 13h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 14h15, 17h15, 20h15. CINESERCLA TÁMBIÁ 3: leg.: 20h20. CINESERCLA TÁMBIÁ 4: dub.: 15h05, 17h40, 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: leg.: 15h20, 17h55; dub.: 20h30. CINESERCLA PARTAGE 5: leg.: 15h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dom., seg. e qua.: dub.: 15h30, 18h05, 20h40; ter.: dub.: 15h30, 20h40; leg.: 18h05. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 3D: 15h; 2D: 20h35. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 2D: 14h10. CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 3D: 15h45; 2D: 21h10; leg.: 2D: 18h30. **Remígio:** CINE RT: dub.: seg. e qua.: 20h15.

Teatro

HOJE

A MANHÃ SEGUINTE. De Peter Quilter. Direção Thereza Falcão e Bel Kutner. Com Gustavo Mendes, Carol Castro, Bruno Fagundes e Ângela Rebello. Comédia. Rapaz e moça acordam no quarto dela e lidam com a aparição da família.

João Pessoa: TEATRO SANTA ROZA (Praça Pedro Américo, s/nº, Centro). Domingo, 30/11, 19h. Ingressos: de R\$ 21 (frisa 2º andar/meia e frisa 1º andar/popular) a R\$ 150 (plateia e frisa 1º andar/inteira), antecipados na plataforma Sympla.

Música

HOJE

ECOSSISTEMA MUSICAL. Domingo: DJ Kamet, Maracastelo, Digzin, Parahyba Ska Jazz.

João Pessoa: CIDADE DA IMAGEM (Conventinho, R. Padre Antônio Pereira, Varadouro). Domingo, 30/11, 15h30. Entrada franca.

TUYO. Show do trio que mistura pop, house, synthpop e afropop com beats eletrônicos.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 30/11, 18h. Ingressos: R\$ 100 (inteira), R\$ 55 (social) e R\$ 50 (meia), antecipados na plataforma Sympla.

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais. Participação de Mirandinha Sambista.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Segunda, 1/12, 20h. Ingressos: R\$ 40 (inteira), m R\$ 30 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

Exposições

CONTINUAÇÃO

CRISTINA STRAPÇÃO. Exposição de pinturas e lançamento de livro da pintora.

João Pessoa: SESC CABO BRANCO (Av. Cabo Branco, 2788, Cabo Branco). Visitação até 31 de janeiro. Entrada franca.

ILÊ ARTE PRETA EXPERIMENTAL. Exposição com 14 artistas.

João Pessoa: CASARÃO 34 (Praça Dom Adauto, Av. Visc. de Pelotas, 34, Roger). Visitação de segunda a sexta, das 9h às 17h, até 5 de dezembro. Entrada franca.

PEDRA POEMA. Exposição coletiva com Gonzaga Costa, Jacira Garcia e Yuri Gonzaga.

João Pessoa: ESTAÇÃO CABO BRANCO (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação de terça a sexta, das 9h às 18h, e sábado e domingo, das 10h às 18h. Entrada franca.

THIAGO MULLER. Exposição *Do Sal ao Barro*, com pinturas, esculturas e peças personalizadas com o Nordeste como tema.

João Pessoa: HOTEL GLOBO (Largo de São Frei Pedro Gonçalves, 7, Varadouro). Visitação diária, das 9h às 17h, até 15 de dezembro. Entrada franca.

VAN GOGH E OS IMPRESSIONISTAS. Exposição imersiva com projeções.

João Pessoa: MANGABEIRA SHOPPING (Av. Hilton Souto Maior, s/nº, Mangabeira). Visitação de terça a sábado, das 10h às 22h, e domingos e feriados, das 12h às 22h. Ingressos: de R\$ 35 (terça a sexta/meia) a R\$ 95 (domingo e feriados/inteira), antecipados em vangoghimpressionistas.com.br.

INSTRUMENTO DA DEMOCRACIA

Elegis é símbolo de formação cidadã

Instituída pela Lei nº 7.125/2002, Escola do Legislativo promove o desenvolvimento humano, político e social

Eliz Santos
elizsantos17@gmail.com

Antes de nascer nas urnas, a democracia floresce nas salas de aula — é ali que o cidadão aprende a pensar, questionar e transformar a realidade. É com essa convicção que a Escola do Legislativo da Paraíba (Elegis-PB) vem, há mais de duas décadas, capacitando servidores e fortalecendo o vínculo entre Parlamento e sociedade. Criada para fortalecer o Poder Legislativo e aproximar a população do Poder Público, a instituição tornou-se um símbolo de educação cidadã e fortalecimento da vida pública.

No contexto da democra-



O maior legado da escola é mostrar que todos nós somos seres políticos. Ninguém pode mudar o que não entende

Maria Helena Toscano



Fotos: Roberto Guedes

Elegis fica na Avenida Desembargador Souto Maior, na capital

cia moderna, as instituições de formação legislativa desempenham papel estratégico no fortalecimento da cidadania, na qualificação do serviço público e no aprimoramento das práticas parlamentares. Essas iniciativas têm origem na Constituição Federal de 1988, que, em seu artigo 39, § 2º, determinou que a União, os Estados e o Distrito Federal mantenham instituições voltadas à formação e ao aperfeiçoamento dos servidores públicos. Esse dispositivo abriu caminho para que os Parlamentos estaduais e municipais criassem suas próprias escolas, com foco na capaci-

tação técnica e na promoção da cidadania. Nesse contexto, a Paraíba destacou-se como a quinta unidade da Federação a instituir, por lei, sua Escola do Legislativo. Criada pela Lei nº 7.125, de julho de 2002 e vinculada à Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), a escola nasceu com a missão de oferecer suporte técnico e administrativo às atividades da Casa de Epitácio Pessoa, promovendo também o desenvolvimento humano, político e social. Sua implementação efetiva ocorreu em fevereiro de 2003, sob a direção de Maria Helena Toscano.



Espaço funciona há 22 anos e já beneficiou milhares de cidadãos

Poucos meses depois, em maio do mesmo ano, representantes das cinco primeiras Escolas do Legislativo do país — Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Paraíba — reuniram-se em Brasília, em encontro promovido pelo Senado Fe-

deral. Dessa reunião, nasceu a Associação Brasileira das Escolas do Legislativo e de Contas (Abel), que, hoje, reúne também as escolas vinculadas aos Tribunais de Contas e atua como uma rede nacional de intercâmbio e fortalecimento institucional.

Projeto transforma vida de jovens estudantes

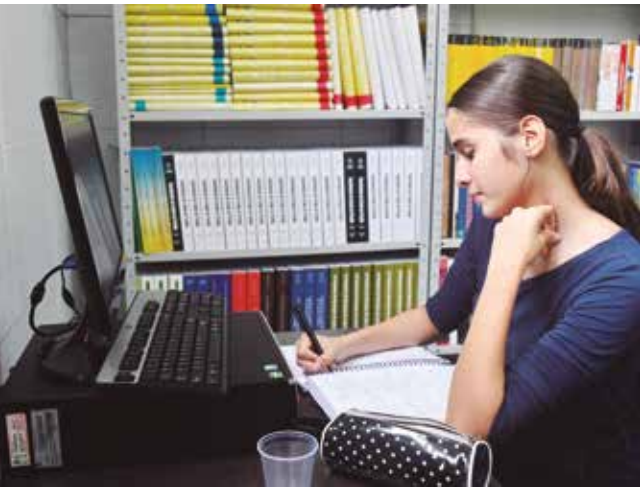
Entre as iniciativas de maior impacto, está o curso Pré-Enem Social, oferecido gratuitamente à comunidade de baixa renda. Do total de vagas, 70% são destinadas a alunos oriundos de escolas públicas e 30% a estudantes de escolas privadas. As aulas acontecem de segunda a sexta-feira, das 13h às 18h e têm contribuído para ampliar o acesso ao Ensino Superior entre jovens paraibanos. O projeto tem mudado a trajetória de jovens da rede pública, ampliando o acesso à universidade e reduzindo desigualdades educacionais. Em edições recentes, o programa registrou 80% de aprovação, com alunos conquistando vagas em cursos

concorridos, como Medicina na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Gianna Maria sonha em cursar Medicina e destaca a importância do projeto em sua vida. “Encontrei o curso num momento em que eu mais precisava. Hoje em dia, estudar é caro, e aqui encontrei acolhimento e um ensino de qualidade. As aulas abrangem tudo o que precisamos, e os professores são incríveis. Ter essa oportunidade gratuita foi muito gratificante e transformadora”, conta a estudante, que faz o cursinho pelo segundo ano consecutivo. A jovem Vitória Soares, de 20 anos, também encontrou na Elegis um espaço de

crescimento pessoal e educacional. Aluna dos cursos de Inglês e Pré-Enem, ela acredita que a escola abriu novos horizontes em sua trajetória. “A Escola do Legislativo tem me ajudado muito. Os professores são acolhedores, e o ambiente faz a gente acreditar que é possível. Sou muito grata à professora Maria Helena e a toda equipe por me darem essa oportunidade de aprender e crescer”, afirma Vitória, que espera conquistar a aprovação no Enem. As histórias de Gianna e Vitória traduzem o impacto humano e social das ações da Elegis, que, mais do que preparar para provas ou carreiras, forma cidadãos conscientes do seu papel político e social.

Inclusão

A instituição também inovou ao implementar um programa de inclusão para alunos surdos no Pré-Enem, com intérpretes de Libras e material didático adaptado, garantindo igualdade de oportunidades. Além disso, oferece cursos de idiomas — francês, inglês e espanhol — e capacitações em diferentes áreas, como Gestão Pública, Inovação, Empreendedorismo e Marketing.



Vitória Soares matriculou-se nos cursos Pré-Enem e de Inglês

Lugar é visto como patrimônio do estado

Mais de duas décadas após sua criação, a instituição consolidou-se como um centro de formação, pesquisa e inovação democrática, impactando diretamente a vida de mais de 60 mil paraibanos. Desde o início, o propósito da instituição vai além da capacitação técnica: envolve acolhimento, pertencimento e transformação. Para Maria Helena Toscano, a transformação social gerada pela Elegis é o maior legado da instituição. “A Escola do Legislativo pertence à Assembleia Legislativa e, como a Assembleia é a Casa do Povo, aqui também a gente acolhe, abraça e recebe com amor e carinho. Os nossos alunos sabem que aqui é mais do que um espaço de ensino — é uma família. A gente sorri junto, chora junto e vibra com as conquistas de cada um. Tenho certeza de que todos que passam por aqui levam um pedacinho da escola com eles — e muitos acabam voltando, porque esse vínculo é real e duradouro”.

Compromisso

Com 22 anos de história, a instituição segue firme em sua missão de desenvolver processos formais de educação permanente e continuada, fortalecendo o Poder Legislativo e promovendo uma sociedade mais justa e igualitária. Para o presidente da Assembleia Legislativa da Paraíba, o deputado Adriano Galdino (Republicanos), a Elegis representa um patrimônio para o estado. “A Escola do Legislativo é motivo de orgulho para todos nós. Ela não apenas capacita servidores e forma cidadãos críticos, mas também abre portas para milhares de jovens que encontraram no ensino um caminho para transformar suas vidas”, diz. Assim, ao longo dessa trajetória, a Escola do Legislativo da Paraíba comprova que o conhecimento aliado à cidadania é um poderoso instrumento de transformação social e reafirma, na prática, que a democracia começa pela educação.

Em edições recentes, projeto da Escola do Legislativo voltado à preparação para o Enem registrou 80% de aprovação

SENADO FEDERAL

Comissão vota aumento de tributos na terça-feira

Medida busca frear drenagem da economia por empresas de apostas virtuais

Agência Senado

O aumento de tributos para as empresas de apostas — mais conhecidas como *bets* — e as *fintechs* teve votação adiada pela Comissão de Assuntos Econômicos (CAE), para a próxima terça-feira (2), a pedido da oposição. O projeto de lei, que aumenta a Contribuição Social sobre Lucro Líquido (CSLL) para *fintechs* e outras instituições financeiras, eleva gradualmente a taxaço sobre as *bets* e cria um programa de regularização tributária para pessoas físicas de baixa renda.

O relator da matéria, o senador Eduardo Braga (MDB-AM), apresentou, na última quarta-feira (26), uma complementação do seu voto favorável ao PL nº 5.473/2025, que já tinha sido objeto de vista coletiva a partir do dia 4 de novembro. Do senador Renan Calheiros (MDB-AL), a proposta foi apresentada para contemplar pontos que ficaram de fora de seu relatório sobre o PL nº 1.087/2025, que isenta de Imposto de Renda quem ganha até R\$ 5 mil por mês. O texto já foi sancionado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Eduardo Braga acatou total ou parcialmente 20 das 176 emendas apresentadas pelos colegas na CAE. Ele afirmou que, em audiência na terça-feira (25), com o presidente do Banco Central (BC), Gabriel Galípolo, e o presidente do Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf), Ricardo Saadi, ficou claro que a economia do país está sendo drenada pelas *bets* e *fintechs*.

“Temos, hoje, meio trilhão de reais navegando no sistema bancário brasileiro abaixo dos radares do BC e do Coaf. Este é um texto de comando legal para botar fim a esta ilegalidade, que aflige e atinge milhões de brasileiros e atinge a economia brasileira como um todo”, disse Eduardo Braga, salientando, também, o caráter negativo da disseminação dos jogos de azar por meio das *bets*.

O senador Rogério Marinho (PL-RN) pediu vistas para o novo relatório pelo caráter “bastante técnico e importante da matéria”. Seu pedido foi apoiado pelo senador Esperidião Amin (PP-SC) e atendido pelo relator Eduardo Braga e pelo presidente da CAE, Renan Calheiros.

Fintechs

Pelo relatório, o Projeto de Lei nº 5.473/2025 eleva a Contribuição Social sobre o Lucro



Fotos: Andressa Anioleto/Agência Senado

CAE adiou decisão sobre o PL nº 5.473 a pedido da oposição

Líquido de forma escalonada: de 9% para 12%, em 2026, e para 15%, a partir de 2028, para *fintechs* e instituições de pagamento, administradoras de mercado de balcão, bolsas de valores e de mercadorias, entre outras equiparadas a essas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN). Já as sociedades de capitalização e as instituições de crédito, financiamento e investimento terão alíquota elevada de 15% para 17,5%, em 2026, e para 20%, em 2028.

“A medida fortalece a sustentabilidade fiscal e propicia isonomia entre entidades reguladas e supervisionadas pelo Banco Central do Brasil ao corrigir distorções na carga tributária entre instituições que realizam operações semelhantes. Contudo, após analisar as emendas apresentadas sobre o tema, acatamos parcialmente as de número 2-T e 163, para efetivar o aumento das alíquotas de forma gradual”, expôs o senador Eduardo Braga.

Bets

Quando à tributação das empresas de apostas, o texto estabelece aumento gradual da Contribuição sobre a Receita Bruta de Jogo (GGR), que passará de 12% para 15%, em 2026 e 2027, e para 18%, a partir de 2028. A base de cálculo para a tributação das operadoras é a Receita Bruta de Jogo, conhecida internacionalmente como “GGR” e calculada como o total arrecadado com as apostas, subtraído do valor pago aos apostadores como prêmio. “Nossa proposta estabelece

critérios mais claros para a autorização de operação de apostas, reforçando que o Ministério da Fazenda poderá negar autorizações quando houver dúvidas sobre a idoneidade de administradores e controladores. Além disso, passam a existir requisitos mínimos para comprovação de idoneidade, com intuito de garantir que apenas operadores confiáveis atuem legalmente”, pontuou o relator.

Pert-Baixa Renda

O projeto também cria o Programa de Regularização Tributária para Pessoas Físicas de Baixa Renda (Pert-Baixa Renda), voltado à regularização de dívidas tributárias e não tributárias vencidas até a data da futura lei. Poderão aderir ao programa pessoas físicas com rendimentos de até R\$ 7.350 mensais ou R\$ 88.200 anuais, no ano-calandário de 2024.

Quem recebe até R\$ 5 mil por mês terá acesso integral aos descontos e benefícios, enquanto rendas superiores terão redução proporcional dos incentivos. O valor mínimo de cada parcela será de R\$ 200. A adesão implicará confissão de dívida, compromisso com os pagamentos e exclusão de outras formas de parcelamento, salvo o parcelamento previsto na Lei nº 10.522/2002.

Remessa de lucros

Além das mudanças na tributação, o projeto corrige uma distorção relacionada à remessa de lucros e dividen-



Este é um texto de comando legal para botar fim a esta ilegalidade, que aflige e atinge milhões de brasileiros

Eduardo Braga

dos para beneficiários no exterior. A proposta garante que, se a soma do imposto efetivamente pago no Brasil — IRPJ e CSLL — com o Imposto de Renda Retido na Fonte (IRRF) sobre a remessa ultrapassar os limites legais (normalmente, de 34%), o residente ou domiciliado no exterior poderá solicitar a restituição da diferença.

O texto estabelece que esse pedido de devolução poderá ser feito no prazo de até cinco anos, conforme previsto no Código Tributário Nacional. Essa medida corrige uma limitação prevista no PL nº 1.087/2025, que restringia o prazo para 360 dias, proporcionando mais segurança jurídica e alinhamento com a legislação vigente.

comprovação de idoneidade das *bets* e empresas de internet terão até 48 horas úteis de prazo para remoção de páginas ilegais.

“O descumprimento das novas normas traz sanções administrativas significativas, como multas de até R\$ 50.000 por operação irregular e a suspensão temporária de serviços prestados pelos operadores”, diz o senador Braga no relatório.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (20)

Estou agendado no Centro Cultural São Francisco, para lançar um livro. De conformidade com o laudo médico, nem poderei ser preso em cadeia comum, só no domicílio, tampouco estarei capacitado para locomover-me: estou enquadrado no perfil R26.8, gonartrose primária bilateral nos joelhos, impedindo-me de usar tomozeleira eletrônica, considerando a gravidade e refratariedade do caso. Portanto, anuncio antecipadamente o meu não comparecimento.

Escute a Rádio Barata no Ar e ultrapasse as fronteiras tradicionais das narrativas existenciais, espirituais e filosóficas, conforme afirmou Clarisse Lispector nas redes sociais.

“Sei muita coisa sobre essa Rádio Barata no Ar. Vão querer me silenciar. Se eu sumir, já sabem, né?” (Ameba, o vil).

“A polícia entrava na favela e colocava música de Vivaldi. Enquanto o som tocava, eles abusavam de mulheres, torturavam e assassinavam pessoas. Acontecia em Sapopemba, na Zona Leste de São Paulo, no início dos anos 2000” (Valdênia Aparecida Paulino, Corregedora da Polícia, à Folha de São Paulo).

“É preciso educar o povo para não colocar lixo na rua, na prefeitura, na câmara, no Congresso e no Planalto” (Autor desconhecido).

Dúvida de Sonsinho: se os padres não casam, como se reproduzem?

Frase atribuída a Sonsinho: “Um dia me chamaram de ninguém. Fiquei contente porque ninguém é perfeito”.

Uma certeza consoladora: meu complexo de inferioridade não é inferior ao de ninguém.

Tudo bem que eu não realize meus sonhos, mas espero que outros não realizem meus pesadelos.

Sexo oral só é pecado “caso o orgasmo seja alcançado”, afirma site da igreja. Pastor Pedânio discorda.

Evangélico produz refrigerante para substituir Coca-Cola, a “bebida do diabo”. “A Coca-Cola, escrita ao contrário, significa ‘Alô, diabo’”, diz o empresário, que é seguidor da Igreja Jesus Salva e a Cannabis Cura.

Pastor Malafaia lança spray que mata capeta. Cada frasco dá para remover o diabo de umas 20 pessoas. Pastor Pedânio garante que o spray é invenção sua.

“Fez exame de sangue? Você pode ter sangue de peixe e, consequentemente, sua mãe é piranha” (Ameba, insultando Madame Preciosa).

“A beleza está nos olhos de quem bebe” (Sergio Ricardo, acordando da festa de aniversário).

“Candidate-se. Por mais idiota que seja, sempre haverá outros idiotas para acreditar que você não o é” (Millôr).

Semelhante a Goethe, acho que a melhor forma de governo é aquela que nos ensina a governar-nos por nós mesmos.

“Hoje vivemos uma midiocracia” (José Octávio de Arruda Mello).

“A verdade é uma mentira com fundamento” (Acho que é de Lau Siqueira).

“O caminho da cura pode ser a doença” (Racionais Mc’s).

Fiquei velho e não li as 1.557 páginas do livro “Guerra e paz”, de Tolstói. Nem comecei. Aliás, nunca vi esse livro pessoalmente.

Em compensação, comecei a ler “O homem que odiava a segunda-feira”, de Ignácio de Loyola Brandão, e cansei na metade das 164 páginas.

Projeto barra atuação do crime organizado

Agência Brasil

Ainda segundo o relator, o projeto cria normas para dificultar o uso do sistema financeiro das *fintechs* e *bets* para lavagem de dinheiro do crime organizado. O senador Eduardo Braga calcula que R\$ 500 bilhões circulam por essas empresas sem fiscalização do Banco Central.

“É uma ilegalidade que atinge milhões de brasileiros

e a economia brasileira como um todo. O índice de sonegação fiscal previsto nessas atividades ilegais é de mais de R\$ 200 bilhões de receitas públicas que deixam de se arrecadar”, apontou.

De acordo com Braga, caso o texto seja aprovado, a partir de abril de 2026, não haverá mais *fintechs* com capital abaixo do radar de fiscalização do Banco Central e do Conselho de Controle de Atividades

Financeiras (Coaf), ligado ao Ministério da Fazenda.

Entre as mudanças, estão previstos critérios “mais claros” para a autorização de operação de apostas de *bets*, “reforçando que o Ministério da Fazenda poderá negar autorizações quando houver dúvidas sobre a idoneidade de administradores e controladores”.

Além disso, o texto estabelece requisitos mínimos para

LIDERANÇA GLOBAL

Turismo do Brasil tem a maior alta

De janeiro a outubro, número de visitantes internacionais aumentou 45% em comparação ao mesmo período de 2024

Gov.br

O Brasil consolida sua posição como líder no cenário global de turismo ao atingir um patamar de crescimento superior a qualquer outro destino de destaque no mundo. É o que atesta a mais recente edição do Barômetro Mundial do Turismo (World Tourism Barometer), da ONU Turismo. Divulgado em novembro, o relatório cita o Brasil com destaque, evidenciando o sucesso das estratégias de promoção e a rápida superação do setor pós-pandemia. Segundo a pesquisa, o Brasil registrou um aumento de 45% nas chegadas de turistas internacionais no período de janeiro a setembro de 2025, em comparação com o mesmo período de 2024. Esse índice coloca o país na liderança global de crescimento, à frente de grandes competidores, como Vietnã e Egito (ambos com 21%), Etiópia e Japão (ambos com 18%). Esse crescimento traduziu-se em números inéditos no país. A Empresa Brasileira de Turismo (Embratur) celebrou recentemente a marca histórica de oito milhões de turistas internacionais no Bra-



Foto: Jaded Queiroz/Embratur

Pesquisa da ONU Turismo também aponta aumento de 12% nas receitas de turismo internacional nos primeiros nove meses do ano

sil em menos de 11 meses, com a expectativa de encerrar 2025 com mais de nove milhões de chegadas estrangeiras. “O relatório da ONU Turismo é mais uma prova de que estamos vivendo o melhor momento do turismo in-

ternacional no Brasil e somos um destaque mundial. O viajante internacional volta seu olhar para o Brasil e agora vê a autenticidade, as experiências e sensações que só o nosso país e o nosso povo oferecem. É por isso que somos o maior

crescimento do mundo no turismo internacional e, graças a isso, também estamos vendo o turismo como matriz econômica que gera emprego, renda e receitas para todo o Brasil”, disse o presidente da Embratur, Marcelo Freixo.

Receita
O excelente desempenho do Brasil não se limita ao volume de visitantes. O impacto financeiro do turismo internacional também atingiu patamares recordes. A pesquisa da ONU Turismo in-

dica um aumento de 12% nas receitas de turismo internacional no Brasil nos primeiros nove meses de 2025. Esse forte crescimento de receitas reflete-se diretamente na economia nacional. Viajantes de outros países injetaram, nos destinos brasileiros, a soma de US\$ 6,617 bilhões de janeiro a outubro de 2025. Esse montante representa um crescimento de 10,19% em relação ao mesmo período de 2024 (quando o valor foi de US\$ 6,005 bilhões), configurando um recorde para o período desde o começo da série histórica, em 1995, e ultrapassando a marca de R\$ 35 bilhões em gastos até outubro.

■
Embratur celebrou recentemente a marca histórica de oito milhões de turistas internacionais em menos de 11 meses

Equipamentos vão acompanhar desembarques em tempo real

A marca de mais de oito milhões de turistas internacionais foi celebrada pela Embratur e pelo Ministério do Turismo na última semana, no Museu de Arte do Rio (MAR), no Rio de Janeiro. A solenidade também foi palco para o lançamento do Prêmio Embratur Visit Brasil, elaborado para homenagear instituições e personalidades que contribuíram para fortalecer a imagem do país no cenário global. A solenidade foi comandada pelo presidente da Embratur, Marcelo Freixo, que iniciou a contagem para a meta de nove milhões de visitantes estrangeiros no Brasil até 31 de dezembro com a implementação de dois turistômetros: painéis com 5 m de altura e projeção de inteligência artificial que exibem o volume de chegadas de turistas internacionais do país em tempo real. Um foi instalado na orla de Copacabana, no Rio de Janeiro, e outro na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. O ministro do Turismo, Celso Sabino, também participou do evento ao inaugurar o turistômetro direto da capital federal simultaneamente à realização do evento no Rio de Janeiro. Os equipamentos foram pensados para trazer impacto e projeção de comunicação, evidenciando o crescimento exponencial do turismo internacional no atual momento do país.

Campanha nacional
Os turistômetros fazem parte da campanha nacional que vai celebrar o recorde de turistas estrangeiros no Brasil em menos de um ano. A

iniciativa traz como mensagem principal: “O recorde no turismo estrangeiro é o orgulho de um país inteiro”. Peças da campanha contam histórias de pessoas reais, que trabalham em diferentes atividades do setor turístico no Brasil, destacando o impacto do turismo internacional para o desenvolvimento social e para a economia do país, gerando emprego e renda para milhares de famílias. “O Brasil, que nunca chegou a sete milhões de turistas internacionais, está chegando a nove milhões em um ano, um aumento de mais de 40% comparado ao ano passado. A geração de emprego e de renda é o mais importante a comemorar em relação ao turismo no Brasil”, afirmou o presidente da Embratur, Marcelo Freixo.

Bola da vez
O ministro do Turismo, Celso Sabino, comentou os resultados positivos do turismo brasileiro e a expectativa de chegadas de visitantes internacionais ao país até o fim do ano. “A liderança do presidente Lula no cenário internacional, sem dúvida nenhuma, é um ponto muito importante para alcançar esse número. Essa marca inédita é fruto de um trabalho sério, planejado, junto com a Embratur e todos os agentes que têm colaborado com o turismo nacional. Hoje, o Brasil começa a colher os frutos com o turismo, gerando oportunidades, empregos e renda para o nosso país. Somos a bola da vez no cenário internacional”, ressaltou Sabino. O diretor do escritório re-

gional da ONU Turismo para as Américas, Heitor Kadri, destacou a importância do trabalho conjunto entre governo e o setor privado. “A equipe da Embratur está fazendo um trabalho fenomenal. Hoje existe uma verdadeira união do Governo Federal em torno do turismo, fortalecendo quem faz o setor acontecer. Nesse ambiente de diálogo, a Agência das Nações Unidas para o Turismo passa a se somar a esse time de gigantes, e é uma honra enorme começar essa colaboração. Tenho convicção de que vamos ajudar não só o Rio de Janeiro, mas todo o Brasil, que vem se posicionando de maneira internacionalmente contundente — algo essencial para o turismo”.



Foto: Divulgação/Embratur

Os turistômetros foram inaugurados pelo presidente da Embratur, Marcelo Freixo

Aeroportos também registram recorde

Em sinergia com o crescimento no número de turistas internacionais, o Brasil ultrapassou também a marca histórica de 100 milhões de passageiros em aeroportos brasileiros. De janeiro a outubro, o país já soma 106,8 milhões de passageiros, crescimento de 9,5% em relação ao mesmo período de 2024, considerando voos domésticos e internacionais. No mercado internacional, outubro foi outro recorde histórico, com 2,3 milhões de passageiros e alta de 9,3% em relação ao mesmo mês de 2024. De janeiro a outubro de 2025, o país soma 23,5 milhões de viajantes, considerando

voos de e para o exterior.

Anúncio de prêmio
O dia foi marcado ainda pelo anúncio do Prêmio Embratur Visit Brasil. Uma iniciativa inédita da agência, em correalização com a Revista Exame, que vai destacar instituições e personalidades que contribuíram para fortalecer a imagem do país no cenário internacional, estimulando a vinda de turistas estrangeiros. A premiação celebra a excelência e o protagonismo de diversos atores da cadeia produtiva que trabalham para fortalecer a imagem do Brasil no exterior, ressaltando a importância do trabalho jun-

to entre a Embratur, o setor privado e entes federativos. O prêmio reconhecerá ações desenvolvidas e resultados alcançados de 1º de novembro de 2024 a 30 de novembro de 2025 em diversas categorias. Entre os segmentos avaliados, estão Destinos, Companhias Aéreas, Hotelaria, Aeroportos e Convention & Visitors Bureaux, que promovem a imagem e os atrativos brasileiros no mercado internacional. A iniciativa valoriza o papel de cada elo da cadeia produtiva na atração de turistas estrangeiros conectada com o Plano Brasilis. A premiação também destaca temas estratégicos

como “Prática Sustentável ou Turismo Regenerativo”, “Solução Tecnológica para o turismo internacional” e “Liderança Feminina na promoção do turismo”. O objetivo é reconhecer o esforço em inovar e incorporar responsabilidade socioambiental e equidade de gênero na promoção do Brasil. As inscrições foram abertas e seguem até o dia 25 de janeiro de 2026, através do site da Prêmio Embratur Visit Brasil. O anúncio dos vencedores e a entrega da premiação acontecerão em março do ano que vem, durante o Visit Brasil Summit, que será realizado em Brasília (DF).

AGRESTE E SERTÃO

Municípios do interior têm 147 vagas

Pilõezinhos, Riachão do Bacamarte e Marizópolis reúnem oportunidades para todos os níveis de escolaridade

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Novembro chega ao fim com novas oportunidades para quem está decidido a conquistar seu lugar no serviço público em 2026. Em Pilõezinhos, o concurso da Prefeitura local oferece 52 vagas distribuídas entre as áreas de Serviços, Saúde e Educação. Já Riachão do Bacamarte encerra hoje as inscrições de seu edital, que disponibiliza 56 vagas na administração municipal. Em Marizópolis, por sua vez, o objetivo é reforçar a rede de ensino com um processo seletivo voltado a professores. Para quem busca estabilidade e um novo capítulo profissional, as oportunidades desta semana podem representar a virada tão aguardada.

Pilõezinhos

A cerca de 110 km de João Pessoa, a Prefeitura de Pilõezinhos abriu um edital com 52 vagas para profissionais de níveis fundamental, médio, técnico e superior, contemplando funções administrativas e operacionais. Entre os cargos em jogo, há oportunidades para merendeira, motoristas, agente de limpeza urbana, fiscal de obras e técnicos em enfermagem, em laboratório e em saúde bucal, além de arquivista, enfermeiro, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, nutricionista, odontólogo, médicos e professores em várias especialidades. As remunerações variam de R\$ 1,5 mil a R\$ 4,3 mil, com jornadas de 30 ou 40 horas semanais. As inscrições seguem abertas até 21 de dezembro pelo Sistema de Gerenciamento de Processos Seletivos da Universidade Estadual da Paraíba (Sigepe/UEPB), mediante pagamento de taxa de R\$ 75 a R\$ 115. Todos os candidatos farão provas objetivas em 8 de fevereiro, enquanto os cargos de professor e motorista passarão, ainda, pelas etapas de análise de títulos e prova prática. Segundo o edital, as provas serão realizadas no município, com possibilidade de ajustes logísticos caso o número de inscritos ultrapasse a capacidade local. O resultado definitivo do certame deverá ser publicado até 10 de abril do próximo ano.



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Pilõezinhos

Riachão do Bacamarte

Já no Agreste paraibano, a Prefeitura de Riachão do Bacamarte entra na reta final de inscrições de seu novo concurso, com 56 vagas em aberto, distribuídas por áreas estratégicas da gestão pública, como Educação, Saúde e Administração. O edital contempla profissionais de níveis fundamental, médio, técnico e superior, com desta-



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Riachão do Bacamarte

Marizópolis

Já a Prefeitura de Marizópolis, localizada na Região Metropolitana de Sousa, abriu um processo seletivo exclusivo para a rede municipal de ensino, com 39 vagas, ao todo. O edital contempla professores para Educação Infantil, Fundamental I e II, além de disciplinas específicas, como Língua Portuguesa, Espanhol, Matemática, Artes, Ciências, História, Geografia e Educação Física. Há ainda oportunidades para cursos mais recentes, como Computação, Empreendedorismo, Projeto de Vida e Atendimento Educacional Especializado (AEE). A carga horária é de 30 horas semanais, com remuneração fixa de R\$ 2.265. As inscrições podem ser realizadas até 1º de dezembro, pelo site da Ápice Consultoria, mediante pagamento de taxa no valor de R\$ 70. A seleção inclui prova objetiva, de caráter eliminatório e classificatório, a ser aplicada em 21 de dezembro, além de avaliação prática e análise de títulos para funções específicas. O processo seletivo terá validade inicial de um ano, podendo ser prorrogado de acordo com a necessidade da administração municipal. De acordo com o cronograma oficial, o resultado definitivo será divulgado em 20 de janeiro.



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Marizópolis

que para os cargos de professor, enfermeiro, fisioterapeuta, psicólogo, nutricionista, odontólogo e gestor ambiental, além de funções de apoio administrativo. Os salários variam de R\$ 1,5 mil a R\$ 12 mil, para jornadas de 20 a 40 horas semanais. Se você ficou interessado, efetue sua inscrição no site da Ápice Consultoria, empresa responsável pela organização do certame, até hoje e siga as instruções do edital. As taxas cobradas variam de R\$ 43 a R\$ 62, de acordo com o nível de escolaridade do candidato. Sobre a avaliação, ela será composta por prova escrita, marcada para 28 de novembro, seguida de provas práticas e análise de título para alguns cargos. Vale lembrar que todas as fases ocorrerão no próprio município e o resultado definitivo do concurso será divulgado em 6 de fevereiro de 2026, conforme o cronograma oficial.

Arte ajuda estudantes a achar a própria voz

A arte entra na escola como quem abre uma janela. De repente, o aluno tímido encontra uma forma de se expressar e o inquieto descobre que pode canalizar sua energia em criação. Como um feixe de luz que muda o clima da sala, ela oxigena não só o cotidiano dos estudantes, mas também seus próprios modos de pensar. Essa imagem ajuda a compreender a importância do professor de Arte, mesmo em um cenário em que a disciplina ainda é reduzida aos famosos espetáculos de fim de ano. Na prática, segundo o professor Aelson Felinto Trajano, o contato com as várias linguagens artísticas permite que cada aluno se reconheça no mundo, organize suas emoções e amplie repertórios. “A arte existe porque a vida por si só não basta”. Não por acaso, a trajetória de quem escolhe ensinar arte nasce, quase sempre, de uma experiência mais profunda. Não tem a ver com dominar expressões artísticas ou ser tecnicamente impecável, mas sobre ter sido tocado por ela a ponto de desejar compartilhá-la. Como reflete o professor, “se estamos trabalhando com arte, é porque, de alguma forma, ela nos mudou e temos a possibilidade de mudar a realidade de outras pessoas, incentivando-as a pensar diferente”. Ele lembra que permanecer na docência exige preservar “esse brilho no olhar”, mesmo diante das dificuldades que atravessam a profissão — da falta de estrutura ao pouco reconhecimento institucional. A força dela está, justamente, onde outras disciplinas nem sempre chegam: ela cria pertencimento, dá voz e amplia horizontes.

Apesar disso, há desafios práticos que tornam o exercício da profissão mais complexo do que parece. Quem já foi aluno talvez nunca tenha pensado em como um único professor dava conta de ensinar linguagens tão diferentes. Durante anos, prevaleceu a lógica da antiga Educação Artística, em que o docente precisava ser polivalente e apresentar tudo em menos de uma hora de aula. Com o tempo, essa estrutura foi substituída por formações específicas em Teatro, Dança, Música e Artes Visuais. Aelson, que é licenciado em Teatro pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), reforça que essa especialização aprofunda o olhar técnico e a sensibilidade pedagógica. O desafio é que, embora a legislação garanta aos alunos o direito de acessar todas as expressões artísticas, essa oferta ainda está distante da realidade das escolas, criando um problema que acompanha os profes-



Segundo Aelson, a disciplina de Artes cria pertencimento, dá voz e amplia horizontes

“A gente luta para romper essa barreira de pensamento que coloca a Arte num lugar inferior”

Aelson Felinto Trajano

res desde o início da carreira. “Subentende-se que toda escola deveria ter um professor de Teatro, outro de Música, Dança e Artes Visuais, cada um atuando na sua área. Só que a realidade é outra”, analisa.

Criatividade e improviso

Além disso, a própria rotina escolar impõe desafios. Segundo o professor, faltam tempo e espaço para que as aulas aconteçam de forma plena. Técnicas de teatro, por exemplo, pedem movimento, voz e expressão corporal, elementos difíceis de trabalharem salas de aulas

lotadas e repletas de cadeiras. Muitas vezes, o professor precisa retirar os móveis e reorganizar a turma, e tudo isso em apenas 50 minutos. “Assim como temos laboratórios de Informática e Física, a Arte também precisa de uma sala própria. A prática acaba esbarrando nesse lugar da estrutura, que não é oferecida”, acrescenta. Para ele, porém, o principal problema é a barreira simbólica que coloca a Arte em um lugar secundário na escola, como se a aula servisse apenas para desenhar. Aelson destaca o quanto essa ideia equivocada prejudica o trabalho. “A gente luta para romper essa barreira de pensamento que coloca a arte num lugar inferior”, afirma.

Como ele bem lembra, não é raro que os professores organizem vaquinhas, comprem insumos com recursos próprios e reinventem espaços para que algum projeto saia do papel. Um esforço que, segundo ele, vale a pena: alunos tímidos encontram coragem no teatro, enquanto quem tem dificuldade de leitura expressa-se construindo cenários ou figurinos. Todos encontram seu lugar. Não à toa, ele descreve a Arte como um ele-

mento essencial da escola, tão vital quanto o ar que se respira.

Oportunidades reais

Se você atua na área e busca ingressar no serviço público, os editais desta semana trazem oportunidades concretas para professores de Arte. Em Pilõezinhos, há uma vaga com exigência de Licenciatura em Artes, jornada de 30 horas semanais e salário de R\$ 4,3 mil. A Prefeitura de Riachão do Bacamarte também abriu uma vaga, com jornada de 25 horas e remuneração proporcional ao piso nacional. Já no processo seletivo de Marizópolis, a vaga é para o Fundamental II, com salário de R\$ 2,2 mil e carga horária de 30 horas semanais.

Legislação garante o direito de acesso a todas as expressões artísticas, mas oferta ainda está distante da realidade das escolas

Foto: Aelson Felinto Trajano/Arquivo pessoal

Selic

Fixado em 5 de novembro de 2025

15%

Salário mínimo

R\$ 1.518

Dólar \$ Comercial

-0,31%

R\$ 5,335

Euro € Comercial

-0,25%

R\$ 6,19

Libra £ Esterlina

-0,4%

R\$ 7,066

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Outubro/2025 0,09

Setembro/2025 0,48

Agosto/2025 -0,11

Julho/2025 0,26

Junho/2025 0,24

Ibovespa

159.072 pts

+0,45%

AGROPECUÁRIA

Produção de ovos cresce 243% na PB

No período de 2004 a 2024, a taxa de aumento registrada foi superior à nacional (101%) e à do Nordeste (157%)

Marcelo Lima
marcelolimantal@yahoo.com.br

A produção de ovos na Paraíba cresceu 243% entre os anos de 2004 e 2024. Esse número é maior que o crescimento médio brasileiro (101%) e que o da Região Nordeste (157%) no período. Os dados são da Pesquisa da Pecuária Municipal (PPM), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE).

Com 74,7 mil dúzias de ovos produzidas em 2024, o estado é o quinto maior produtor da região. Na criação de galináceos (galinhas, frangos, galos, pintainhas e pintos), o crescimento foi de 75% entre 2004 e ano passado. Hoje, a Paraíba é o quarto maior produtor de galináceos do Nordeste e vende carne de aves para o exterior.

Esse quadro da avicultura paraibana tem a contribuição de políticas públicas, condições naturais e um esforço implacável de grandes e pequenos produtores, como Sandra Rodrigues, de 60 anos.

No município de Lagoa Seca, ela já deu muitos voos curtos ao plantar e criar no sítio Pai Domingos. Até que, em 2012, passou por um curso básico de avicultura do Sebrae. “No mesmo ano, botei um lotezinho de frango. Não deu cer-

to, mas deu pra tirar um trocado”, lembrou-se.

Em 2014, entrou para o ramo de produção de ovos com 300 galinhas. Quebrou mais uma vez. A persistência e a correção de trajetória mudaram seu horizonte. Atualmente, Sandra tem 2,9 mil galinhas de postura de ovos caipiras num negócio familiar. “Meu marido era servente de pedreiro em Campina [Grande] e meu filho, que não acreditava que a gente ia pra frente, hoje é diretor comercial da cooperativa”, contou. Além deles, Sandra ainda emprega um jovem.

O objetivo agora é chegar a cinco mil galinhas poedeiras caipiras. “Aqui, os ovos já saem saudáveis. As galinhas botam os ovos cantando. Lá, elas botam chorando”, comprou com a criação tradicional, onde as galinhas passam a vida confinadas.

Caipira

Pioneiro na classificação do sistema caipira de ovos e frangos, o estado da Paraíba produz diariamente 200 mil ovos nesse modelo. “Podendo ser até mais”, disse Erasmo Araújo, coordenador especialista em arranjos produtivos locais do programa Paraíba Produtiva. O dado preliminar faz parte

de um levantamento da Secretaria de Estado da Agricultura Familiar e Desenvolvimento do Semiárido (Seafds), junto com instituições parceiras, que ainda está em revisão final.

De acordo com Araújo, a produção caipira é certificada conforme a lei estadual nº 11.854, de 2021. “Na Paraíba, o Serviço de Inspeção Estadual já adota essa terminologia na parte de rotulagem do produto quando a sua granja ou entreposto de ovos é submetido a esse serviço”, afirmou.

Na avaliação de Erasmo Araújo, a produção caipira tem uma grande parcela de contribuição no crescimento da produção de ovos. Isso porque é um modelo menos exigente que o industrial, mais barato do que a carne do frango e, ainda assim, é uma proteína de alta qualidade. E, durante a pandemia de Covid-19, essas características alargaram o mercado consumidor.

Para o coordenador do Arranjo Produtivo da Avicultura Caipira da Paraíba (Apac-PB), Wendell Lima, o segmento está alinhado à preocupação do consumidor em adquirir produtos livres de processos industriais e do bem-estar animal.

“O pessoal quer produzir um alimento mais natural, mais próximo daquela galinha de quintal da vovó. A avicultura caipira é uma produção natural, mas um pouco tecnificada para atender todos os requisitos legais”, disse o representante do setor. Entre esses requisitos, estão as seguintes proibições de uso: de antibióticos e medicação contra parasitas de forma preventiva nos animais; de restos dos próprios animais na ração; de corante artificial para dar cor à gema do ovo.



Somente no ano passado, foram produzidas 74,7 mil dúzias de ovos em toda a Paraíba

Galinhas livres

Para a postura de ovos caipiras, as galinhas são, no mínimo, criadas livres de gaiolas, mas dentro de um galpão. Ou num regime de mais liberdade, tendo acesso a uma área de pastejo controlada. “Para as aves pastarem um capim bom, tomar banho de terra, tomar banho de sol e não ter acesso a sujidades, esgoto, restos de animais mortos. Então a gente faz uma tela de proteção para não entrar nenhum predador”, explicou Lima.

E, claro, as minhocas estão liberadas na dieta. “Os insetos que passar por ali, ela vai pegar. Inclusive é uma grande fonte protéica”, informou Wendell Lima, que também é membro da Cooperativa Paraibana de Avicultura e Agricultura Familiar (Copaf). À noite, elas retornam a um abrigo.

Nutrir + PB

Com investimento de R\$ 4 milhões, o Nutrir Mais PB compra semanalmente duas mil bandejas de ovos, com 30 unidades cada, e doa para fa-

mílias pobres de João Pessoa e Campina Grande. O programa ao mesmo tempo impulsiona os pequenos produtores e ajuda a combater a fome.

Além dessa iniciativa inaugurada neste ano, o governo do Estado tem o Programa Estadual de Aquisição de Alimentos e Compras Governamentais

da Agricultura Familiar (Procaf) desde 2023. O coordenador da Apac-PB defende que é possível aumentar o fornecimento da produção caipira tanto para o sistema penitenciário quanto para unidades de saúde estaduais por meio do Procaf. Erasmo Araújo disse que a Seafds está em tratativas nesse sentido.

Ovos de galinha (em mil dúzias)			
	Ano de 2004	Ano de 2024	Crescimento
Paraíba	21.774	74.745	243%
Nordeste	420.516	1.079.815	157%
Brasil	2.693.220	4.981.477	101%
Fonte: Pesquisa da Pecuária Municipal (PPM/IBGE)			

Saiba Mais

Top 5 da produção de ovos por município (mil dúzias)

Ano: 2024

- 1º Pedras de Fogo: 20.530.
- 2º Princesa Isabel: 14.505.
- 3º Mamanguape: 11.010.
- 4º Esperança: 6.438.
- 5º Cuité: 4.266.



Estado é pioneiro na classificação do sistema caipira

Município de Pocinhos tem mais galináceos do que habitantes

Se a produção de galináceos de Pocinhos fosse distribuída igualmente entre seus moradores, cada um teria o direito a 70 aves. Com uma população estimada em cerca de 18 mil em 2024, o município do

Agreste paraibano produziu 1.250.000 cabeças no ano. Isso o coloca no topo do ranking dentro do estado, deixando para trás Pedras de Fogo, que liderava essa corrida desde 2020.

Um dos motivos que explica a produção de Pocinhos é a própria natureza. “Aqui é muito ruim de chuva, mas tem uma coisa que é maravilhosa e que o frango precisa: o clima bom, frio, mas o essencial é a ventilação. É a perfeição”, comentou Carlos Vieira, produtor de frango branco (sistema tradicional de produção).

O ambiente sem ventilação adequada pode matar os frangos confinados por conta da amônia das fezes e urina dos animais. “Só o galpão de pressão negativa consegue fazer o que a natureza deu de graça a Pocinhos”, explicou Vieira.

Água

O preço da água pode comprometer esse lugar mais alto do pódio produtivo. Segundo os produtores, o modelo de cobrança pode inviabilizar a atividade em alguns casos.

De acordo com Vieira, ele conseguiria baixar o preço final em até 8% se a cobrança da água não fosse por hidrômetro. “Na hora que bota um relógio desses [hidrômetro], aí o preço vem

dobrado. Fica mais caro que buscar num açude”, argumentou.

Porém, o açude onde os produtores do município compram água na sede do município está quase seco nesse período do ano. “O que ia ajudar muito a atividade seria um ponto para ir lá e comprar essa água, como se faz em Campina [Grande]”, defendeu Hélio Melo, produtor local de frango branco.



Produtor local relata dificuldades para compra de água

Números

Com população estimada em 18 mil pessoas, a cidade conta com aproximadamente 1,25 milhão de aves, uma proporção de 70 para 1

Saiba Mais

Top 5 da produção de galináceos por município na Paraíba (cabeças):

Ano: 2024.

- 1º Pocinhos: 1.250.000.
- 2º Pedras de Fogo: 1.132.509.
- 3º Guarabira: 1.120.000.
- 4º Mamanguape: 936.878.
- 5º Soledade: 770.000.

Preço reduzido (43%) é o principal influenciador das compras nos aplicativos estrangeiros, seguido pelo custo do frete (38%) e variedade de produtos (37%)

Foto: Freepik

CONSUMO

Sites nacionais perdem força no país

Plataformas brasileiras registram queda de 18 p.p., frente a 2024, enquanto Shopee e Shein lideram a preferência

Uma pesquisa realizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo SPC Brasil, em parceria com a Offerwise, revela um desafio crescente para o varejo nacional: a quase totalidade dos consumidores, 96%, realizou compras em *sites* internacionais nos últimos 12 meses anteriores à realização da pesquisa. Estima-se que, entre esses, 68,1 milhões compraram produtos importados ou enviados de outros países.

Os *marketplaces* nacionais viram sua participação cair drasticamente, com uma queda de 18 pontos percentuais (p.p.) em relação a 2024, consolidando as plataformas estrangeiras como a Shopee (75%) e Shein (53%) como as preferidas.

O principal motivador para a compra em *sites* internacionais é o preço reduzido (43%), seguido pelo custo do frete (38%), variedade de produtos (37%), confiança no *site* (35%) e qualidade dos produtos (31%).

O *ticket* médio da última compra em *site* internacional foi de R\$ 239. Nos últimos três meses, a média foi de quatro compras realizadas. As formas de pagamento mais utilizadas são Pix (54%), com destaque para as classes C, D e E, e cartão de crédito (49%), preferido pelas classes A e B.

Os itens mais adquiridos nos últimos 12 meses são roupas (41%), calçados (29%), acessórios de moda (26%), artigos para casa (24%) e cosméticos e perfumes (22%).

Impacto da nova taxa

A pesquisa aponta que 68% dos entrevistados estavam cientes da cobrança de 20% de imposto sobre compras internacionais acima de US\$ 50. Após a implementação, 41% passaram a comprar menos ou pararam de comprar (18% pararam comple-

tamente), e 24% passaram a comprar mais em *sites* nacionais. A maioria (62%) discorda da cobrança, vendo-a como prejudicial para a baixa renda.

Apesar das críticas, um em cada quatro consumidores (25%) concorda com a nova taxação sobre compras internacionais, especialmente entre as classes A e B. Para esse grupo, a medida contribui para fortalecer o comércio nacional, equilibrando a concorrência entre vendedores brasileiros e estrangeiros. Mesmo diante das mudanças, o nível médio de segurança nas compras internacionais foi avaliado em 7, em uma escala de 1 a 10. Ainda assim, 47% dos entrevistados afirmam que, com a cobrança do imposto, comprar fora do país só compensa em alguns casos, enquanto 25% consideram que já não vale mais a pena.

Desafio para o varejo

A pesquisa evidencia a consolidação dos *marketplaces* estrangeiros, impulsionada pelo preço baixo e pela forte presença digital, o que desafia a preferência por plataformas nacionais. No entanto, 60% dos consumidores afirmam que prefeririam comprar em *sites* nacionais se os preços e a variedade fossem semelhantes aos internacionais.

O hábito de comparação ainda é forte entre os consumidores brasileiros: metade dos entrevistados (50%) afirma sempre verificar se o produto desejado está disponível em *sites* nacionais antes de recorrer a plataformas estrangeiras. Além disso, 47% pesquisam o preço em lojas brasileiras para avaliar se realmente compensa comprar do exterior, demonstrando que o consumidor está cada vez mais atento ao custo-benefício e às vantagens de comprar den-

tro do país.

Apesar do desafio, a nova taxa de importação de 20% é o fator mais citado como desvantagem nas compras internacionais (42%). Outras desvantagens importantes são o tempo de entrega (33%) e o valor do frete (29%).

“Os dados confirmam que o preço e a variedade continuam sendo o principal motor da decisão de compra dos brasileiros, e é aí que os varejistas nacionais enfrentam o maior desafio. A queda de 18 pontos percentuais no uso de *marketplaces* nacionais é um sinal de alerta. Para reverter essa tendência, o comércio brasileiro precisa de um ambiente de negócios mais competitivo, com políticas públicas que diminuam a carga tributária e melhorem a infraestrutura de logística, por exemplo”, destaca o presidente da CNDL, José César da Costa.

Metodologia

A pesquisa teve como público-alvo homens e mulheres, com idade igual ou maior a 18 anos, de todas as classes econômicas e que realizaram compras pela internet nos últimos 12 meses.

O método de coleta usado foi uma pesquisa quantitativa realizada pela *web* e pós-ponderada por sexo, idade, estado e renda.

Foram realizados 1.094 contatos em um primeiro levantamento para identificar o percentual de pessoas que compraram pela internet nos últimos 12 meses. Em seguida, continuaram a responder o questionário 800 casos, que fizeram alguma compra ao longo desse período. Resultando, respectivamente, uma margem de erro no geral de 2,96 p.p. e 3,46 p.p. para um nível de confiança de 95% para mais ou para menos.

Os dados foram coletados de 13 a 25 de junho de 2025.

Compras físicas são relevantes para a maioria dos consumidores

Outra pesquisa das entidades que tratou sobre consumo multicanal revelou a consolidação do consumidor *omnichannel* no Brasil. O estudo aponta que, embora os canais digitais (*sites* e aplicativos) liderem as compras, com 95% de preferência, o varejo físico ainda é relevante para 82% dos clientes. No entanto, essa convivência exige integração total de preços e experiências, já que 73% dos consumidores solicitam o mesmo valor do *e-commerce* ao vendedor da loja física, e 91% priorizam empresas com boa reputação *on-line*.

O estudo, que analisou os hábitos de internautas que realizaram compras *on-line* nos últimos 12 meses anteriores à pesquisa, destaca a convivência e a integração cada vez mais fluida entre canais digitais e lojas físicas, influenciada por fatores como reputação *on-line*, personalização, experiência de compra e a busca por preços e conveniência.

Os aplicativos de lojas (80%) e os *sites* de lojas (79%) são os líderes de utilização para as compras. No entanto, as lojas físicas mantêm sua relevância. Os principais locais de compra física citados são:

- supermercados (69%);
- shopping centers (49%);
- lojas de rua (48%).

As lojas físicas são vistas como superiores em atributos-chave da experiência:

- facilidade de troca (63%);
- melhor atendimento (58%);

- demonstração do produto (55%).
- Já os *sites* lideram em variedade de produtos (44%) e melhores preços (44%).

Pesquisa de preço

A busca por informação antes da compra é majoritariamente *on-line* (92%). Os canais mais utilizados para pesquisa de produtos são:

- *sites* e *apps* de lojas varejistas (26%);
- buscadores (Google, Yahoo, Bing, etc.) (26%);
- *sites/apps* de comparação de preços (20%).

Antes de finalizar uma compra *on-line*, 96% dos consumidores pesquisam preço. Os principais canais de pesquisa de preço são:

- buscadores de informação (43%);
- *sites* e aplicativos de lojas varejistas (41%);
- *site/aplicativo* do fabricante e *sites/apps* de comparação de preços (ambos com 32%);
- preço integrado: o desafio da loja física.

Reputação

A reputação da marca *on-line* é um fator determinante, mas os consumidores também avaliaram outros aspectos que interferem nas compras:

- frustração com falta de informação: 73% frustram-se ao não encontrar informações essenciais sobre lojas físicas na internet;
- *cashback*: 67% dão preferência a empresas que oferecem *cashback*;
- Agilidade no pagamento: 47% deixam dados bancários e de cartão

salvos em *sites* de compras para agilizar transações futuras;

- *live commerce*: 31% já utilizaram o *live commerce* como canal de compra.

O canal de contato preferido para comunicação comercial é o WhatsApp (62%). “Os resultados confirmam o consumidor *omnichannel* como realidade consolidada no Brasil. A valorização de reputação *on-line*, *cashback*, agilidade de pagamento e informações claras sobre lojas físicas reforça que a experiência do cliente é percebida como um conjunto único, independentemente do canal”, destaca o presidente da CNDL, José César da Costa.

Inteligência artificial

O uso de dados e inteligência artificial (IA) para personalização de ofertas e atendimento ao consumidor é bem recebido:

- 76% dos entrevistados estão mais propensos a comprar de lojas que oferecem recomendações e ofertas personalizadas;
- 55% costumam abrir *e-mails* com ofertas e promoções de empresas;
- 46% veem a personalização no atendimento de forma positiva, sentindo-se valorizados.

A interação com canais de atendimento automatizados também é crescente:

- 70% já interagiram com *chatbots* ou assistentes virtuais em lojas ou serviços *on-line*;
- A qualidade das interações com atendimento digital foi considerada excelente por 25% e boa por 55%.

SUSTENTABILIDADE

Secties apoia projeto de produção de hidrogênio

Trabalho tem base no Laboratório de Referência em Dessalinização da UFCG

Iluska Cavalcante
Ascom Secties

Na última matéria da série especial sobre sustentabilidade e a COP30, produzida pela Assessoria de Comunicação (Ascom) da Secretaria da Ciências, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties) para o Jornal **A União**, destaca-se um projeto que simboliza a aposta do Governo da Paraíba em ciência, tecnologia e inovação como resposta à crise climática. No âmbito do Laboratório de Referência em Dessalinização da Universidade Federal de Campina Grande (LabDes/UFCG), uma equipe de pesquisadores desenvolve, com apoio da Secties e da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq), uma iniciativa inovadora com a produção de hidrogênio verde a partir da água.

“O apoio a iniciativas como esta reforça a estratégia da Paraíba de investir em pesquisa aplicada, formação de talentos e geração de soluções que impactam diretamente o desenvolvimento do estado. Quando fortalecemos laboratórios como o LabDes e incentivamos projetos, criamos condições para que o conhecimento produzido aqui chegue mais longe”, enfatizou o secretário da Secties, Claudio Furtado.

O projeto, coordenado pelo professor Kepler Borges França (PhD), integra a agenda estadual de sustentabilidade e enfrentamento às mudanças climáticas, alinhando-se aos debates da COP30. “O hidrogênio verde visa à descarbonização global do planeta”, explica o professor.

Ele recorda que combustíveis fósseis como gasolina, lenha, carvão e GLP liberam CO₂ e monóxido de carbono, gases que agravam o aquecimento global. A proposta do hidrogênio verde, segundo ele, oferece um combustível “ultrasustentável”, com poder calorífico superior ao de derivados de petróleo. “A poluição é zero. O que sai da queima do hidrogênio é vapor d’água. Se eu condensasse, virava água líquida de novo”.

No mundo, há apenas cerca de 1.500 usinas de hidrogênio verde em fase inicial



Professor Kleber Borges: “O hidrogênio verde visa à descarbonização global do planeta”

de operação. Países e grandes grupos disputam espaço nessa corrida tecnológica, especialmente nos setores metalúrgico, automobilístico, aeronáutico, químico e de saúde. Mas a Paraíba busca um caminho próprio. O protótipo instalado no LabDes transforma água em chama utilizando energia solar captada por painéis fotovoltaicos que se encontram instalados no teto do laboratório.

Dentro do eletrolisador, a molécula de água (H₂O) é separada em hidrogênio e oxigênio. O hidrogênio gerado abastece um forno experimental, onde os pesquisadores testam aplicações como panificação, cerâmica e secagem de grãos. “Imagina uma padaria usando a própria água para produzir combustível. Imagina fazer pizza, tijolos, cerâmica, secar grãos... A chama chega a quase 3 mil graus Celsius, muito mais do que combustíveis convencionais”, destaca o professor.

O hidrogênio permite que fornos atinjam temperaturas de cerca de 180 °C, ideais para pães, acima de 600 °C para outras em aplicações industriais, como olarias e cerâmicas. “Aqui não estamos gastando energia nenhuma. Tudo vem do sol”, reforça Kepler.

A pesquisa também dá atenção especial à segurança, um ponto sensível no uso de hidrogênio: o grupo desenvolveu sistemas contra retorno de chama, válvulas de segurança e dispositivos que impedem riscos de explosão. “É tecnologia de ponta, mas precisa ser segura, acessível e simples

para o uso cotidiano. É para isso que estamos trabalhando”, afirma o pesquisador.

Para tornar o processo mais viável e eficiente, o eletrolisador usa eletrodos porosos de níquel, material escolhido por oferecer durabilidade, boa eficiência elétrica e custo mais baixo que outros metais tradicionalmente usados. A porosidade dos eletrodos aumenta a área de contato com a água, acelerando a reação e reduzindo consumo energético, o que torna o hidrogênio verde competitivo e sustentável.

A iniciativa reúne pesquisadores, técnicos e estudantes de pós-graduação, e representa um marco para a transição energética no Nordeste, promovendo inovação tecnológica com foco em impacto social e industrial.

A próxima fase do projeto é ampliar a escala: construir um forno maior, capaz de atender padarias, olarias e pequenos negócios, gerando combustível limpo a partir de água. “Estamos começando com um forno pequeno, mas o próximo passo, com apoio da Secties, é expandir. Queremos abastecer um forno de grande escala apenas com hidrogênio”, afirma Kepler.

Ele reforça ainda: “Sabemos que grandes polos estão investindo em hidrogênio para exportação, como Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí. Mas aqui fazemos diferente: produzimos conhecimento, desenvolvemos tecnologia própria e pensamos no impacto social”.

Escassez hídrica

O LabDes/UFCG foi criado em 2003 no Departamento de Engenharia Química da Universidade Federal de Campina Grande, com foco inicial em tecnologias de dessalinização e purificação de água para regiões com escassez hídrica. Desde então, tornou-se referência nacional ao unir pesquisa, desenvolvimento e implementação de soluções que ampliam o acesso à água potável no país.

O laboratório conta com infraestrutura completa para análises de água, linhas consolidadas de pesquisa e uma oficina própria, capaz de projetar e fabricar seus próprios equipamentos e protótipos de dessalinização.

Nos últimos anos, com apoio do Governo da Paraíba por meio da Secties, o LabDes ampliou sua atuação ao integrar energias renováveis, como solar e eólica, ao desenvolvimento de sistemas de eletrólise para produção de hidrogênio verde, posicionando-se na fronteira das tecnologias ambientais e energéticas. Assim, o LabDes/UFCG evoluiu de um laboratório de dessalinização para um centro multidisciplinar, pioneiro na criação de soluções integradas para água, energia e sustentabilidade, combinando ciência aplicada, inovação e impacto social.

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

Paraíba, estado do conhecimento

Quando observamos a trajetória da Paraíba em ciência, tecnologia e Ensino Superior, percebemos que o estado construiu algo raro no país: uma política contínua, sustentada por visão estratégica e decisões que atravessam décadas. Não é obra do acaso, é o resultado de um projeto que começou com a consolidação das universidades públicas e que hoje se expressa em políticas de inovação, parques tecnológicos e grandes equipamentos científicos.

A origem desse movimento remonta ao final dos anos 60 e início dos 70, quando Lynaldo Cavalcanti concebeu uma universidade multicampi capaz de chegar aos diferentes territórios do estado. A ideia de espalhar conhecimento pelo interior virou marca da Paraíba e hoje se materializa em mais de 30 cidades atendidas por UFPB, UFCG, UEPB e IFPB. Essa densidade acadêmica impressiona. Basta ver as altas taxas de formação de mestres e doutores e o número de vagas do SisU, proporcionalmente o maior do Brasil.

A partir disso, formou-se uma rede de laboratórios e centros de pesquisa que colocou a Paraíba como polo científico e tecnológico. Dela surgiram empresas de base tecnológica, iniciativas pioneiras e

parques como o de Campina Grande, idealizado por Lynaldo Cavalcanti, e o Horizontes de Inovação, implantado em João Pessoa pelo governo João Azevêdo. É a tríplice hélice funcionando de maneira concreta: universidades, empresas e governo atuando lado a lado.

A gestão do governador João Azevêdo reforça essa vocação ao

tratar ciência e tecnologia como motores de desenvolvimento regional. Exemplos disso são o Radiotelescópio Bingo, em Aguiar; a Cidade da Astronomia, em Carrapateira; a revitalização do Vale dos Dinossauros, em Sousa; e o Museu de Arqueologia, em Cajazeiras. Esses equipamentos compõem o chamado “Complexo Científico do Sertão” e simbolizam uma ideia fundamental: desenvolvimento não precisa estar restrito ao Litoral, conhecimento pode reorganizar territórios inteiros.

Ao comparar a Paraíba com outros estados, percebemos que cada um se apoia em um motor diferente. São Paulo se destaca pela indústria, Santa Catarina pela inovação empresarial, o Rio Grande do Sul pelo agronegócio. Já a Paraíba seguiu outro trajeto. Aqui, a força principal é a capacidade de transformar ciência em identidade.

Por tudo isso, a história que liga Lynaldo Cavalcanti ao governador João Azevêdo revela mais que uma soma de investimentos, revela uma escolha cultural e política de longo prazo, que consolidou o conhecimento como base do desenvolvimento paraibano.

Assim, poucas expressões traduzem tão bem essa trajetória quanto a que já se impõe naturalmente: Paraíba, estado do conhecimento.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba e professor doutor em Física da UFPB

Columnista colaborador



Pesquisa também dá atenção especial à segurança, um ponto sensível no uso de hidrogênio

“
Imagina
uma padaria
usando a
própria água
para produzir
combustível.
Imagina fazer
pizza, tijolos,
cerâmica,
secar grãos

Kepler Borges França

ATIVISMO

Debate climático tem voz paraibana

Expostas desde cedo aos efeitos da crise ambiental, jovens constroem trajetórias que as levaram a conferências globais

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Mikaelle Farias cresceu ao lado de um lixão a céu aberto em Campina Grande. Ali, ainda sem compreender a dimensão daquele cenário, começou a sentir o que mais tarde reconheceria como racismo ambiental. A urgência por se dedicar ao tema ganharia contornos claros em 2019, quando o derramamento de óleo avançou pela costa do Nordeste. Um crime até hoje impune. “Esse incidente foi o que me impulsionou agir de fato”, lembra a ativista nascida em João Pessoa.

Maria Isabel Liberato, em Picuí, Seridó paraibano, observava a seca avançar como parte da rotina de sua comunidade. O calor extremo e seus efeitos sociais deixaram de ser apenas um desconforto para se tornar um alerta. “Eu vivia essas realidades climáticas sem perceber que elas tinham nome e eram parte de algo muito maior”, conta a ativista de 17 anos. Duas jovens, duas realidades distintas, um mesmo caminho: o protagonismo no ativismo climático paraibano.

Nos últimos anos, histórias como as de Mikaelle e Maria Isabel passaram a ocupar mais espaço no debate climático internacional. Existem cerca de 1,2 bilhão de jovens de 15 a 24 anos no mundo e serão eles que lidarão com as consequências mais graves do aquecimento global. Esse fenômeno de mobilização entre os jovens é impulsionado globalmente por figuras como a sueca Greta Thunberg, mas ele ganha contornos específicos no Nordeste brasileiro, uma das regiões mais vulneráveis às mudanças do clima.

As duas paraibanas representam uma geração que decidiu não esperar a vida adulta para assumir responsabilidades globais. Elas não enxergam a crise climática como uma ameaça futura, elas sentem isso no presente. “Na nossa geração de ati-

vistas, nós não vemos mais a crise climática como algo distante: ela já faz parte do nosso cotidiano desde que nascemos”, confirma Isabel Liberato.

Estudante do curso técnico em Informática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), Isabel iniciou sua trajetória como ativista influenciada pela mobilização de sua família, que vem da Comunidade Quilombola do Abreu. Ela acumula uma bagagem em conselhos e fóruns de direitos de crianças e adolescentes, atuando no Núcleo de Cidadania de Adolescentes (Nuca) e integrando o Conselho Jovem do Unicef Brasil.

Nas Reuniões de Altas Autoridades em Direitos Humanos do Mercosul, Maria Isabel foi eleita representante do país na Rede Sul de Adolescentes (Rede Surca) e foi recentemente empossada como ativista global do Unicef durante a COP30. Seu foco de atuação está na interseção entre justiça climática, direitos de crianças e adolescentes, racismo ambiental e direitos das mulheres.

Mikaelle Farias é graduanda em Engenharia de Energias Renováveis pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e construiu uma trajetória de relevância internacional, atuando como voluntária do Greenpeace Brasil e foi delegada jovem brasileira da UK Youth Climate Coalition e da Foundation for the Economics of Sustainability Ireland, participando de conferências climáticas da ONU, como a COP26, COP27 e COP28.

Atualmente, ela é diretora de Governança Energética e Transição Justa da Palmares Lab-Ação e, em 2024, assumiu o cargo de assessoria de incidência da presidência jovem da COP30. Sua atuação é centrada na justiça climática e na pauta da transição energética justa. “Para mim, a crise climática não existe no vácuo, tudo está conectado de alguma forma. Meu ativismo não



Mikaelle Farias representou o estado na COP30, em Belém

foi uma escolha, foi uma reação ao mundo para meu corpo e o de tantas outras pessoas continuarem existindo”, defende.

Mesmo com caminhos distintos, ambas carregam as marcas de seus territórios e acabam de retornar de Belém, para onde levaram essas vivências para a COP30. O convite para a conferência global veio como reconhecimento de suas trajetórias. “Juntas, nós construímos um time de jovens por bioma para agregar à equipe, isso foi uma forma de quebrar paradigmas e incluir jovens nos espaços de tomadas de decisão”, explica Mikaelle.

“Estar na COP30 representa muito mais do que participar de um evento internacional. Para mim, é ocupar um espaço que historicamente não foi feito para meninas, adolescentes e muito menos para pessoas de comunidades tradicionais”, afirma Isabel. Ela integra a maior delegação de adolescentes presente na Zona Azul e entende que essa presença tem efeito simbólico e prático: “É mostrar que nós existimos, que temos voz, que estamos na linha de frente e que nossas vivências precisam influenciar as deci-

“
Eu vivia essas realidades climáticas sem perceber que elas eram parte de algo muito maior

Maria Isabel Liberato

sões globais”, acrescenta.

A visibilidade crescente das duas jovens já inspira novos ativistas na Paraíba. “Quando alguém chega para mim e diz que começou um projeto, participou de uma conferência ou simplesmente passou a olhar para as questões ambientais com mais seriedade depois de me ouvir falar, isso me toca profundamente”, sente Mikaelle. Isabel reconhece a responsabilidade atrelada a esse papel: “Sei que muitas pessoas olham para nós como exemplo e que, ao levantar pautas importantes, precisamos re-



Caminhos cruzados com a ativista Greta Thunberg (D)

presentar de forma ética, responsável e consciente”.

Apesar do cenário de urgência crescente e da proximidade do ponto de não retorno para a sustentação da vida humana na Terra, ambas rejeitam a ideia de que o futuro é inevitavelmente desastroso. Relatórios do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) reiteram que ainda é possível evitar os piores cenários, mas isso requer ações drásticas e imediatas. As narrativas de catástrofe total tendem a reduzir o engajamento social e favorecer a inação, um efeito conhecido como “ecoansiedade”.

O discurso de que “não há mais jeito” é apontado por climatólogos como um dos fatores que permite a continuidade de práticas predatórias. Para as jovens parai-

banas, a dimensão do sonho permanece como motor político. “É no presente que a gente faz diferença e tenta fazer com que o futuro seja melhor”, defende Isabel. É nesse intervalo entre a crise e a solução que a juventude atua. Os sonhos que carregam revelam horizontes possíveis.

Mikaelle imagina um país em que mais jovens estejam mobilizados territorialmente: “Quero ver é mais jovens engajados, mais jovens fazendo mudança em seus territórios, a gente precisa de um grande mutirão”. Já Isabel projeta transformações que reduzam desigualdades: “Minha contribuição é poder agir agora, com os meus e por vários outros. Mostrar que a juventude existe, levantar a voz, pressionar, fazer projetos e mobilizar outros jovens”.

Formação de novas lideranças tem investimento de R\$ 5 milhões

Na Paraíba, iniciativas governamentais têm buscado responder ao aumento desse protagonismo juvenil. O Programa Agente Jovem Ambiental (AJA), lançado pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas) em maio deste ano, pretende formar dois mil estudantes do Ensino Médio e da EJA em temas como educação ambiental, resíduos sólidos, energias renováveis e práticas de campo.

A iniciativa conta com um investimento de R\$ 5 milhões e prevê que os participantes recebam uma bolsa-auxílio de R\$ 200 durante seis meses e passem por um curso que combina formação teórica on-line com aulas prá-

ticas em unidades de conservação com acompanhamento técnico para intervenções em

praças, casas e áreas verdes.

“O AJA tem a finalidade de levar conhecimento sobre

meio ambiente aos alunos da rede pública, capacitando-os para se tornarem multiplica-

dores desse saber”, afirmou a secretária Rafaela Camaraense durante uma das entregas de kits do programa. Para o aluno Jhonny Nascimento, a iniciativa é uma oportunidade de transformação. “Eu me vejo atuando bastante no meio ambiente, pois é algo que precisa ser cuidado e preservado. Queremos trazer conscientização para nossa geração”, comentou.

A entrega recente de 800 kits do programa, em escolas de João Pessoa e outras regiões, reforça a meta de interiorizar a formação. Segundo a Secretaria de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Social (Sedes) e a Semas, a ideia é que cada jovem desenvolva um projeto am-

biental alinhado à sua realidade. “Queremos que os jovens desenvolvam projetos que façam sentido dentro da sua realidade. A ideia é que eles assumam o protagonismo desse programa”, explicou o coordenador Adroílzo Fonseca.

■
Entrega de 800 kits do programa em escolas de João Pessoa e outras regiões reforça a meta de interiorizar a formação



AJA tem a finalidade de levar conhecimento sobre meio ambiente aos alunos da rede pública



FUTEBOL DE CEGOS

Documentário mostra os bastidores nas Paralimpíadas

Paraibanos Fábio Vasconcelos e Matheus Costa estão entre os protagonistas, no caminho dos Jogos de Paris

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

J á está disponível, desde a última terça-feira (25), o documentário “Futebol de Cegos: O jogo mais difícil”, lançado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), em parceria com a Bushatsky Filmes. A obra, que integra o catálogo da Globoplay, mostra o percurso e os bastidores da Seleção Brasileira de futebol de cegos rumo aos Jogos Paralímpicos de 2024. Entre os protagonistas, estão os paraibanos Fábio Vasconcelos (à época, técnico do elenco) e o goleiro Matheus Costa.

As gravações contemplaram diferentes cenários, como os treinos intensos na base da Seleção, no Instituto de Cegos da Paraíba, em João Pessoa, atividades especiais na praia, além de momentos de convivência e lazer entre os integrantes. Além disso, a produção acompanhou o grupo verde-amarelo em algumas competições internacionais na França e na Inglaterra, que antecederam os Jogos de Paris.

O filme é dirigido por André Bushatsky, cineasta que tem outras obras em seu currículo que retratam o universo paralímpico, como a série “Da Inclusão ao Pódio” e os documentários “O Instante Decisivo” e “Mulheres no Pódio”.

“O futebol de cegos traz muita curiosidade; como todo mundo está acostumado ao futebol, quando você fala que é de cegos, as pessoas também querem assistir. E para mim, como documentarista, como cineasta, como contador de história, é um tema perfeito, porque, quando falamos de jogo, a gente nunca sabe quem vai ganhar e quem vai perder. Como Fábio diz muito lá no filme: ‘A gente entra preparado para ganhar, tem os treinos, mas a gente nunca sabe o que vai acontecer’. Então, para o filme, isso é muito rico, porque ele vive desse clímax para poder deixar o público cativado”, ressalta André.

“Eu acho que você tem que abrir o Globoplay e assistir a este filme porque é uma jornada que vale a pena ser assistida, que vale a pena ser acompanhada. É um filme que traz risada, emociona, tem jogo, é

um filme de esporte, humano, tem personagens reais, então é um filme completo, você tem que assistir; tem tudo, você vai se divertir”, acrescenta o diretor da obra.

Para Fábio Vasconcelos, o documentário lança luz sobre uma temática que, felizmente, tem sido cada vez mais divulgada, engrandecendo ainda mais o paradesporto nacional. “Para mim, esse filme foi fantástico. Eu comecei como goleiro ali em 2003, depois segui até 2012, e em 2013 eu me tornei técnico, então eu vi essa evolução. A gente já melhorou muito essa parte da mídia, de divulgação, mas temos que melhorar ainda mais, e esse filme veio para isso”, disse ele.

“Eu tive a felicidade, depois de Paris, de seguir minha carreira, mas esse filme contou uma história minha, para mim, muito bonita, com vitórias e com derrotas também. Logo depois de Paris, recebi o convite para ser coordenador técnico da CBDV, do judô, do *goalball* e do futebol de cegos. Então esse filme, para mim, foi a cereja do bolo. Infelizmente, o título não veio, que era o objetivo da gente, mas treinamos para isso, tivemos alguns problemas de lesão nesse percurso, mas a gente chegou lá muito forte”, acrescenta

ta o ex-treinador da Seleção Brasileira.

Fábio ainda aponta que o filme reforça algo muito importante sobre o atual cenário do esporte paralímpico: a profissionalização dos atletas. “Uma das principais mensagens que esse filme deixou foi mostrar que o esporte paralímpico, não só o futebol, é composto de modalidades, hoje, profissionais. Não é o coitadinho, o ceguinho, o deficiente físico, não; são atletas que vivem disso, são profissionais, recebem salário para isso, treinam todos os dias, tem uma equipe disciplinar por trás, fisiologista, nutricionista, psicólogos. Esse filme deixou bem claro: foi o futebol que estava ali, mas mostrando que, realmente, o esporte paralímpico evoluiu bastante”, enfatizou.

Ao comentar sua presença no documentário, o goleiro paraibano Matheus Costa destacou a mudança que o esporte trouxe para sua vida e a importância de mostrar os bastidores da modalidade.

“Eu nunca imaginei que um dia eu chegaria à Seleção Brasileira, e estou lá, desde 2019, vivendo esse dia a dia, essa rotina, esses treinamentos. A minha vida mudou totalmente depois que eu me tornei um atleta profissional, e representar

o Brasil é um sonho desde criança. O que eu acho mais interessante do filme é que mostra os bastidores que ninguém conhece, mostra o dia a dia que ninguém imagina que acontece, a pressão feita nos treinamentos, nos jogos, nas preleções, durante o jogo, pós-jogo, mas também o dia a dia leve dos treinamentos, um churrasco, as brincadeiras”, inicia.

“Acho que o filme conseguiu retratar a realidade principal do atleta, o treinamento, a cobrança, o resultado que vem e que não vem, que faz parte da nossa vida de atleta. Eu acho que o time da gente é um time extremamente experiente e maduro, e a gente sabia, quando perdemos para a Argentina naquela semifinal, que não tínhamos tempo para lamentar; nós tínhamos uma medalha de bronze para correremos atrás, para buscar, então a maturidade do nosso grupo, o treinamento durante o ano, tudo que foi feito durante todo o ano de 2024 foi coroado com a medalha. Estou muito feliz por estar participando do filme, minha primeira vez em um documentário. Quero parabenizar, mais uma vez, o André e toda a equipe pelo sucesso que esse filme teve”, complementou o arqueiro.



Treinos na Praia de Cabo Branco foram de muita intensidade, antes do embarque para a disputa dos Jogos Paralímpicos de Paris, em que a Seleção conquistou a medalha de bronze



Produção acompanhou o grupo em algumas competições internacionais na França e na Inglaterra, antes dos Jogos de Paris

JOÃO FONSECA

Dirigente elogia promessa brasileira

CEO da Federação Internacional de Tênis acredita que ele, em pouco tempo, rivalizará com Sinner e Alcaraz

Agência Estado

Citado como um tenista que promete rivalizar em um futuro próximo com os principais nomes do circuito internacional da modalidade, o brasileiro João Fonseca despertou a atenção de Ross Hutchins, CEO da Federação Internacional de Tênis (ITF). O dirigente elogiou a promessa brasileira em entrevista à imprensa internacional durante esta semana.

“Alcaraz e Sinner abriram uma vantagem em termos de sucesso, mas há outros jogadores jovens, como (João) Fonseca. Não me surpreenderia se alguém surgisse e desse o seu melhor. Murray e Djokovic realmente se destacaram depois que Nadal e Federer assumiram o protagonismo. Sempre havia pessoas que surgiam. Portanto, não podemos prever o que vai acontecer no próximo ano, mas esses dois (Alcaraz e Sinner) estão em ótima fase e tem sido de tirar o fôlego assistir”, afirmou Ross Hutchins.

No cenário atual, o espanhol Carlos Alcaraz e o italiano Jannik Sinner são os principais nomes do tênis mundial. Ambos dominaram as competições da modalidade ao longo da temporada de 2025.

Considerando os oito Grand Slams disputados desde o ano passado, por exemplo, todos terminaram com títulos de Alcaraz ou Sinner (cada um venceu em quatro oportunidades).



Foto: Reprodução/Instagram @joaofonseca

João Fonseca iniciou a temporada na 145ª posição do ranking da ATP e encerra o ano na 24ª colocação. Em 2025, o carioca de 19 anos conquistou quatro torneios, entre eles o ATP 500 da Basileia e o ATP 250 de Buenos Aires.

O brasileiro não disputará mais competições oficiais esse ano. Porém, ainda fará uma partida de exibição em Miami, nos Estados Unidos, no próximo dia 8, justamente contra Carlos Alcaraz, número um do ranking.

“O que o João fez é realmente impressionante. Chegar ao top 25 no primeiro ano dele na ATP é algo muito impressionante. Se ele vai alcançar o top 3? Isso será enorme para ele”, disse Carlos Alcaraz não escondendo a sua admiração pela evolução do brasileiro.

No entanto, o número um do ranking da Associação de Tenistas Profissionais (ATP) fez um alerta. “Uma coisa é alcançar essa posição e outra é mantê-la. Consigo ver o João mudar de nível ao longo dos próximos dois anos. Se ele conseguir dar esse salto, acredito que terá coisas muito importantes e bonitas pela frente, e vamos ver como ele lidará com essa pressão”, completou o espanhol.

João Fonseca elevou demais o seu jogo nesta temporada e saiu da posição 145 no ranking mundial para a 24ª

REAL MADRID

Roberto Carlos elege David Beckham como melhor da história

Agência Estado

Um dos maiores nomes da história do Real Madrid em todos os tempos, o ex-lateral-esquerdo Roberto Carlos continua ligado ao clube mesmo após a aposentadoria dos campos. Embaixador do gigante espanhol, ele agora viaja pelo mundo para reforçar a marca da agremiação e também tem contato com as categorias inferiores a fim reforçar a identidade vencedora que impera no clube. Integrante de um elenco estelar, o brasileiro elegeu o melhor de toda geração de “galácticos” daquele plantel que fez parte: David Beckham.

“Era o melhor de todos. Zidane era de primeira linha, magnífico, mas David era o melhor nos treinos e nos jogos. Nunca falhava, era puro coração. Era o mais consistente”, afirmou o lateral-esquerdo revelado pelo União São João de Araras, em entrevista ao jornal Ás, da Espanha.

Em um grupo que tinha craques de primeira grandeza como Ronaldo Fenômeno, Figo, Zidane e até mesmo Roberto Carlos, Beckham se destacou, na opinião do defensor brasileiro, pelo seu senso de solidariedade e amizade aos companheiros.

“O Beckham não jogava



David Beckham distribuindo simpatia com as crianças em evento de um de seus patrocinadores

Foto: Reprodução/Instagram @davidbeckham

por nenhum clube, jogava pelos amigos, pelo Real Madrid, para vencer. Ele sempre pensava na equipe, enquanto os outros pensavam em si mesmos”, comentou Roberto Carlos ao traçar o perfil do companheiro.

Apesar da sua clara preferência pelo meia inglês, o jogador brasileiro também deu espaço para falar das qualidades de nomes como Zidane e Ronaldo. “Tudo o que o Zidane fazia era um espetáculo. Era um bailarino. Era diferente e eu convivia com ele todos os dias”.

Sobre o Fenômeno, os elogios foram acompanhados de uma certa emoção pela proximidade que tiveram ao longo do tempo no futebol “Crescemos juntos, é difícil falar sobre ele. Vi suas alegrias e tristezas com as lesões. Foi melhor jogador de nossa era. Mesmo quando estava um pouco acima do peso, era o melhor.”

Por fim, o ex-atleta que fez história com a camisa do Palmeiras falou também sobre o momento da Seleção Brasileira, que está sendo comandada pelo técnico Carlo Ancelotti. “Ele sabe se adaptar a qualquer clube ou seleção. O Brasil, com Ancelotti, pode fazer uma grande Copa do Mundo”, finalizou.

COPA DE 2026

Sorteio acontecerá no próximo dia 5

Com os potes já definidos, competição terá as 48 seleções divididas em 12 grupos, e evento será em Washington

A menos de 200 dias do pontapé inicial da primeira Copa do Mundo da Fifa com 48 seleções, foram definidos os procedimentos para a composição dos 12 grupos de quatro equipes cada, inéditos na história do torneio.

Um dos marcos mais empolgantes no caminho rumo à Copa do Mundo da Fifa, o sorteio final, que acontece no próximo dia 5, em Washington, às 14h (de Brasília), e terá transmissão ao vivo da TV Globo e Sportv com participações de treinadores e dirigentes das seleções já classificadas — e das que ainda disputam vaga —, no prestigiado Centro de Artes Cênicas John F. Kennedy, onde todos conhecerão seus adversários na busca pela glória máxima.

Os procedimentos do sorteio final estabelecem que os países-sede — Canadá, México e Estados Unidos — serão alocados no pote 1. As outras 39 seleções classificadas serão distribuídas nos quatro potes de 12 equipes cada, de acordo com o *Ranking* Mundial Masculino da Fifa. Por fim, as duas vagas referentes ao torneio de repescagem, assim como as quatro vagas da repescagem europeia, serão alocadas no pote 4.

O sorteio começará com todas as seleções do pote 1 sendo distribuídas nos grupos A a L. Em seguida, serão sorteados os potes 2, 3 e 4, nessa ordem.

Restrições do sorteio

No pote 1, Canadá, México e EUA — por serem países-sede — serão identificados por bolas de cores diferentes e, conforme forem sorteados, serão automaticamente posicionados em A1 (México — bola verde), B1 (Canadá — bola vermelha) e D1 (EUA — bola azul), conforme estabelecido na tabela de jogos divulgada em 4 de fevereiro de 2024. As outras nove seleções mais bem ranqueadas do pote 1 serão identificadas por bolas da mesma cor e alocadas automaticamente na posição 1 do grupo ao qual forem designadas.

Para garantir equilíbrio competitivo, dois caminhos distintos até as semifinais foram estabelecidos durante o desenvolvimento da tabela de jogos. Para assegurar uma

Potes do sorteio

■ **POTE 1**
Canadá; México; EUA;
Espanha; Argentina; França;
Inglaterra; Brasil; Portugal;
Holanda; Bélgica; Alemanha.

■ **POTE 2**
Croácia; Marrocos;
Colômbia; Uruguai; Suíça;
Japão; Senegal; RI do Irã;
República da Coreia;
Equador; Áustria; Austrália.

■ **POTE 3**
Noruega; Panamá; Egito;
Argélia; Escócia; Paraguai;
Tunísia; Costa do Marfim;
Uzbequistão; Catar; Arábia Saudita; África do Sul.

■ **POTE 4**
Jordânia; Cabo Verde;
Gana; Curaçau; Haiti; Nova Zelândia; vagas A, B, C e D da repescagem europeia; vagas 1 e 2 do Torneio Classificatório da Fifa.

Foto: Reprodução/Instagram @gianni_infantino

O presidente da Fifa, Gianni Infantino, é quem vai comandar o sorteio da Copa de 2026

distribuição equilibrada das seleções, as quatro equipes mais bem colocadas no *Ranking* Mundial terão, no momento do sorteio, as seguintes restrições: a seleção mais bem ranqueada (Espanha) e a segunda (Argentina) serão sorteadas em caminhos opostos, e o mesmo princípio se aplicará à terceira (França) e à quarta (Inglaterra). Isso garante que, caso vençam seus grupos, as duas seleções mais bem ranqueadas não se enfrentem antes da final.

Nos potes 2, 3 e 4, a posição de cada seleção dentro do grupo será determinada conforme um padrão de alocação previamente definido. O padrão de alocação está detalhado na tabela incluída no documento oficial dos procedimentos do sorteio. A posição de cada equipe dentro do grupo será então determinada pelo pote do qual ela for sorteadada e pelo grupo no qual for alocada.

Em princípio, nenhum grupo poderá ter mais de uma equipe da mesma con-

federação. Essa regra se aplica a todas as confederações, exceto a Uefa, que contará com 16 seleções classificadas. Cada grupo deve ter pelo menos uma e, no máximo, duas equipes da Uefa.

Seis

Número de seleções que ainda faltam serem definidas na Copa 2026 e virão dos torneios de repescagens

Para as duas vagas do torneio de repescagem da Fifa, visando o cumprimento do princípio geral — que determina que nenhum grupo pode ter mais de uma equipe da mesma confederação —, a restrição de confederação

será aplicada às três seleções que compõem cada um dos caminhos relacionados às duas vagas do torneio de repescagem no pote 4.

Os procedimentos detalhados do sorteio, bem como informações adicionais sobre os quatro caminhos e sobre as posições atribuídas a cada pote dentro dos grupos, estão disponíveis em Fifa.com.

Embora o sorteio final defina quais seleções se enfrentarão na fase de grupos, a tabela de jogos atualizada — com a indicação do estádio de cada partida e o respectivo horário de início — será confirmada no sábado (6), como parte do Seminário das Seleções da Copa do Mundo da Fifa 2026.

O processo de alocação das partidas, após o sorteio, busca garantir as melhores condições possíveis para todas as equipes e, sempre que possível, permitir que torcedores de todo o mundo assistam aos jogos de suas seleções ao vivo, independentemente do fuso horário.

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Uma grande ideia pouco pensada

O Conselho Técnico do Campeonato Paraibano 2026, realizado na última segunda-feira, que acabou por definir o início da competição para 17 de janeiro e por manter o mesmo formato de disputa do estadual de 2025, trouxe muitas novidades, a despeito das poucas novas notícias em relação ao torneio do ano que vem. As novidades, aliás, têm a ver com outras competições. Eis que a Federação Paraibana anunciou que vai — ou melhor, quer — organizar uma Copa Paraíba para o ano que vem. É claro que ninguém da estimada entidade leu o que este escriba escreveu aqui neste espaço, onde fiz reflexões, no dia 2 de novembro, sobre um possível retorno da competição. Os dirigentes sempre são antenados com as boas ideias e o bom debate, e com as suas funções. Aposto que pensaram antes de mim na volta do torneio. Que maravilha!

Mas não é hoje o dia de voltar a debater a Copa Paraíba. Outra novidade do encontro que decidiu sobre o Paraibano 2026 foi a criação da Recopa Paraíba. Essa, sim, que, quando for disputada, será inédita. Deve ocorrer em 2027. Aqui é interpretação minha, visto que dificilmente os clubes vão querer disputar essa taça em meio a competições nacionais, no segundo semestre, logo após, por exemplo, o fim da 2ª divisão do estadual. O que torna provável que o troféu novel esteja em jogo antes do início das temporadas. Até como uma partida que pode ajudar na preparação dos envolvidos para o ano futebolístico que irá iniciar. Só suspeito...

Fato é que vai ser um duelo entre o campeão da elite e o vencedor da 2ª divisão. É aí que pega o negócio e que o fato vira coluna. Primeiro, é claro, vale o elogio. A ideia é massa. Legal mesmo ter o confronto, a disputa, um título em jogo e tudo isso ser a Recopa Paraíba. A questão maior, no entanto, é que o duelo surge de uma premissa, para mim, equivocada. Ou, pelo menos, medíocre. E cabe à FPF entender o que é uma ideia mediana e uma compreensão mais interessante para um novo produto seu. A entidade poderia, a partir da busca por um calendário estadual um tantinho mais robusto, criar um ecossistema interligando as ideias. Está difícil de entender? Então vamos lá! Parece-me claramente mais interessante que a Recopa Paraíba fosse disputada entre o campeão da 1ª divisão do Paraibano e o campeão da Copa Paraíba. E nem se trata de uma revolução criada pela cabeça ainda inquieta do autor da coluna. Toda — tá bom, pode ser que seja quase toda — Recopa ou Supercopa que eu conheço é entre o campeão da liga e o campeão da copa. Ou, sendo até mais preciso, entre o campeão da principal competição de determinada associação e o vencedor do segundo mais importante torneio da tal associação, liga ou federação. É assim no Brasil. Na Espanha. Na Europa. Em tantos outros lugares. Nesse caso, um exemplo, para mim, a se seguir.

No nosso país, o torneio, chamado de Supercopa, é disputado entre o campeão da Série A do Campeonato Brasileiro e o campeão da Copa do Brasil. Na Conmebol, nomeada de Recopa, buscam a taça os campeões da Libertadores e o vencedor da Sul-Americana. Na Espanha, a Supercopa é entre os campeões de La Liga e da Copa do Rei.

De modo que, caso surja mesmo a Copa Paraíba, de fato, é ela que se torna a segunda principal competição do estado. E, enquanto produto, me parece óbvio que é mais interessante uma disputa entre o campeão paraibano e o campeão da Copa Paraíba. Dando mais chances para que haja clássicos na Recopa. Ou mesmo confrontos mais fortes, entre dois clubes que vão representar o estado na Copa do Brasil que virá. O campeão da 2ª divisão do estadual terá vaga assegurada na elite — o que não é pouca coisa — e terá que manter investimento e organização para buscar títulos, seja da 1ª divisão, seja da Copa Paraíba, para chegar a uma Recopa. Disputá-la em face do campeão da Copa Paraíba, que esteve na 1ª divisão passada e se manteve na elite para o ano seguinte, é contraintuitivo sob o ponto de vista conceitual do que deve ser uma biosfera saudável da bola. Afinal, é fundamental se premiar o mínimo de longo prazo em termos de profissionalismo, de sucesso esportivo. Só assim se instiga que mais clubes busquem percorrer a mesma estrada. A ideia da FPF, por óbvio, não é nenhum grande absurdo e é legítima, oriunda que é da entidade que rege o futebol paraibano. Não estou aqui julgando como grande desatino. Mas a reflexão vale, afinal, as entidades costumam pensar pouco e achar que tudo que faz é o melhor e o mais inteligente. Às vezes um time precisa de atacante e contrata um zagueiro. É legítimo. O zagueiro pode ser bom. Mas foi a melhor escolha? Dá sempre para se pensar um pouco mais...



Foto: Rafael Ribeiro/CBF

De acordo com o ranking estabelecido pela Fifa, a Seleção Brasileira está inserida no Pote 1 do sorteio em Washington

BRASILEIRÃO

Corinthians joga contra o Botafogo

Outra partida deste domingo acontece na Arena Castelão, entre Fortaleza e Atlético-MG, atrasada da 35ª rodada.

Da Redação

O Campeonato Brasileiro Série A tem apenas duas partidas hoje. O Corinthians recebe o Botafogo, na Neo Química Arena, em São Paulo, a partir das 16h, em jogo válido pela 36ª rodada; já às 18h30, o Fortaleza duela com o Atlético Mineiro, na Arena Castelão, na capital cearense, pela 35ª rodada do certame.

O duelo entre paulistas e cariocas será transmitido pelos canais Globo e Premiere. Enquanto o Timão flutua no meio da tabela, ainda sonhando com o G7, mas torcendo para abrir um G8 (o que depende de quem será o campeão da Copa do Brasil), o Glorioso busca terminar a rodada no G5, mantendo a caça ao quarto colocado Mirassol e fugindo de Bahia e Fluminense.

Nas rodadas finais do Campeonato Brasileiro, o Bota tem como objetivo confirmar uma vaga na fase de grupos da Copa Libertadores da América. Atualmente, o time tem 58 pontos e uma vaga confirmada na pré-Libertadores.

Já a equipe paulista vem de uma campanha irregular e sofreu uma derrota de 3 a 0 para o Cruzeiro no último jogo. O principal objetivo do time, neste momento, é se manter afastado da zona de



Jogadores do Botafogo no último treinamento visando o jogo de hoje, contra o Corinthians, na Neo Química Arena

rebaixamento e garantir uma posição na parte intermediária da tabela.

Desfalques

No setor defensivo, o técnico Davide Ancelotti terá que lidar com a ausência de Vitinho. No duelo contra o

Grêmio, na 35ª rodada do Brasileirão, o lateral-direito recebeu o terceiro cartão amarelo e, assim, precisará cumprir suspensão automática na partida de hoje.

No meio-campo, o Botafogo também terá uma baixa. Danilo, volante do Alvinegro,

teve uma lesão diagnóstica na coxa esquerda e ficará fora dos gramados por tempo indeterminado. O jogador se machucou no duelo contra o Grêmio, ainda no primeiro tempo. Para Dorival Júnior, a ausência confirmada é o volante José Martínez, que cum-

pre suspensão após expulsão
no final de semana.

Fortaleza x Atlético-MG

O Leão do Pici e o Galo terão embate transmitido pelo Premiere. A partida foi adiada em função da presença do Atlético na final da Copa Sul-Ame-

ricana, no sábado (22). O time mineiro acabou sendo derrotado nos pênaltis pelo Lanús, da Argentina, e ficou com o vice-campeonato da competição continental.

Hoje, o técnico Jorge Sampaoli vai contar com o retorno do meia Igor Gomes, que vinha sendo titular da equipe. Ele cumpriu suspensão na última partida devido a um cartão vermelho. Já o desfalque fica por conta de Rony, que foi expulso contra o Flamengo.

A equipe mandante, por sua vez, precisa desesperadamente da vitória se quiser sonhar com a permanência na Série A. Apesar de estar na zona de rebaixamento, com 37 pontos, o Fortaleza vem de dois triunfos (contra o Bragantino e Bahia) e quer ampliar esse número.

O time nordestino conta com um retrospecto histórico recente favorável ao duelo. O Atlético não sabe o que é vencer o Fortaleza na Arena Castelão desde 27 de outubro de 2021, quando o Galo bateu o Leão do Pici por 2 a 1, em jogo das semifinais da Copa do Brasil. Diego Costa e Hulk marcaram para o Alvinegro, e Romarinho descontou para o Tricolor, na ocasião. O time mineiro acabou campeão da competição pela segunda vez na ocasião. Desde então, foram dois empates e uma derrota. Todos os jogos foram válidos pelo Brasileiro.

FIGURA HISTÓRICA

Um imperador regido pela curiosidade

Bicentenário de nascimento resgata a figura de D. Pedro II para confrontar e repensar a própria história do Brasil

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Ele foi o sétimo filho do casal imperial, D. Pedro I e D. Maria Leopoldina, mas tornou-se herdeiro da coroa com a morte dos irmãos mais velhos, Miguel e João Carlos, e a determinação da Constituição de que mulheres só assumiriam o trono caso não houvesse nenhum homem na linha sucessória. Com um ano de idade, perdeu a mãe e, aos cinco, tornou-se príncipe regente com a abdicação do pai ao trono, que retornou a Portugal. O monarca que governou o Brasil por quase meio século e tem nome longo — Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga — passou pela história como D. Pedro II, o Magnânimo, e terá seu bicentenário de nascimento comemorado na próxima terça-feira (2).

O professor na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Leandro Garcia, tem pesquisado documentos históricos, como os diários do imperador brasileiro, e avalia a infância do príncipe como triste e solitária. Apesar de viver num palácio, os únicos familiares eram as duas irmãs, as princesas D. Francisca e D. Januária.

“O protocolo palaciano de acesso ao príncipe era muito complicado e quase ninguém tinha acesso a ele, a não ser as irmãs e os preceptores. Então, num sentido mais amplo, penso que a infância e a adolescência dele, ao mesmo tempo que tinha todas as facilidades de uma vida palaciana, foi marcada por uma formação intelectual muito forte e muito rígida, que, como pessoa e como ser humano, era um tanto solitária”, destaca.

A formação do futuro imperador era, de fato, a preocupação de seus preceptores, entre os quais José Bonifácio de Andrada e Silva. Para Garcia, os estudos aprofundados das línguas clássicas, como latim e grego, da literatura francesa e portuguesa, assim como da história, das ciências, da matemática e da astronomia moldaram muito a personalidade do jovem imperador e fizeram dele, para além de um monarca, também um grande intelectual de sua época.

Um dos documentos que permite essa afirmação é o diário escrito por ele ao longo de quase 50 anos e que é, inclusive, reconhecido como patrimônio cultural da humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Leandro Garcia considera essa uma das fontes mais importantes para pesquisas sobre a história do Brasil, ainda que seja necessário considerar que se trata do olhar de um imperador.

“Ele é regido por essa coisa tão humana que se chama ‘curiosidade’. Isso é algo muito forte nele. E ele vai registrar no diário tudo que ele encontra e que concebe como impor-

tante para a história do Brasil e a identidade brasileira”, explica o pesquisador. Essa característica fica ainda mais evidente nas anotações das viagens, sejam nacionais ou internacionais.

As anotações das viagens pelo território brasileiro tinham motivação política — conhecer e afirmar sua autoridade como chefe de Estado —, mas também revelam o profundo interesse de D. Pedro II pela história de cada província e pelos marcos históricos locais, como é o caso da ocupação holandesa na Região Nordeste. Nas viagens ao exterior, a motivação era, sobretudo, conforme aponta Garcia, conferir de perto aquilo que, ao longo da vida, ele estudara nos livros. “Um dos maiores interesses dele, por exemplo, era sobre o Egito. Então, nas duas vezes que ele foi ao Egito, fez questão de conhecer a história, a literatura e conversar com escritores e cientistas locais”, pontua.

Na viagem que realizou ao Oriente Médio, no fim do ano 1876, o imperador Pedro II esteve em territórios que hoje correspondem à Síria, Líbano e Israel. Os registros dessa visita, especialmente à Terra Santa, constituem o objeto específico da investigação de Leandro Garcia, cujos resultados foram reunidos no livro *Dom Pedro II e a Cultura Hebraica*, lançado recentemente pela Editora Francisco Alves, com o apoio da Fecomercio-SP. O escritor surpreendeu-se com a quantidade de fotografias e reportagens em jornais locais da época sobre a passagem do monarca brasileiro pelas terras palestinas e decidiu investigar também os registros de viagem e as correspondências trocadas, inclusive pela imperatriz, D. Tereza Cristina, que o acompanhou na ocasião.

“D. Pedro II é a figura mais pesquisada na ciência brasileira e isso é dito pela Capes. Então, o bicentenário de uma das personalidades mais importantes da nossa história é ocasião para fazer

uma avaliação crítica não só das coisas positivas, mas também daquilo em que ele não avançou. Esse bicentenário, de certa forma, resgata a figura dele, mas resgata, principalmente, e nos faz confrontar e repensar a própria história do Brasil”, defende.

Balanco do mais longo governo brasileiro

Leandro Garcia discorda das tendências de movimentos neomonarquistas de uma “quase canonização” da figura de D. Pedro II e prefere adotar uma postura crítica, considerando-o como homem do seu tempo que teve erros e acertos ao longo de seu governo. As principais ressalvas do docente referem-se a não criação de uma universidade — o Ensino Superior era fragmentado em faculdades — e ao retardamento da abolição da escravatura.

“Pelo intelectual que ele foi, teria condições suficientes e até de sobra para criar a primeira universidade do Brasil. Ele era um homem culto e acadêmico, de um profundo conhecimento; e, em todas as viagens que fazia para o exterior, os primeiros lugares que visitava eram as universidades locais”, argumenta o pesquisador. Ele atribui parte do atraso do Ensino Superior brasileiro à ausência de um conceito de universidade e lembra, por exemplo, que a pós-graduação só se desenvolveu no país a partir da segunda metade do século passado.

Em relação à abolição da escravatura, embora reconheça que essa decisão não passasse apenas pela vontade pessoal do monarca e dependesse também de um parlamento conservador, formado em grande parte por donos de fazendas e senhores de escravizados, Leandro Garcia avalia que tanto D. Pedro II como a Princesa Isabel, com as habilidades políticas que possuíam, poderiam ter avançado mais nessa causa. A ausência de ação para antecipar esse processo fez com que o Brasil passasse para a história mundial como um dos últimos países a libertar oficialmente a população escravizada.

Por outro lado, o professor faz questão de ressaltar o papel do imperador no incentivo à educação primária, com a construção de escolas, inclusive mistas, assim como à literatura brasileira. “Ele foi fundamental não só para impulsionar a pesquisa histórica brasileira, com a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, como também a literatura brasileira, porque ele financiava bolsas de estudo para vários escritores e poetas, assim como publicações de revistas e livros literários. Ele fez da cultura uma política de Estado e percebeu que nós tínhamos que ter uma identidade nacional, e essa é uma das maiores contribuições dele. Por isso, eu considero que ele é, realmente, um estadista”, salienta o autor.

Ocaso do imperador

Com o golpe de Estado que proclamou a República do Brasil, em 15 de novembro de 1889, D. Pedro II exilou-se na França, vivendo em hotéis modestos da capital até os seus últimos dias de sua vida. Num dos passeios costumeiros que fazia pelas margens do Rio Sena sem a proteção adequada para um ambiente de baixas temperaturas, contraiu um resfriado, que, em poucos dias, evoluiu para uma pneumonia e o levou a óbito, em 5 de dezembro de 1891.

Sepultado no Panteão dos Braganças, na Igreja de São Vicente de Fora, em Lisboa, as autoridades do governo republicano brasileiro recusaram-se a prestar qualquer manifestação oficial de pesar. No país, no entanto, foram vistas manifestações como comércios fechados, bandeiras a meio-mastro e tarjas pretas nas roupas de seus antigos súditos.

Foto: Arquivo pessoal

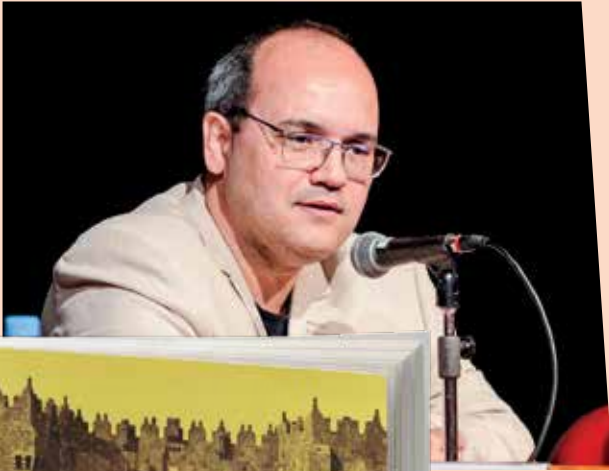


Imagem: Divulgação/Ed. Francisco Alves

Pesquisa do professor Leandro Garcia (UFMG) resultou no livro “Dom Pedro II e a Cultura Hebraica”, sobre a viagem que o regente fez ao Oriente Médio, em 1876

Imagem: Reprodução/Museu Imperial

Imperador com o traje majestático completo, na visão do pintor paraibano Pedro Américo (1843–1905)





Especialista em literatura (inclusive, na obra de José Américo de Almeida), Adylla foi a segunda mulher a ingressar na Academia Paraibana de Letras

Artigo*

Heróis sem rosto

Nos filmes e séries norte-americanos, veteranos de guerra são frequentemente cumprimentados com a frase “Obrigado pelos seus serviços”. Esse gesto simples simboliza reconhecimento coletivo e legitimação histórica. No Brasil, porém, soldados negros, indígenas e descendentes de africanos que lutaram na Guerra do Paraguai permanecem invisíveis. Apesar de representarem parte significativa das tropas brasileiras, como mostrou Francisco Doratioto, em *Maldita Guerra*, eles foram sistematicamente omitidos da narrativa oficial.

Essa exclusão não é accidental. A identidade nacional foi construída com base em referências europeias, de acordo com Lília Mortiz Schwarcz e Heloiza Murgel Starling, em *Brasil: uma Biografia*, ignorando contribuições afro-indígenas e reforçando uma ideia de heroísmo associada às elites brancas. A escravidão, sustentada por uma legislação que transformava pessoas em propriedade, dificultou qualquer reconhecimento posterior, mesmo quando esses indivíduos foram enviados *ao front*, como explicitado por Abdias Nascimento, em *O genocídio do negro brasileiro*. A abolição, tardia e sem medidas reparatórias, consolidou esse desligamento entre sacrifício e reconhecimento.

Somado a isso, o influxo de imigrantes europeus no fim do século 19 contribuiu para a fragmentação da memória. Conforme apontado por Darcy Ribeiro, no clássico *O povo brasileiro*, muitos desses imigrantes chegaram sem relação com a história militar brasileira e passaram a reproduzir suas próprias tradições culturais, reforçando modelos identitários distantes da realidade nacional anterior à sua chegada. Resultado: os verdadeiros protagonistas de batalhas fundamentais foram substituídos por per-

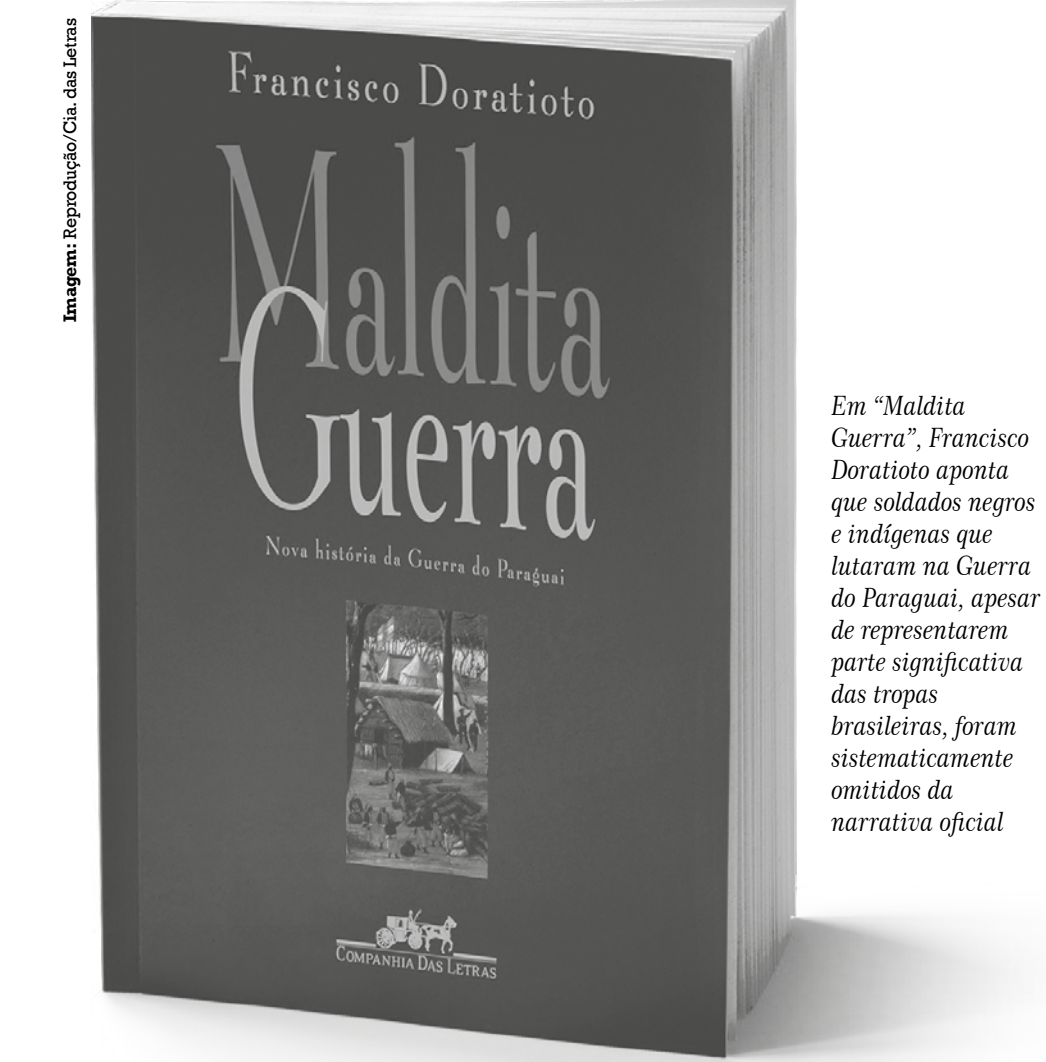


Imagem: Reprodução/Cia. das Letras

Em “Maldita Guerra”, Francisco Doratioto aponta que soldados negros e indígenas que lutaram na Guerra do Paraguai, apesar de representarem parte significativa das tropas brasileiras, foram sistematicamente omitidos da narrativa oficial

sonagens simbólicos mais palatáveis ao imaginário dominante.

A persistência do apagamento afeta diretamente a noção de pertencimento. Quando a história é contada como se apenas alguns tivessem construído o país, os demais perma-

necem como figurantes. O impacto é profundo: quem não se vê na história, não se reconhece no presente. Incorporar ancestralidade, espiritualidade e a cosmologia dos orixás nessa revisão historiográfica é uma forma de reparação simbólica indispensável. A espiri-

nidade de matriz africana serviu como fonte de resistência emocional para muitos combatentes, sustentando-os diante da violência e do abandono, conforme Reginaldo Prandi analisou em *As religiões afro-brasileiras e a resistência cultural*.

Recontar essa história exige coragem e honestidade. O silêncio que recaí sobre esses heróis parece ser parte ativa da manutenção das desigualdades. Romper com essa lógica significa devolver voz e dignidade aos que lutaram sem serem lembrados. Reconhecê-los não corrige apenas registros: reconfigura os fundamentos da identidade nacional e redefine quem tem o direito de dizer com legitimidade: “Este país também foi construído por mim”.

Como homenagem a um herói esquecido, cita-se o capitão Marcolino José Dias, dos zuavos da Bahia, que, no cerco ao Forte de Curuzú, escalou a muralha inimiga, arrancou a bandeira paraguaiá e hasteou o pavilhão brasileiro ao grito de “Está aqui o negro zuavo baiano!”. Que sua coragem simbolize o resgate da memória e a reparação histórica de todos que lutaram pelo país, mas jamais receberam o devido reconhecimento.

(*) Excepcionalmente, não teremos a coluna dominical de Angélica Lúcio, que retornará no dia 14 de dezembro.

(**) Edison Reis é autor do livro *Fernão e a Epopeia da Coluna dos Pretos*, que marca a sua estreia na literatura e apresenta o protagonismo das pessoas negras na Guerra do Paraguai.

Adylla Rabello

Conhecimento é o grande mecanismo para viver

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

A figura da mulher que foi educada para ser dona de casa, mas que, com polidez e dedicação, fez das letras sua profissão de fé e de vida, pode muito bem ser representada, na Paraíba, por Adylla Rabello. Escritora e especialista em Literatura, dedicou-se com afinco aos estudos do romancista José Américo de Almeida e foi a segunda mulher a ingressar na Academia Paraibana de Letras (APL).

Adylla Rocha Rabello nasceu em 5 de dezembro de 1931, na antiga Rua das Flores, atual Pe. Azevedo, na capital paraibana. A filha de Francisco Soares da Rocha e Ana de Abreu da Rocha fez os primeiros estudos no Grupo Escolar Tomás Mindelo, transferindo-se, depois, para o Colégio Nossa Senhora das Neves, onde realizou os estudos secundários. Casou-se nos anos 1950, com o empresário Humberto Lins Rabello, com quem teve cinco filhos: Céli-da, Humberto Flávio, Roberto Cláudio, Gerardo e Celeida.

“Minha mãe era uma pessoa extremamente aplicada, e, mesmo não sendo permitido trabalhar porque os maridos não deixavam, ela nunca se desligou dos estudos. Se mandava de um jeito, ela fazia de outro. Então, ela começou a estudar francês e fez até curso na Universidade Nancy, pela Aliança Francesa. Somente quando eu comecei a cursar Direito foi que ela conseguiu que papai permitisse a ela fazer o curso superior. Então, ela entrou no Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e concluiu quase em tempo recorde, gra-

ças à boa formação intelectual que possuía”, conta o jornalista e apresentador Gerardo Rabello.

Dai por diante, a professora Adylla não deixou passar as oportunidades. Especializou-se em Língua e Literatura Francesa (1983), concluiu mestrado em Letras-Literatura Brasileira (1989) e atuou como guia e intérprete da Língua Francesa no Museu da Fundação Casa de José Américo (FCJA), onde depois foi diretora e responsável pela programação cultural até 2001. Com todo o acervo do romancista e político paraibano ao seu dispor, Adylla empreendeu pesquisas que lhe valeram o reconhecimento como referência nos estudos sobre José Américo.

“Ela pegava os originais dos livros que Zé Américo datilografava e analisava a escrita, a substituição de palavras e as correções ortográficas. Esse trabalho aparece na pesquisa dela o tempo inteiro. São vários livros, sempre trazendo, lembrando e estudando Zé Américo e o que ele escreveu”, revela o filho.

A crítica genética, gênero de crítica literária que analisa manuscritos para descobrir nuances do processo criativo dos autores, era o procedimento metodológico que Adylla utilizava, como revelou numa entrevista concedida ao jornalista Frutuoso Chaves, em 1990, para o semanário *A Carta*:

“Enquanto a edição crítica de uma obra se prende aos textos publicados e até reelaborados, sanando-se todos os problemas de erros e distrações gráficas, a crítica genética vai mais além. (...) Você analisa as rasuras, borrões, acrés-

cimos, retiradas, traços fortes na forma da Cruz de São Tomé anulando trechos e páginas. Então, você chega a penetrar no laboratório poético do autor. É como se você estivesse assistindo à produção daquele texto. Você consegue dimensionar êxtases e presenciar o momento em que as musas inspiradoras baixam e o autor se vê compelido a produzir. E a crítica genética consegue provar que nem sempre o texto é fruto imediato da inspiração”.

Dentre os títulos publicados por Adylla Rabello, estão *Pareço-me comigo: uma aventura carnavalesca de José Américo de Almeida* (1987), *60 anos de A Bagaceira* (1988), *José Américo de Almeida nos bastidores* (1994), *Abelardo Jurema, da Prefeitura de Itabaiana ao Ministério da Justiça* (2000) e *O verbo amar em três tempos* (2000). Paralelamente, a escritora contribuía com crônicas e ensaios para a imprensa especializada como o mensal *O Sol – A Revista do Nordeste* e os semanários *Jornal Gente* e revista *A Semana*. Segundo Gerardo Rabello, foram mais de 30 anos de produção, incluindo a colaboração para a imprensa local, como *O Norte*, **A União** e o suplemento literário *Correio das Artes*.

Essa produção conduziu Adylla Rabello à eleição para a Academia Paraibana de Letras, como segunda mulher a ocupar uma cadeira na Casa de Coriolano de Medeiros, sendo empossada em 1º de setembro de 1995. O jornalista e também acadêmico José Nêumanne

Pinto ingressou na APL três anos depois, mas já frequentava a casa da família de Adylla havia algum tempo. Além das memórias dos diálogos literários, ele destaca o cuidado na escrita e a pesquisa literária.

“Ela escrevia muito bem e com muito conhecimento histórico da literatura. Tinha uma coisa que é fundamental e muito necessária e que fez com que entrasse, inclusive, na academia: ela amava a literatura brasileira e amava a língua portuguesa. E aprofundou-se nisso ao ponto de fazer uma coisa que acho que hoje não deve ter em nenhuma faculdade no Brasil nem ninguém fazendo um trabalho magnífico com a crítica genética. Eu admirava muito esse trabalho, e ela me honrou fazendo isso com um livro meu, de poemas, de uma forma que, para mim, foi muito satisfatória”, conta Nêumanne.

Aprimoramento, sempre

Como docente, Adylla Rabello lecionou português e francês no seminário dos padres Jesuítas, na Aliança Francesa e em algumas escolas da rede pública, onde não conseguiu se adaptar à rebeldia da juventude. Trabalhou na revisão de livros de outros acadêmicos e notáveis do meio literário e mantinha uma preocupação com o correto uso da língua e da gramática. Tanto que, ainda hoje, quando o filho ou a nora escutam alguma expressão diferente,

lembram-se imediatamente de como a professora agiria, fazendo imediatamente as correções.

“Ela sempre me acompanhou no meu trabalho e era uma excelente crítica. Às vezes, queria fazer revisão dos meus textos, mas quem escreve na imprensa diária precisa ter uma rapidez muito grande, pois a gente termina uma coisa e já está fazendo outra para o dia seguinte, e não dava tempo dela fazer as revisões que gostaria. Certos momentos ela queria trazer o texto dela para o meu texto e eu não permitia. E assim a gente acabava discutindo, mas era sempre muito saudável e eu aprendi demais com isso”, relembra Gerardo Rabello.

Graças à experiência na comunicação, Gerardo contribuía com a mãe em seu ativismo cultural, que se tornou ainda mais intenso após a morte do esposo. Além dos eventos, encontros e reuniões da APL, Adylla também promovia atividades como membro do Conselho Estadual de Cultura, da Associação Paraibana de Imprensa (API) e do Comitê da Aliança Francesa.

A educação de sua época, que formava a mulher para ser dona de casa, fez Adylla desenvolver artes em outras áreas, como costura, culinária e pintura.

Gerardo recorda que, ainda pequeno, quando o pai viajava a trabalho e o dinheiro deixado para as feiras se mostrava insuficiente, a mãe fazia vestidos, bordados ou pintava telas a óleo para

vender e complementar a renda. Muitos desses quadros foram recuperados, anos depois, pelo filho, para fazer uma bela homenagem-surpresa.

“Ela foi uma moça de classe média que, como a maioria da sua geração, foi preparada para ser a esposa e não a condutora dos processos, mas que, pelo talento e pela humildade, conseguiu enfrentar situações e vencer pelo intelecto. Ela fez do conhecimento a grande arma e o grande mecanismo para viver e conseguiu formar os filhos com dignidade e se tornar uma mulher com bastante expressão e representação intelectual de seu tempo”, completa Gerardo Rabello.

Na entrevista ao jornalista Frutuoso Chaves, para o semanário *A Carta*, a escritora agradeceu aos desígnios divinos por não ter se iniciado nas letras muito cedo, pois, do contrário, já estaria aposentada. “Acontece que eu continuo gostando de trabalhar, estudo bastante, pesquiso, busco o aprimoramento e isso ajuda a minha cabeça. Talvez eu tenha, aí, a resposta para quem me acha muito jovem para os cinco filhos e os netos que tenho. É como se houvesse o perfil da estudante mascarando a realidade”, comentou.

Adylla Rocha Rabello faleceu em 20 de julho de 2015, aos 83 anos, em sua residência, por complicações decorrentes de acidentes vasculares cerebrais (AVCs) sofridos nos dois últimos anos de vida.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Do caipira ao sertanejo de raiz — VIII

Muito comum entre as duplas cantantes é a primeira voz ser interpretada por um(a) soprano e a segunda, por um(a) contralto ou tenor. Para essa constatação, observe-se a dupla Cascatinha (segunda voz) e Inhana (primeira voz). Mesmo em duplas mistas, esse processo se faz constante, com a primeira voz fazendo o solo, e a outra, ora fazendo a segunda voz, ora a harmonia, ou acompanhamento que enriquece o som.

Dentre as poucas duplas femininas, uma merece destaque: Mary (Zuil) Galvão (Ourinhos, SP, 1940) e Marilene Galvão (Palmital, SP, 1942–São Paulo, 2022), que se consagraram como As Irmãs Galvão, nome que, por influências de natureza numerológica, em 2002, mudou, simplesmente, para “As Galvão”.

Estimuladas pelo pai, desde a primeira infância, em 1947, elas foram levadas a cantar. Tanto é que, já naquele tempo, estrearam em programa infantil, na Rádio Club Marconi, de Paraguaçu Paulista, quando despertaram a atenção. Dai em diante, devido ao sucesso alcançado, a dupla passou por várias emissoras paulistas, entre elas Difusora de Assis, Clube Maringá, Piratininga, Nacional, Bandeirantes, Cultura e América.

A primeira gravação veio a acontecer em 1955, com o 78 rpm (“Rincão Guarany”/“Carinha de Anjo”), pela RCA, mas o grande sucesso foi o registro, em 1959, de “Quero beijar-te as mãos” (Arsênio de Carvalho e Lourival Faissal), pela Chantecler. Sempre com predominância do estilo sertanejo, a dupla gravou de 1955 até 2017, havendo passado pelas grandes gravadoras, como RCA, Philips, Warner, Continental, Chantecler...

Tendo elas começado a gravar em 1955, com já referido, a carreira das irmãs foi até o ano de 2021, tornando-as



Foto: Sérgio Savarese/Reprodução

Nas comemorações dos 50 anos de carreira, as Irmãs Galvão, ladeando Sula Miranda

a dupla de maior longevidade na MPB, com um repertório sempre baseado na música sertaneja, inclusive servindo de inspiração para outras duplas semelhantes, como Irmãs Celeste, Irmãs Souza, Duo Ciriema, Duo Brasil. Elas mesmas se

acompanhavam, com Mary ao acordeão e Marilene, à viola e ao violão.

As Irmãs Galvão “passearam” por vários estilos, sendo a primeira dupla a gravar uma lambada (“No calor dos teus braços”, de Nicério Drumond e Cecílio

Nenna), em 1986, mas também gravaram criações de Chico Buarque, Baden Powel, João Bosco e Raul Seixas.

O maior repertório das Irmãs Galvão, obviamente, origina-se da música caipira e sertaneja de raiz, como “Tristeza do Jeca” (Angelino de Oliveira), “Cabocla Tereza” (João Pacífico e Raul Torres), “Chalana” (Mário Zan e Arlindo Pinto), entre muitas outras.

Em apresentações, elas mesmas se acompanhavam, com Mary ao acordeão e Marilene à viola e ao violão. O estilo e o modo de cantar delas serviram de inspiração para outras duplas semelhantes, como Irmãs Celeste, Irmãs Souza, Duo Ciriema, Duo Brasil.

Comemorações dos 50 anos de carreira aconteceram numa apresentação realizada no Parque Água Branca, em São Paulo, em 1997, com a presença de cerca de seis mil pessoas e que contou com a participação da dupla Cézár & Paulinho, Sula Miranda e Tinoco e Tinoquinho.

Com anúncio da própria Mary, o fim da carreira da dupla aconteceu em 2021, em face de Marilene começar a padecer do mal do Alzheimer, doença que a levou a óbito, em 2022.

O distrito de Supezal, na Zona Rural da cidade de Paraguaçu Paulista, fez inaugurar o Memorial das Irmãs Galvão, exatamente no local onde elas haviam dado os primeiros passos na carreira artística, no final da década de 1940.

Na fonografia, elas estiveram em atividade de 1955 a 2017, com a gravação de inúmeros fonogramas, álbuns, CDs e DVDs, com os quais obtiveram vários prêmios e troféus, incluindo o Prêmio Sharp (1993) e o Grammy Latino (2002), além de inúmeros títulos, inclusive o de Honra ao Mérito, ofertado pela Ordem dos Músicos do Brasil (2011).

WINDOWS 11

Barra de tarefas ganha atualização com IA

Uma das maiores mudanças na história do sistema operacional, a nova ferramenta permite ações autônomas para executar funções no computador

Alice Labate
Agência Estado

A Microsoft deu início a uma das maiores mudanças na história do Windows ao integrar inteligência artificial (IA) ao sistema, permitindo ações autônomas para executar tarefas no computador. O primeiro passo dessa reformulação aparece na barra de tarefas do Windows 11, que agora, com IA, pode realizar pesquisa de dados, organizar arquivos, automatizar ações e interagir com o usuário de forma direta.

Segundo a empresa, a proposta é que o Windows deixe de ser apenas um ambiente de aplicativos e passe a funcionar como uma “tela para IA”, com a tecnologia integrada ao sistema para ajudar em atividades diárias.

Essas IAs ficam acessíveis pela barra de tarefas, dentro do novo recurso Ask Copilot, que combina busca de arquivos locais, conversa com o Microsoft 365 Copilot e acesso a IAs de terceiros.

O usuário vai poder selecionar uma IA, pedir uma tarefa e acompanhar o andamento sem ficar abrindo várias janelas: basta passar o mouse sobre o ícone para ver uma prévia do processo e, quando ficar pronto, a própria barra de tarefas vai indicar visualmente.

Para quem se preocupa com privacidade ou excesso de automação, a Mi-

crosoft afirma que tudo é opcional, ou seja, a IA só funciona se o usuário ativar o recurso. Além disso, cada IA trabalha dentro de um espaço “isolado”, separado da área de trabalho principal do Windows, que funciona como um “laboratório”, no qual a IA pode executar ações sem risco de interferir diretamente nos arquivos do usuário ou em outras tarefas do sistema.

A tecnologia por trás dessa integração é o MCP (Model Context Protocol), um padrão aberto que permite que essas IAs descubram ferramentas, acessem aplicativos e interajam com o sistema de forma padronizada. Para a Microsoft, isso vai permitir que desenvolvedores criem novas IAs que usem o sistema de forma autônoma e mais inteligente.

Além da barra de tarefas, a empresa também está expandindo o uso da IA para outras áreas do Windows 11. O Explorador de arquivos ganhará integração com o Copilot, permitindo resumir documentos, criar e-mails e responder perguntas sobre arquivos com um clique.

O recurso das inteligências artificiais na barra de tarefas ainda está em fase de testes e será liberado gradualmente, sem data definida para chegar a todos os usuários.

Como funcionam as IAs? Quando o usuário digitar “@” na caixa de pes-

Inclusão

Proposta é que o Windows passe a funcionar como uma “tela para IA”, com a tecnologia integrada ao sistema para ajudar em atividades diárias

quisa do Ask Copilot, o Windows vai exibir todas as IAs disponíveis no computador, tanto as da Microsoft quanto as de terceiros.

Depois de escolher uma inteligência artificial, o usuário digita o comando, descrevendo o que deseja que aconteça, e, a partir daí, a tecnologia começa a trabalhar ime-

diatamente, aparecendo como um ícone na barra de tarefas, como se fosse um aplicativo minimizado.

Enquanto isso, o usuário pode continuar trabalhando normalmente e, se a inteligência artificial precisar de permissão para acessar um arquivo ou confirmar uma ação, o ícone mostrará um ponto de exclamação amarelo. Quando a tarefa terminar, o ícone exibirá uma marca verde indicando a conclusão.

Todo o resultado final da inteligência artificial, seja um resumo, uma análise, uma tabela ou um e-mail, aparecerá no aplicativo Microsoft 365 Copilot, mesmo quando a inteligência artificial for de terceiros. Essa centralização garante que o usuário acompanhe tudo em um único lugar, mantendo o sistema organizado e o processo transparente.

Charada

Resposta da semana anterior: erva gramínea (2) = grama + a mim (1) = me. Solução: bairro da capital paraibana (3) = Gramame.

Charada de hoje: Um defeito em um membro inferior (1) do escritor italiano (2) fazia dele um erudito afetado (3).

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br



Ilustração: Bruno Chiossi



Eita!!!!

A história por trás do símbolo @

Todo dia, em atos banais e corriqueiros, é normal digitar o arroba (@) diante de um computador ou num smartphone. O mesmo ato é repetido inúmeras vezes, por diversas pessoas, há muito tempo. Entretanto, a grande maioria desconhece a razão de uso desse “a com uma voltinha”. Veja a seguir algumas curiosidades por trás de um dos símbolos mais usados no nosso cotidiano virtual.

Origem: muito antes da internet

Segundo a TechTudo, embora a origem exata do símbolo arroba seja desconhecida, existem algumas hipóteses mais aceitas. Uma delas é a teoria que aponta que monges da Idade Média criaram o símbolo para economizar espaço em manuscritos, combinando as letras da palavra “ad” — que, em latim, significa “em direção a”. Outra hipótese diz que escritores franceses criaram o @ para diminuir os riscos de caneta necessários para escrever “à”, que significa “para”. O primeiro registro escrito documentado do @ ocorreu em uma carta escrita pelo comerciante de Florença, Francesco Lapi, em 1536. Acredita-se que o homem usava o arroba como unidade de medida para transportar vinho em grandes jarras de barro. Provavelmente por causa disso, o @ foi usado, mais tarde, por outros comerciantes e profissionais de contabilidade. No comércio, o arroba passou a ser um símbolo para indicar o custo unitário, como “cinco maçãs @ US\$ 5 cada”, indicando que o custo total de cinco maçãs seria de US\$ 25.

Outros nomes

O símbolo @ ficou conhecido como “arroba” no Brasil e em outros países latinos por causa de uma coincidência histórica ligada às unidades de peso. A palavra “arroba” vem do árabe “ar-rub”, que significa “quarta parte”, e era usada para indicar uma fração de um “quintal” — uma antiga medida de peso. No comércio, principalmente no transporte de mercadorias como azeite e vinho, o símbolo @ já era usado para representar a unidade “arroba”. Em outros locais, o arroba é chamado por italianos de “caracol”, por holandeses e alemães de “cauda de macaco” e, em outros países, de “tromba de elefante” ou “pretzel”.

Popularização da internet

O arroba foi utilizado pela primeira vez nos e-mails em 1971. Na época, o engenheiro Ray Tomlinson (foto acima), que trabalhava na empresa BBN Technologies, precisava conectar pessoas que programavam computadores, de modo a permitir a troca de mensagens entre elas. Para fazer isso, Tomlinson criou um endereço de duas partes, capaz de enviar e receber mensagens. Na primeira parte, estava o nome do remetente ou destinatário e, na segunda parte, o identificador do computador.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 – pétiã; 2 – cauda do pássaro; 3 – cauda do gato; 4 – pílão; 5 – cachimbo; 6 – carogo; 7 – brinco; 8 – bracelete; e 9 – cabelo.

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondessa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)

